revista | série de psicanálise

topos

REVISTA TOPOS, V. 14, ANO 2017

ESPAÇO MOEBIUS PSICANÁLISE

Revista TOPOS, V. 14 / Ano 2017

Designer gráfico: João Paulo Ferreira

Revisão: Ariana Lucero

CORPO EDITORIAL

Comissão Editorial:

Claudia Mascarenhas Fernandes (Coordenação)

Denise Carvalho Barbosa

Maria Fernanda Diniz

Helenita Yolanda Monte de Hollanda

Lorena Reis

Rosana Velloso

Conselho Editorial

Aurélio Souza

Cláudia Mascarenhas

Denise Carvalho Barbosa

Letícia Patriota

Liane Trece

Luiz Alberto Tavares

Sandra Pedreira

Espaço Moebius Psicanálise

Av. Antônio Carlos Magalhães, 811- sala 1304 – Ed. Joventino Silva

Itaigara, Salvador, Bahia, Brasil – CEP 41825-000

E-mail: topos.espacomoebius@gmail.com

Telefone: +55 (71) 3358-2051

http://www.espacomoebius.com.br/revistatopos

A TOPOS nº 14, a primeira revista em formato digital do Espaço Moebius, nasce de um bom encontro entre colegas que se propuseram a trabalhar com vontade e dedicação a esse projeto.

Nossa revista visa a circulação de diversos temas psicanalíticos e o intercâmbio ampliado com interlocutores interessados e dispostos a participar da construção desse espaço que inauguramos agora. Buscamos, assim, tecer novos laços e estamos abertos às novidades e desdobramentos que esse movimento possa promover.

Que nossa aposta e desejo decidido se renovem a cada ano de produção da TOPOS e que você, leitor, encontre bons momentos nas suas leituras.

Rosana Velloso
Comissão Editorial

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO DA REVISTA TOPOS 04

EDITORIAL 05

APERTE-ME BEM FORTE 08

DO SINTOMA AOS SINTOMAS 13

A ILÓGICA DO SINTOMA PELO OLHAR DE LALÍNGUA 19

PARADOXOS 24

SINTOMA-METÁFORA E SINTOMA-LETRA NA DIREÇÃO DA CURA 28

A INTERVENÇÃO NA CLÍNICA COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: O DRAMA DA PUBERDADE 34

CHE VUOI?, O LUGAR DE MARIA 38

UMA DOR QUE O TEMPO NÃO APAGA 41

A NOITE DO LADRÃO É A MESMA NOITE DO POETA 47

O PRIMEIRO, O SEGUNDO E O TERCEIRO ENSAIOS SOBRE A SEXUALIDADE INFANTIL 53

AS DEPRESSÕES, O LUTO E A MELANCOLIA 60

NOMAS DE PUBLICAÇÃO 62

LINKS

APRESENTAÇÃO

CORPO EDITORIAL

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

ENDEREÇO DE CONTATO

EDIÇÃO ATUAL

EDIÇÕES ANTERIORES

REVISTA TOPOS, V. 14, ANO 2017

APRESENTAÇÃO DA REVISTA TOPOS

La banda de Möbius de Adam Pekalski

O espaço virtual que nos parece tão familiar atualmente, nesse tempo "pós invenção da internet", é também um espaço sem bordas, sem dimensões, e que subverte a episteme das relações humanas. É nesse espaço virtual que o Espaço Moebius Psicanálise vai inaugurar mais uma vez sua inserção subversiva: a publicação da nossa Revista TOPOS, publicada em formato impresso pela primeira vez no ano de 1990, em Salvador, Bahia, e agora lançada em formato digital.

É sabido que o nome do Espaço Moebius tem inspiração na topologia lacaniana. E sobre os efeitos dessa nomeação, seguindo as propriedades da fita de Moebius, temos, para além da ideia de não distinção das bordas, a noção de transformação: cortando-a ao longo do centro, produz-se uma fita com duas reviravoltas ao invés de duas fitas, que não será fita de Moebius. Se cortada ao longo de um terço do caminho, criam-se duas fitas em torno de si: uma que será fita de Moebius, a outra será uma fita com duas reviravoltas. Outras análogas fitas podem ser obtidas da mesma forma se juntar fitas com duas ou mais meias-voltas, em vez de uma. Por exemplo, uma fita com três meias-voltas, quando dividida longitudinalmente, torna-se um trançado de fitas amarradas em um trevo de nó, e assim sucessivamente, o que nos fala das fronteiras e bordas.

Considero necessário resgatar a ideia de que o lugar criado por Freud para a psicanálise foi o da subversão, em Lacan retomado como subversão do sujeito. É nessa mesma direção que esse ano o Espaço Moebius se lança na publicação de uma revista na internet, para ampliar, como instituição psicanalítica, o espaço da formação permanente. Sendo o Espaço Moebius um lugar de formação de analistas, a partir dos fundamentos de Freud e de Lacan, aberto às fronteiras, disposto às voltas da transmissão da psicanálise, a revista TOPOS virtual mantém de modo criativo e insistente esses mesmos propósitos, nesse outro espaço que também trabalha com a subversão das fronteiras, sem fim nem início, um TOPOS de transmissão também, em forma de revista.

Convido todos vocês a participarem, do modo que lhes for possível, enviando trabalhos para publicações, lendo, divulgando, enfim, participando de todas essas possibilidades na transmissão da psicanálise. Compartilho com minhas colegas da comissão de publicação, com os colegas membros do Espaço Moebius e com todos os colegas do Brasil e do exterior, mais uma possibilidade de transmissão, de colaboração e de troca nesse espaço sem fronteiras e com muitas possibilidades.

Claudia Mascarenhas Fernandes
Comissão Editorial

Francis Bacon—Sphinx—Portrait of Muriel Belcher, 1979

EDITORIAL

Caro leitor,

É com muito entusiasmo e alegria que apresentamos a Revista Topos nº 14, que, ao inaugurar sua versão digital, mantém-se solidária aos princípios éticos que sempre a nortearam: o compromisso e o rigor orientados pela soberania de uma prática clínica sustentada pela Psicanálise.

O leitor, logo à primeira impressão, verá que o "Sintoma" é o tema que prevalece nessa edição, e isso se explica por tratar-se de uma publicação, em sua maioria, de trabalhos apresentados na Jornada do Espaço Moebius, em 2016, a qual privilegiou esse tema. Há, também, trabalhos apresentados em Cartéis, resenha e artigos de autores que, amavelmente, nos homenagearam e honraram com suas produções. A nossa aposta é que isso implique, de antemão, um mergulho que proporcione ao mergulhador grande satisfação.

Aperte-me bem forte, artigo de MARC DARMON, é um provocativo convite à reflexão sobre a serventia, a utilidade instrumental do nó borromeano na prática e no discurso psicanalítico, e sobre o caráter de ruptura que esse introduz, levando o autor a colocar em relevo o desafio que comparece na Obra de Lacan entre a clínica do significante e a topologia, a qual converte e reverte esse dispositivo.

No desfiladeiro desse desafio entre significante e topologia seguiremos o percurso de Lacan, de mãos dadas com o autor AURÉLIO SOUZA que, ao traçar uma trajetória - ***Do Sintoma aos sintomas*** -, nos faz banhar em águas cristalinas com sua escrita, em vez das águas turvas, remexidas pela complexidade que o tema comporta. Ancorando-se na topologia da cadeia borromeana, o autor defende a ideia de um Sintoma único com seus desdobramentos e que, longe de conferir-lhe um status psicopatológico, trata-se das posições de heteridade do sujeito; assegura, pois, ser isso o melhor que o sujeito pode fazer para sustentar-se na vida, ainda que de

REVISTA TOPOS, V. 14, ANO 2017

forma inconveniente. Restará, então, a esse sujeito a opção de elaborar, no processo de análise, um saber-fazer com o seu Sintoma e se valer disso para se-fazer-Ser.

Fiel a essa linha de pensamento, o autor ELIECIM FIDELIS nos apresenta - com a poesia própria de sua escrita -, importantes asserções acerca da ***Ilógica do Sintoma pelo Olhar de Lalíngua*** e suas implicações na prática clínica, para quem a lógica da direção da cura deve comportar a ilógica dessa "estranha partitura escrita pelo sujeito do inconsciente".

Essa questão a veremos reverberar em ***Paradoxos***, instigante artigo de ZEILA TOREZAN que, convocada pelo cotidiano de sua clínica e guiada pelos ensinamentos de Freud e Lacan, se interroga sobre as implicações desses paradoxos e suas consequências na prática da Psicanálise que, de certo modo, urge manter esse contrassenso, porém, sem perder de vista a importância do aspecto terapêutico.

O artigo ***Sintoma-metáfora e Sintoma-Letra*** na direção da cura, de autoria de ROSANA VELLOSO, inspirado e ilustrado por fragmentos de dois casos clínicos, revela um percurso teórico preciso, do qual a autora extrai consequências: uma articulação entre a constituição do sujeito, o sintoma e a letra, na direção da cura. Temos, assim, o testemunho de uma clínica que, se por um lado, norteia-se por um constructo teórico, por outro, é o que lhe dá sustentação.

A intervenção na clínica com crianças e adolescentes: o drama da puberdade, trata-se de um interessante artigo em que a autora LÍGIA ARRUDA LIMA aborda a especificidade dessa clínica que aponta para os tempos da constituição do sujeito, em consonância com as ideias da psicanalista Alba Flesler. Será essa especificidade mesma que levará a autora, através de um recorte clínico, dar provas da importância de se levar em consideração, não apenas o sujeito, mas o sujeito em seu tempo de constituição.

Solidária a esse pensamento e valendo-se, igualmente, dos aportes de Alba Flesler, veremos a autora CARLA CRISTINA DE BARROS DRATOVSKY reafirmar a especificidade da clínica com crianças, para quem os tempos do sujeito na estrutura contam e obedecem a uma operação lógica. Caberá ao analista ler na tessitura dessa constituição o que emperra e intervir para que haja a possibilidade de um devir. Isso é o que testemunhamos neste importante artigo ***Che vuoi?, O lugar de Maria***, em que a sustentação teórica é iluminada pelos fragmentos de um caso clínico.

Em ***Uma dor que não se apaga***, denominação poética do artigo de LUIZ ALBERTO TAVARES, o acompanharemos em sua ampla incursão à temática do luto. Valendo-se das concepções de Freud e Lacan, o autor aborda seus aspectos, sua função, caminhos e descaminhos: assinala que o luto - enquanto constitutivo da estrutura do desejo - portanto, em sua relação com o objeto a, aliado à dimensão do luto vivenciado na experiência singular do sujeito poderá tomar variados caminhos: o *Acting out*, a *Passagem ao ato* e o *Ato.* Em sua minuciosa análise das anotações de Barthes em "Diário de um Luto", e sua leitura atenta e sensível, o autor nos brinda com uma contribuição original, ao referir-se à recusa ao luto e ao que esta contém de paradoxal.

Seguindo a trilha literária, MAÍRA PONDÉ DE SENA, em seu belo artigo ***A noite do ladrão é a mesma noite do poeta***, em um diálogo com seus pares traz uma importante discussão sobre a posição perversa. A Obra de Jean Genet guiará as reflexões da autora que comunga com a ideia de que a literatura tem, por vocação, a "transmutação do sofrimento em gozo". Se bem a entendemos, podemos concluir que a escrita de Genet cumpriu bem essa função: encontrando guarida na literatura, esta não o salvou do drama da existência, mas deu-lhe sustentação e, possivelmente, o livrou de uma tragédia.

E, por falar em perversão, o precioso ensaio de CLÁUDIA MASCARENHAS FERNANDES, intitulado ***O primeiro, o segundo e o terceiro ensaios sobre a sexualidade infantil*** resgata, de modo providencial, a originalidade e a atualidade do texto freudiano. A autora se interroga sobre como se deu e em que momento a noção de sexualidade infantil adquire o status de um conceito. Ela defende a noção de perversão ligada à noção de sexualidade infantil como o que institui uma reviravolta em relação às concepções vigentes, decisiva para o campo inovador da psicanálise, e nomeia três períodos da pesquisa freudiana que possibilitaram a formulação conceitual de sexualidade infantil: o mapeamento do campo, a reviravolta dos conceitos e a construção da teoria.

O convite para outras leituras fica a cargo de LETÍCIA P. FONSECA, em formato de Resenha: ***As depressões, o luto e a melancolia***, de JEAN-JACQUES TYSZLER.

Que dessa imersão algo possa emergir, e a leitura tenha efeito de letra, é o que desejamos a você, caro leitor.

Denise Carvalho Barbosa

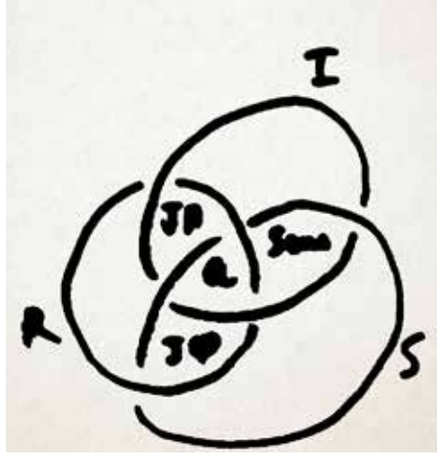
Comissão Editorial

Textos

REVISTA TOPOS, V. 14, ANO 2017

Aperte-me bem forte[1]

Marc Darmon[2]



"Na prática, serve para quê?", é a pergunta frequentemente e automaticamente feita quando se fala dos nós. A resposta de Lacan é conhecida: "Não serve para nada, mas aperta. Enfim, pode apertar, senão servir[3]." O equívoco retorna a quem questiona a utilidade instrumental dos nós no tratamento psicanalítico. Se a estrutura é nodal então, aquele que questiona é, antes de tudo, ele mesmo atado e bem apertado.

A ruptura e os desafios

Retomemos, contudo, essa questão perguntando-nos o que Lacan podia esperar dessa topologia dos nós nos últimos anos de seu Seminário, quando seu discurso era cada vez mais silencioso, as referências à clínica e aos conceitos da teoria psicanalítica, cada vez mais raros. Para ele, não se tratava apenas de retomar de forma crítica, à luz do nó borromeano, os conceitos freudianos como o de "realidade psíquica", mas os termos de sua própria teoria, inclusive os matemas, desapareciam por detrás dos desenhos dos nós realizados com dificuldade frente à sua plateia cada vez mais frustrada. Esse público era realmente acostumado, até então, a um discurso brilhante que atuava em todos os registros da linguagem e, no seu decorrer, introduzia aspectos impactantes e geniais que o deixava na expectativa de uma revelação, de um saber ainda mais verdadeiro mantendo, assim, a transferência.

A ruptura exercida pelos nós no ensinamento de Lacan visava os psicanalistas, sua prática e mesmo além, o que tentaremos especificar. Com certeza, é sempre possível exercer a psicanálise sem levar em consideração a estrutura nodal ou referindo-se a ela, de vez em quando, para reforçar sua fidelidade ao ensino do mestre. Reconheçamos que, até então, a "aplicação" direta dos nós na clínica revelou-se decepcionante ou, até mesmo, forçada. Recorrer aos sólidos conceitos lacanianos foi mais eficaz e esclarecedor. No entanto, se levarmos os avanços de Lacan a sério, qual é então o desafio?

O desafio não se refere apenas à análise como prática propriamente dita, mas também à psicanálise como discurso, ambas estando estreitamente relacionadas. Trata-se de responder tanto ao fracasso comum dos tratamentos quanto à nossa insatisfação com relação ao discurso psicanalítico no sentido em que este, na melhor das hipóteses, apenas alimenta a roda dos discursos. Assim, como curar a histeria se esta é mantida pela nossa cultura?

Cultura essa que integrou, há muito tempo, as noções psicanalíticas ou, pelo menos, seus clichês.

Qual é então o desafio do nó?

Em poucas palavras, trata-se de decidir entre significante e topologia. Vamos esclarecer.

Memória e nome secreto

Quando uma análise é iniciada, quando a transferência se instala, normalmente o analisante, mesmo se não for incentivado pelo analista, inicia uma reconstituição histórica: trata-se, ao longo das associações, de preencher as lacunas de sua própria história, de reencontrar a memória perdida porque foi recalcada e age, então, sempre através dos sintomas e das repetições. No entanto, parece que apesar do efeito, em um primeiro momento, normalmente "terapêutico" dessa atividade de memorização e de reflexão, a eficácia do tratamento repousa, de fato, sobre a materialidade significante; o que manifesta o equívoco da interpretação, o significante, dando a oportunidade para uma interpretação e estando, assim, separado do discurso efetivo para ser reportado a uma outra cadeia significante. Por exemplo, um rapaz me conta o seguinte sonho: é uma cerimônia de casamento, é o seu casamento com sua tia. É claro que essa tia não deixa de evocar metonimicamente a mãe e o desejo infantil incestuoso de uma união edípica com ela. Não está errado e, nesse caso, ainda menos do que em outro. Mas a interpretação, ao destacar o significante "tia", aponta mais especificamente para o desejo homossexual parcialmente assumido. Certamente não se deve negar a importância das descobertas históricas, às vezes, realizadas durante uma análise: o segredo de uma filiação, um trauma sexual ou uma falha, de seus antepassados, que foi escondida. Na maioria das vezes, não é nem o fato em si nem a memória perdida e que foi reencontrada que são essenciais, mas o deslocamento do sujeito com relação a esse saber, o fato dele não se lembrar daquilo que ele sabia.

Quando ela não toma a forma de uma pesquisa de elementos efetivos da realidade, por exemplo, interrogando os parentes (o que é justificado em uma determinada concepção de análise – lembremos a insistência de Freud em estabelecer a realidade da cena primitiva no Homem dos lobos –), trata-se de encontrar os significantes que caíram no inconsciente ou as letras ou o número inconsciente a ser decifrado. Esse processo é induzido pela própria estrutura do significante na medida em que este representa o

[1] "Serre-moi fort", artigo originalmente publicado em ERES | « La revue lacanienne »2010/1 n° 6 | pg. 11 a 16. Tradução: Gaëlle Spielmann Moura Alvares. E-mail: gaellemoura@gmail.com

[2] Psiquiatra, psicanalista, membro da ALI – Association Lacanienne Internationale.

[3] Jacques Lacan, O sinthoma, aula de 10 de fevereiro de 1976.

sujeito para um outro significante que faz sentido: existe um lugar Outro que contém um saber que é confundido com a verdade. É o próprio dispositivo da transferência porque esse saber supõe um sujeito capaz de tomar corpo. Assim, essa concepção de um inconsciente constituído materialmente por significantes ou letras que a interpretação descobre, está parcialmente relacionada com a transferência. O exemplo frequentemente dado aos alunos de Lacan, de um determinado saber colocado no lugar da verdade, é a famosa fórmula Pordjeli que Serge Leclaire traz com seu analisante Phillipe[4] . O interesse de tal fórmula é seu caráter puramente literal e seu não-sentido. Não se trata mais de um significante capaz de remeter sempre a um outro significante que conteria o sentido. No entanto, essa ideia de uma fórmula literal inconsciente, já aí, faz do inconsciente um saber quase objetivo onde a única tarefa do analista é fazê-lo ser descoberto pelo analisante: bastaria dedicar tempo, um tempo quantificável, e a responsabilidade do analista seria limitada. Certamente a ideia freudiana de um umbigo, de um recalque primário, *Urverdrängt*, impossível de ser reconhecido, *Unerkannt*, opõe-se a um projeto exaustivo. Ela não impede de supor que este *Urverdrängt* seja constituído materialmente de elementos literais bem definidos. Simplesmente eles não cessam de não se escrever.

Transformação

Com a topologia, Lacan transforma e reverte esse dispositivo. É verdade que quando um significante é apreendido pela interpretação (que pode ser uma simples pontuação), ele se impõe como necessário e já aí, antes, no inconsciente no exato momento em que é apagado. No entanto, topologicamente, esse significante foi apenas a ocasião de um corte. Corte em uma banda de Moebius, se nos atemos à topologia das superfícies, o fato essencial é que este corte tem o efeito de transformar a topologia da própria superfície. A banda de Moebius torna-se uma banda de duas faces, revela um reverso, o inconsciente, o tempo do corte. Contudo, esse corte não é um corte qualquer, ele pode ser de duas voltas ou de uma apenas, mas deve fechar-se. Nesse movimento de volta, o significante volta sobre si mesmo pela interpretação.

Assim, o significante que faz corte na transferência e no tempo de interpretação, não estava "já aí", como um saber no inconsciente esperando por aquele que devesse encontrá-lo lá. O que já estava aí era a superfície topológica ou o nó.

Para se convencer disso, consideremos a nulidade do efeito de uma interpretação a contratempo, como a da comunicação, a um sujeito, de um saber supostamente inconsciente. Consideremos a impossibilidade de reencontrar, a posteriori, o gume para uma verdadeira interpretação e a insipidez da lembrança de um significante desgastado que foi, no entanto, a oportunidade de uma transformação radical. Falta, de fato, a dimensão do Real, manifesta no retorno material de um significante sobre si mesmo na dupla volta.

Com o nó é ainda mais óbvio. Assim, no aro do Simbólico atado aos outros dois, nenhum significante é privilegiado a priori. O Urverdrängt corresponde, aqui, ao buraco em si, não está substantificado.

Achatamento e imprensagem

Somente o achatamento ou a imprensagem irão particularizar certos significantes.

No achatamento, operação de projeção imaginária, aparecerão pontos de cruzamento. No nó borromeano achatado há, pelo menos, quatro pontos de cruzamento do aro do Simbólico com os outros dois aros, o do Real e o do Imaginário. Esse número de quatro cruzamentos do Simbólico, ou seja, de pelo menos quatro significantes, pertence ao real do nó, é uma invariante: no nó borromeano achatado de forma reduzida, cada um dos aros suporta quatro cruzamentos. Contudo, esses cruzamentos podem deslizar, um significante pode ser substituído por um significante vizinho. Por exemplo, consideremos o cruzamento entre o S e o I, o do sentido. O sentido é produzido no Imaginário pela passagem de um significante para outro. No entanto, essa escapada do sentido a priori indefinida nesse deslizamento encontra, no nó, um ponto de parada.

É o ponto de imprensagem introduzido pelo Real. São necessárias três consistências dispostas em triskel para produzir um ponto de parada ou de imprensagem. A distinção feita, graças ao nó, entre deslizamento infinito do sentido e imprensagem com ponto de parada, sobre um efeito do sentido real, corresponde à diferença entre uma atividade hermenêutica onde o remeter de um significante a um outro alimenta, indefinidamente, a busca por uma significação. A interpretação psicanalítica, jogando com o equívoco e a letra, produz esse efeito de sentido real que vai no sentido do não-sentido.

No nó borromeano há quatro pontos de imprensagem, quatro pontos de parada que Lacan denominou: gozo fálico, gozo do Outro, sentido e, no centro, objeto a. Esses pontos de parada são produzidos pela imprensagem das três consistências, são cruzamentos irredutíveis em triskel do nó borromeano.

Nó embolado

De fato, o nó borromeano é normalmente representado achatado em sua forma reduzida com um número mínimo de cruzamentos. No entanto, podemos supor que este nó é, geralmente, muito embolado e que a análise irá, pouco a pouco, diminuir os cruzamentos adicionais para se deparar com os cruzamentos irredutíveis da estrutura. Existem três movimentos básicos na topologia, são as operações de Reidemaster[5] que reduzem o número de cruzamentos de um nó ou de uma cadeia até

[4] Serge Leclaire, Psychanalyser, Paris, Le Seuil, 1968. Ver a discussão desse assunto por Contardo Calligaris, Hypothèse sur le fantasme, Paris, Le Seuil, 1983.

apresentá-lo, sob forma reduzida, com um número mínimo de cruzamentos; invariante específica do nó em consideração. Na maioria das vezes, essa redução não pode ser feita passo a passo e é necessário deixar o nó mais complicado para, em seguida, reduzi-lo. Será que é necessário considerar esses três movimentos básicos de Reidemaster como a gramática elementar do nó, como sendo suas regras de escrita? Eles devem explicar tanto as leis do significante: *Entstellung*, *Verdichtung*, *Verschiebung*, transposição, deslizando do significado sob o significante, condensação, deslocamento, quanto as regras de interpretação que são inclusive as mesmas, exceto pelo fato que o nó leva em consideração a dimensão do Real em cada movimento.

Uma importante consequência da topologia do nó é que, antes da redução dos cruzamentos, nenhum cruzamento é privilegiado em relação a um outro, de tal modo que aquele que vai se impor, no final, como essencial à estrutura do nó, dependerá do curso da operação e não está "já aí", no nó embolado. O que o nó impõe é a necessidade de um certo número de cruzamentos em determinados lugares, que são determinados apenas uns em relação aos outros.

A responsabilidade é inteiramente do analista, não se trata de esperar um esvaziamento completo ou de fazer, indefinidamente, o levantamento das letras caídas do inconsciente, mas de apreender aquilo que se oferece naquele momento, na transferência, para tentar uma operação topológica.

Nova economia

Não é de se surpreender que os nós parecem poder nos ajudar a resolver o desafio do que Charles Melman denomina de "a nova economia psíquica". Provindos da invenção contínua de Lacan, eles respondem a seu diagnóstico inicial do declínio do Nome-do-Pai. Assim, o nó poderia nos ajudar a compreender a clínica do gozo e a das adicções[6].

É o caso de um homem asujeitado a uma adicção sexual que o levava a frequentar prostitutas, às vezes, várias vezes por dia, mesmo tendo uma vida conjugal e profissional convencional. O que ele buscava no comércio das prostitutas era a reprodução, não tanto do orgasmo, mas da visão de sua ejaculação através da masturbação e a busca pelo gozo da prostituta que ele, muitas vezes, lograva; qualquer intervalo entre seus compromissos profissionais eram a ocasião para uma escapada sexual que ele vivia como uma coerção incontrolável.

Uma cena de sua infância na qual, impúbere, ele foi iniciado à masturbação e ao espetáculo da ejaculação por meninos mais velhos, provavelmente contribuiu para fixar o que deve ser chamado de perversão se aqui este termo indicar apenas o acento sobre a preeminência do objeto a no desejo, o que faz do macho, segundo Lacan, o sexo frágil pela perspectiva dessa perversão. Finalmente, notemos que os consequentes gastos ocasionados por essa atividade clandestina, constituíram um elemento essencial do cenário deste bancário poeta e muito refinado.

Após uma primeira fase de sua análise, pouco a pouco, as visitas sexuais se limitaram ao tempo que ele tinha após as sessões. Um dia, elas pararam abruptamente. Depois de cada sessão, ele começou a escrever, de maneira igualmente imperiosa, poemas sobre o tema exclusivo do mar.

Não saberia dizer que papel desempenhou, nessa mudança, uma interpretação sobre o significante "jaculatório", mas a entrada dos três gozos fálicos, do Outro e do sentido, é evidente e impressionante nesta passagem para a escrita; o termo sublimação parece insuficiente para qualificá-la.

Em um sonho, ele explica a alguém que a aliança de três bancos (designados por suas iniciais – CDN, CIC e CCF) para o saque de dinheiro através de caixas eletrônicos, está bloqueado pelos maiores bancos por questões de concorrência e de perda de receita.

Nas associações, o número "três" – três bancos, três iniciais – é ressaltado, o que remete a uma história que o pai contava sobre "Os três porquinhos", seu gosto pelos trocadilhos e sobre o termo de "patrão[7] " que sua mãe sugeriu escrever quando, na escola, perguntaram qual era a profissão do pai. Se o pai era o "patrão" quem era, então, a mãe? A mãe se esconde por detrás da prostituta. Além da suposta problemática edípica: o três, a rivalidade, os grandes bancos que bloqueiam os pequenos, se esse sonho reproduz a estrutura do nó borromeano – a aliança de três em torno do objeto: o "saque[8]" de "dinheiro[9] " –, talvez não seja apenas em um sentido transferencial, que evidentemente existe, e que podemos reencontrar nas letras... C D...N[10] , mas também por razões topológicas: as três consistências enodadas, os três pontos de imprensagem dos gozos, a necessidade de preencher a falta do Outro pelo objeto a fazendo-se instrumento de seu gozo.

A escrita jaculatória do poema produz, através do jogo de metáforas a respeito do mar, o aperto do ponto do sentido e liberta os outros pontos.

A não-relação sexual

O nó dá a ocasião de Lacan retomar a questão da não-relação sexual.

O próprio nó borromeano presentifica a não-relação visto que neste nó, ou melhor, nesta cadeia, nenhum elemento faz par com outro, o nó borromeano é enodado a três.

Em *O sintoma*, Lacan retoma a questão da relação sexual a partir do lapso do nó e de seu reparo. O lapso do nó é, de algum modo, um ***lapsus calami,*** trata-se de um erro de passagem por-cima-por-baixo na escrita do nó.

[5] Marc Darmon, « Le nœud borroméen entre dynamique et structure » (www.freud-lacan.com) ; « Un nœud à l'endroit, un nœud à l'envers » (www.dramesubjectif-de-cantor.net).

[6] Charles Melman, L'homme sans gravité. Jouir à tout prix, Paris, Denoël, 2002 ; Roland Chemama, La jouissance, enjeux et paradoxes, Toulouse, Érès, 2007.

Assim, no nó denominado "de Lacan", um erro em certos cruzamentos tem o efeito de desfazer o nó e, em outros cruzamentos, um certo nó é mantido apesar do lapso. No entanto, como vimos, os cruzamentos podem deslizar e nada distingue um cruzamento de outro, salvo, justamente, seu lugar em relação aos demais.

No nó de trevo, um erro de por-cima-por-baixo desata o nó. Lacan, então, evoca a possibilidade de uma reparação que consiste em um aro disposto, de tal modo, que a forma do nó de trevo seja preservada apesar do lapso.
Contudo, Lacan observa uma diferença a depender do reparo situar-se no lugar exato do erro ou em outro ponto de cruzamento.

Quando o aro suplementar do sinthoma vem reparar o nó em um outro ponto de cruzamento, diferente daquele onde há o erro, os dois elementos podem trocar de lugar adotando a mesma configuração: há equivalência, logo não há relação, visto que a relação precisa da não-equivalência dos dois elementos do par.

Nesse primeiro caso, o nó é, de fato, o do fantasma[11] entre o sujeito e o objeto, entre a dupla volta e o aro, e esses dois elementos são exatamente permutáveis. Isso explica a não-relação visto que aquilo que o sujeito abraça/aperta, imprensa, não é o Outro da relação, é o objeto a, o que a situação que acabamos de evocar ilustra muito bem.

Quando o reparo acontece no próprio lugar onde há o erro, os dois elementos não ocupam o mesmo lugar quando são trocados: há não-equivalência e existe, assim, relação. Lacan é, então, levado a dizer que, no caso de sinthoma, há relação sexual. Aliás, o que é a mulher para o homem, senão o seu sinthoma? Quanto ao homem para uma mulher, não é o seu sintoma nem o seu sinthoma visto que não há equivalência, é pior do que um sinthoma, pode ser "uma aflição", pode ser "uma devastação". Assim, Lacan, fiel ao nó, explora as consequências ditadas por esta nova escrita até questionar, novamente, a não-relação sexual. Segui-lo por essa via não pode limitar-se a repeti-lo, mas requer invenção.

[7] Nota do tradutor: Do francês "taulier" que tem tanto o significado de "patrão de um restaurante ou de um hotel" quanto "patrão de um prostíbulo".
[8] Nota do tradutor: A palavra "saque", em francês, se diz "retrait" cuja tradução literal seria "retirada".
[9] Nota do tradutor: A palavra "dinheiro" foi traduzida de "liquide" cuja tradução literal é "líquido".
[10] Nota do tradutor: homofonia com "C'est de N" ("É de N"). "N" também faz homofonia com "ódio".
[11] Jacques Lacan, O Seminário, Livro XX, Encore, 1975, Paris, Le Seuil, p. 123; Le sinthome, 17 de fevereiro de 1976.

topos

Do sintoma aos sintomas

Aurélio Souza[1]

Resumo: O presente artigo constitui um percurso marcado, inicialmente, pela incidência da prática analítica implicada à linguagem na teorização lacaniana, levando-o a formalizar a noção de estrutura e de um inconsciente estruturado como uma linguagem. Com a introdução do significante *Lalangue* como o que estrutura o inconsciente, veremos o deslocamento da dimensão do Simbólico para uma dimensão do Real; não se tratará mais de uma estrutura constituída pela cadeia significante, mas de uma rede formada por letras e significantes. Contudo, a descoberta de um objeto topológico, a cadeia borromeana, formalizada como uma escritura – RSI –, refletirá consequências tanto teóricas quanto práticas. Refazer o percurso lacaniano, desde a estrutura às diversas posições de heteridade do sujeito, é o que se pretende neste artigo.

Palavras-chave: cadeia borromeana, heteridade, lalíngua, sintoma.

From the symptom to the symptoms

Abstract: This paper constitutes a route marked, initially, by the incidence of analytic practice implied to the language in Lacanian theory – this fact led him to formalize the notion of structure and an unconscious structured like a language. With the introduction of the signifier *Lalange* as what structure the unconscious, we will see the displacement of Symbolic dimension to the Real dimension; no longer it will be a structure constituted by signifiers, but a chain consisting of letters and signifiers. However, the discovery of a topological object, the borromean chain formalized like a scripture – RSI –, will reflect both theoretical as practical consequences also. Retrace the trajectory from the structure to the various heterity positions of the subject, is the point of this article.

Keywords: borromean chain, heterity, lalange, symptom.

Nossa Instituição está completando 25 anos. Assim, quero agradecer aos colegas por todo esse período que trabalhamos juntos, aos colegas de outras Instituições e de outros Estados, além dos interessados pela Psicanálise que estão aqui para comemorarmos nossas Bodas de Prata.

Para desenvolver meu trabalho, vou considerar que Lacan, logo de início, em seu "retorno a Freud", implicou a prática analítica à linguagem e procurou formalizar uma noção de estrutura. Com esse projeto aproximou-se do estruturalismo e fez uma intervenção sobre o signo, atribuindo uma prioridade ao significante. Procurou tirar consequências dessa proposição, até um "ato" que alterou seu movimento.

No início dos anos setenta, em seu seminário *O Saber do Psicanalista* (1971-72), quando quis fazer uma crítica à *Laplanche*, coautor com Pontalis, de um Dicionário de Psicanálise, fez um lapso, referindo-se à "Lalande" (André), o autor de um "Dicionário de Filosofia" (lição de 04/11/1971). Atribuiu a seu lapso a condição de um "*ato fundador*" para o discurso analítico e, assim, utilizando-se de uma homofonia entre *Lalande*, *Laplanche* e *"la langue",* inventou o significante *Lalangue*, escrito numa só palavra, atribuindo-lhe o estatuto de uma "estrutura" para a Psicanálise. Num misto de tradução e transliteração, vou designá-la por *"Lalíngua",* para evitar o equívoco que, no português, a tradução de "alíngua" possa produzir. A partir desse momento de seu ensino, quando procurou se afastar do estruturalismo, Lacan chegou mesmo a ironizar o título de seu texto clássico de 53, nomeando-o de *"Ficção e canto da fala e da linguagem".*

Assim, a noção de estrutura, na Psicanálise, se deslocava de uma dimensão simbólica, para uma dimensão do Real, passando a se constituir não mais como uma cadeia, mas como uma "rede", formada por letras e significantes, que guardam uma vizinhança topológica e, ainda, que se tornam enriquecidos pela polifonia.

Em seguida, no *Seminário XIX: ... Ou pire*, encontrou algo que já procurava e que mudou a prática e a teoria analítica. Ele buscava uma condição que lhe permitisse escrever as consistências do Real, Simbólico e Imaginário numa mesma relação de espaço-tempo. No curso de seu ensino, já havia se aproximado dessa condição triádica através do enunciado: "eu te peço, que tu me recuses, o que te ofereço, por que: não é isso" (Lacan, 1971-72/2003, p. 59), tendo atribuído a cada um dos verbos o estatuto de uma *função* trinitária que possibilitava um funcionamento lógico entre eles. Estabeleceu, ainda, a relação de cada um deles a esse final da frase, "não é isso", que veio a ser considerado, mais tarde, como o estatuto de objeto, do "objeto (a) ".

Num evento social, na noite de 08 de fevereiro de 1972, ele recebeu, como um "presente", a informação de uma *figura topológica*, nomeada de "nó borromeo", que havia sido apresentada num curso de topologia, ministrado por seu amigo, o matemático Georges Théodule Guilbaud. Logo no dia seguinte, durante o seminário ... *Ou pire*,

[1] Psicanalista, membro inscrito do Espaço Moebius Psicanálise. E-mail: aureliosouza@terra.com.br

REVISTA TOPOS, V. 14, ANO 2017

falou pela primeira vez do "nó borromeo", esse objeto topológico que, embora já tivesse sido utilizado em diversos momentos na Cultura, só alcançou uma visibilidade expressiva após a segunda Guerra.

O *"nó borromeo"* é um objeto construído, no mínimo, com três anéis, com um enlaçamento especial, em que um deles é colocado sobre um outro e o terceiro vem enodá-los, passando por cima do que está por cima e por baixo do que está por baixo, sem que nenhum deles penetre no buraco dos outros dois; assim, se qualquer um dos anéis se separar dos outros, a união se desfaz de imediato. Ele serviu, em certo momento, como uma representação da trilogia católica, "o Pai, o Filho e o Espírito Santo". Mais tarde, em torno do século XV, foi escolhido, também, como um "brasão", para representar um pacto de indissolubilidade entre três famílias italianas de Milão, pois, se por qualquer motivo, uma delas se afastasse do contrato estabelecido, a união das três famílias seria desfeita de imediato.

Em nossos dias, quando o *"nó borromeo"* veio a ser utilizado na Psicanálise, Lacan (1971-72) procurou lhe atribuir um outro estatuto. Ele passou a ser concebido como uma estrutura inaugurada num espaço de três, ou acima de três dimensões, como uma "massa amorfa", portanto, sem forma definida; assim, para ser utilizado na Psicanálise, ele deveria passar por algumas intervenções.

A primeira delas, em que essa matéria "amorfa" deveria perder sua "substância", tornando-se "afinada" e passando a ser representada por três anéis, obedecendo aquela mesma ordem anterior. Em seguida, através de uma operação contínua, esse "nó" abstrato deveria ser projetado numa superfície adequada, escolhida em nosso espaço comum de duas dimensões, guardando essa mesma propriedade de que, se qualquer um deles viesse a ser cortado, a união dos três se desfaria de imediato (Fig. 1).

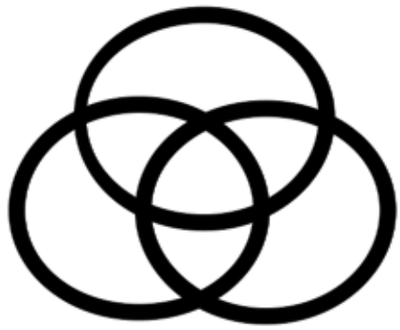


Figura 1 (Fonte: Lacan, 1973-74/2016, aulas IV e V).

Após essa operação ter sido realizada, o "nó borromeo" foi submetido a um "tipo de convenção", que iria determinar uma interrupção no percurso de cada um de seus arcos, marcando suas extremidades (|—|) e estabelecendo em relação aos seus cruzamentos, espaços determinados por onde passaria uma linha (—| | |—), obedecendo à ordem já estabelecida, por cima da que está por cima e por baixo da que está por baixo (Fig.2).

Figura 2 (Fonte: Lacan, 1973-74/2016, aulas IV e V).

Depois destas intervenções terem sido concluídas, como se pode observar, não existe mais uma ordem entre os anéis, não se sabe mais qual o primeiro ou o terceiro, pois eles se tornam intercambiáveis; isto é, cada um deles pode ocupar o lugar dos outros dois, adquirindo uma isotopia. Essa condição, no entanto, não interessa à Psicanálise. Assim, é necessário diferenciá-los.

Para isso, Lacan instituiu uma condição eficiente, estabelecendo, de início, a noção de uma "medida comum" entre os anéis e, através de um "ato de nomeação", passou a designá-los de Imaginário, Real e Simbólico. Sugeriu, ainda, que se poderia denotá-los e pintá-los com letras e cores diferentes (Fig. 3).

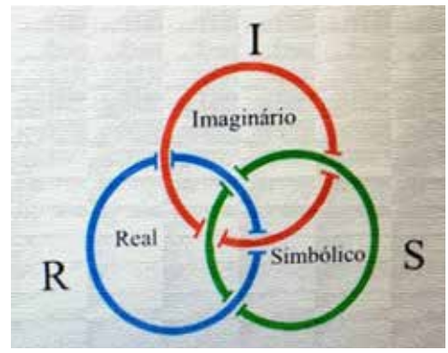


Figura 3 (Lacan, 1974-75/2002, aula de 18/03/75).

A partir dessa operação de "nomeação", cada anel passou a ter um sentido diferente e, assim, o *"nó borromeo"* deixava de ser um *modelo*, uma *figura*, ou um *desenho*, para ser formalizado como uma escritura diferente daquela que resulta de um precipitado de significantes, como no estruturalismo. Assim, adquiria uma consistência do Real.

Isso trouxe suas consequências, pois se o Simbólico é o que vem primeiro para o humano, quando se trata de uma *análise em intenção*, o que vem primeiro para o *Sujeito* é o Real, duplicado pela cadeia borromeana; uma dimensão que guarda essa modalidade *Necessária*, que "não para de se escrever", criando seu próprio espaço e podendo, ainda, ser manipulado pelo analisante sob a função *Sujeito*, a cada momento da análise.

A partir daqui, vou apresentar outros elementos que determinam, ainda, um adicional a essa estrutura borromeana. De um ponto de vista topológico, ela não corresponde a um *"nó"*, como muitas vezes é considerada e nomeada, mas se constitui como uma "cadeia", que contém, no mínimo, três anéis, com esse enlaçamento especial já comentado. Outra condição, ainda, a se observar, é que a escritura da *cadeia borromeana*, quando mostrada através destes três anéis – representantes do Imaginário, Real e Simbólico –, realiza a presença de um número de elementos invariantes em sua estrutura.

De início, quatro grandes buracos:

- um buraco no *Imaginário*, onde se inscreve a dimensão do CORPO, que embora mantenha uma prevalência do Imaginário, não é mais concebido como uma imagem, como havia sido elaborado no *Estádio do Espelho*. Assim também não mais deve ser olhado como um elemento da anatomia, da fisiologia, como um saco de pele com órgãos no seu interior, ou, ainda, de uma maneira mais radical, como um elemento que carrega um esqueleto e transporta o cadáver que cada um deverá suportar. O Corpo nessa escritura da *cadeia borromeana* sofre também uma influência do Real e do Simbólico, tornando-se uma "substância de gozo" e suporte de diferentes efeitos da linguagem, rompendo sua implicação com o organismo, com a noção do espaço e do mito esférico, com o qual esteve sempre vinculado; ele passa a ser concebido como uma *"superfície e forma"*, que vai servir de suporte para o *Sujeito*. Além disso, a *superfície real* do Corpo vai ser utilizada como um leito, onde se escrevem as primeiras letras na carne, como marcas que adquirem um duplo valor: como *"signos de pertinência"*, que irão possibilitar diferentes traços identificatórios para o *Sujeito* e, ainda, como marcas que adquirem *valores eróticos*, que guardam uma relação com o desejo, um "desejo do Outro", mesmo que esse grande Outro nem mesmo exista. No *Imaginário* inscrevem-se, também, as *paixões do Ser* (o amor, o ódio e a ignorância) e a *castração imaginária;*

- um buraco no *Simbólico*, onde se localiza o desejo, assim como as ficções parentais que vêm dar suporte a uma história oficial do humano que sustenta o *Sujeito* e, ainda, diferentes condições da Cultura que interferem em sua ex-sistência. Por fim, desde que esse somatório de Lalíngua se expressa, com excesso e com *falta*, esse é um lugar de Gozo, que se pode inferir como um gozo "fora Corpo";

- um buraco no *Real*, que dá suporte a esse enunciado lógico proposto por Lacan em que "não há proporção sexual", e onde se inscreve o gozo de *"a-vida"* e o gozo de *"a-morte".* Estes significantes, no entanto, não enunciam referências naturais à vida e à morte, mas a algo que insiste em se mostrar através de um retorno de letras e significantes, mantendo um campo de gozo que marca o destino do *Sujeito*, fazendo-o se movimentar numa direção que o conduz do mal ao pior;

- um buraco no "coração" da cadeia borromeana. Uma condição que se configurava, de início, como um "triplo buraco", resultado da sobreposição dos três buracos anteriores, aonde se inscreve o objeto (a). Mais tarde, Lacan passou a concebê-lo como um efeito de *Lalíngua,* através de uma operação equivalente a uma "foraclusão primitiva" e que tornava esse "ponto-buraco" causa do próprio enlaçamento borromeano, atribuindo-lhe a noção de estrutura: "a estrutura é o nó (e) o sujeito é o objeto" (Lacan, 1972-73/1985, p. 162).

Isso trouxe outras consequências. A partir desta homeomorfia entre o objeto (a) e o *Sujeito*, ele passaria a ocupar o "coração" da cadeia borromeana e passava a ser concebido como "uma resposta do Real". Sob essa condição, ele vai desempenhar a função de um *artesão*, sendo convocado a produzir, na análise, seu próprio artesanato, reescrevendo sua *hystória*. Uma condição que obedece a uma relação com o Tempo, que segue essa lógica, em que o Momento de Concluir intervém no *Tempo para Compreender e determina o Instante de Ver.*

Como um corolário, o *Sujeito*, inscrito nesse *"ponto-buraco"* da cadeia borromeana, é afetado desde cedo por esse somatório de *Lalíngua*, sofrendo diferentes *"fixções",* diversos tipos de afeto e emoções, repercutindo como manifestações de gozo que interferem em sua ex-sistência e que o deixam "sempre culpado". Isso quer dizer que o *Sujeito* terá que aprender a se defender dessas condições que o comprometem, antes mesmo de ter nascido, e que vão além de sua morte.

A partir dessa escritura da cadeia borromeana com os três "nós", representantes do Real, Simbólico e Imaginário, pode-se identificar, ainda, diferentes zonas de indução e de efeitos constantes e irreversíveis de uma consistência sobre as outras. Vou continuar comentando o que Lacan nomeou de "os três de Freud": a *Inibição*, a *Angústia* e o *Sintoma* (Lacan, 1974-75/2002, aulas de 10 e 17/12/1974).

- a *Inibição* corresponde a uma invasão do Imaginário no Simbólico, isto é, àquilo que do Imaginário vai pertencer ao Simbólico (IeS) e, como tal, mantém uma relação com o Corpo; é o *"simbolicamente Imaginário".* Dessa maneira, a *Inibição* é concebida como uma parada, em algum ponto, dessa intrusão do Imaginário no Simbólico, produzindo uma falta de sentido nos elementos e funções do Corpo, que se expressam como fenômenos inibitórios que afetarão o *Sujeito* em diferentes momentos de sua ex-sistência;

- a *Angústia* corresponde àquilo que do Real vai pertencer ao Imaginário (ReI); é o *"imaginariamente Real"*. Trata-se de um transbordamento do Real que invade o campo do Imaginário, repercutindo no Corpo através desse afeto que não engana;

- o *Sintoma*, esse elemento convocatório de nossa Jornada, vai corresponder a uma penetração do Simbólico no Real. É aquilo que do Simbólico passa a pertencer ao Real (SeR) e que Lacan nomeou de *"realmente Simbólico".*

Embora a noção de *Sintoma* contemple diversas referências, tais como um sintoma social, familiar, de grupo e, sobretudo, da ordem médica, entre outras, essas diferentes formas de apresentação não servem de paradigma para a Psicanálise. Freud, de início, para construir uma noção do *Sintoma*, procurou atribuir-lhe diversas significações: como a condição de um signo de um traumatismo psíquico, como uma formação de compromisso, como uma formação do inconsciente e, ainda, com o estatuto de uma identidade para o *Sujeito*, como aparece no historial de Dora, onde a "tosse" que ela desenvolveu trazia uma marca significante que correspondia a uma identificação ao pai. Nestas condições, o *Sintoma* guardava uma aporia, pois

se é algo que busca o sentido do reconhecimento de um desejo a ser identificado, como o desejo é sempre inconsciente, ele se manterá sempre ignorado pelo Sujeito.

Lacan, no início de seu ensino, considerou o *Sintoma* como uma "significação do Outro", isto é, como uma mensagem cifrada, como uma metáfora a ser lida e decifrada. Todavia, não se tratava de uma mensagem dirigida ao "outro", ao semelhante, e que pudesse servir de escambo para uma suposta "relação intersintomática" ou "intersubjetiva", já que isso não existe na Psicanálise. Era uma mensagem dirigida ao "grande Outro" e, ainda, sob o estatuto de uma mensagem cifrada que, de qualquer forma que se apresentasse, era para ser lida e decifrada, sem corresponder a qualquer índice de diagnóstico.

Em seguida, levou essa noção do *Sintoma* a uma realidade trágica, ou melhor, "tragicômica", pois o *Sujeito* sempre ignorava os termos da mensagem que transportava. Para dar um suporte a essa proposição, aludiu ao destino de Guildenstern e Rosencrantz, em *Hamlet,* onde ambos "ignoravam" que a mensagem que transportavam os condenava a uma morte sem recursos de apelação, isto é, a uma morte antecipada.

Nessa sequência de seu ensino, a partir da "noção de Discurso", o *Sintom*a perde sua condição de uma metáfora e adquire o estatuto de uma produção do *Discurso do Analista* (a / S2 –> $ / S1), quando se realiza como *"mais-gozar".* Uma noção que desenvolvi em meu livro (cf. Souza, 2008).

Nos anos setenta, com a implicação da *cadeia borromeana* como uma mostração da estrutura para a Psicanálise, Lacan procurou elaborar outro estatuto para o *Sintoma*. Assim, de um significante que representava o *Sujeito* para outro significante, como Signorelli representou Freud para Boticelli, em seguida, como uma produção do Discurso do Analista e, por fim, como um sinal que vinha mostrar que algo não andava bem no Real, e que essa inchação do Simbólico no Real era um efeito da própria estrutura. Dessa maneira, o *Sintoma* é único e procura organizar e normatizar a relação do *Sujeito* com o Real, nessa modalidade necessária que "não para de se escrever".

Todavia, se o *Sintoma* pode parecer único, numa observação atenta da cadeia borromeana, pode-se identificar sua continuidade com o inconsciente, que é inventado pelo *Sujeito* e que se pluraliza em diferentes "sintomas", interferindo no Imaginário, através da superfície e forma do *Corpo*, assim como sobre as *"paixões do SER"* (o amor, o ódio e a ignorância). O *Sintoma* produz efeitos sobre o Simbólico, no que se pode avaliar através dos mitos, das novelas familiares, do folclore singular de cada *Sujeito,* estabelecendo suas diferenças, em cada tempo da análise. Interfere, também, no Real, através dos diferentes campos de gozo, inclusive sobre *"a-vida"* e *"a-morte".* Ainda, gostaria de afirmar que o *Sintoma* é o melhor que o *Sujeito* pode fazer, para ajudá-lo a viver.

Quero considerar, ainda, que o *Sintoma* e, em seus desdobramentos, os *"sintomas",* desde que inscritos nessa estrutura da *cadeia borromeana*, se por um lado, afeta o *Sujeito* de uma maneira contínua, é algo, também, a ser manipulado pelo *Sujeito,* sobretudo, no curso de uma análise, em busca de uma normatização nas relações com o Real, quando se mostra como um ato de "nomeação simbólica", adquirindo uma função equivalente ao significante Nome-do-Pai. Só para lembrar, existe também, uma "nomeação do Real", que vai corresponder à Angústia e uma "nomeação do Imaginário", que vai dar conta da Inibição. Assim, o *Sintoma* vai mostrar "como cada um goza do inconsciente, enquanto que esse inconsciente o determina" (Lacan, 1974-75/2002, aula de 18/02/75).

Assim, na análise, diante de "pedaços do Real", o *Sujeito* é convocado a se implicar, cada vez mais, na estrutura da cadeia borromeana, buscando produzir seu próprio artesanato. Isto é, ele pode estabelecer relações mais convenientes com o objeto (a), podendo elaborar um *"saber-fazer"* para minimizar os efeitos de gozo produzidos pelo Real, Simbólico e Imaginário, que se escrevem como gozo fálico, gozo do Outro, gozo-sentido e gozo do objeto. Desta maneira, o *Sujeito* segue o tempo da análise para realizar, em "ato", algo que faça ressonância com a noção de uma "relatividade restrita", na qual qualquer *fato* ou *ato* que se atualiza, não escapa dessa dimensão do espaço-tempo, onde ele se mostra e compromete sua *hystória.*

Dito de outra forma, o *Sujeito*, quando demanda uma análise, de início, *se faz* olhar com uma determinada estatura que conta sua história. No entanto, na continuidade do trabalho analítico, ele deverá elaborar um *"saber-fazer"* e se servir disso para se-*fazer-Ser* por suas obras, por seus adornos, por seus amores, com seus sintomas, se fazer um estado civil e, ainda, se autorizar numa posição sexuada. Sobretudo, se fazer um escabelo (*"escabeau"*) e, com isso, "se fazer alguém". Nesse momento, Lacan utiliza a polifonia, para jogar com diversos significantes, usando "*escabeau*" (escabelo), incluindo *"l'hessecabeau"* (com o h do "homem belo"), "hissecroibeau" (para se elevar belo) e, ainda, *"il se croit beau"* ("se crê belo"), como diferentes condições para o *Sujeito* elevar sua posição, subindo degraus em sua autoestima.

O *Sujeito*, nesse espaço-tempo de base que contempla uma análise e subsumido a essa estrutura borromeana que o constitui e o envolve, cada vez que ele toma a palavra, terá sob sua responsabilidade fibrar, tecer, fazer malhas, produzir diferentes pontos no Simbólico, elaborando um *saber-fazer* ("savoir-faire") para que possa conhecer e se desembaraçar ("savoir y faire") dos efeitos de gozo que seus sintomas contêm e que o afetam no pensamento e no corpo que o sustenta. Que possa reescrever, a cada momento, sua estrutura, procurando modificar e minimizar seu sofrimento e sua culpa.

Portanto, como um corolário, o *Saber inconsciente*, que não mais trabalha a fundo perdido, irá possibilitar ao *Sujeito* sair da apatia e de uma "sonolência" que o faz gozar e que o deixa preguiçoso, "ronronando" numa satisfação que o faz

sofrer cada vez mais. Assim, uma análise vai fazê-lo acordar para que possa desenvolver outras vias, a partir destes diferentes encontros que realiza, a cada momento, com estes pedaços do Real.

Para concluir, gostaria de compartir que o princípio que sustenta uma análise está na lei que intima o *Sujeito* a não se manter adormecido e seguindo essa ilusão de que sabe o que diz, a cada momento em que busca arredondar o sentido do que fala. Para fazer frente a essa condição, o analista, no curso da análise, deve ocupar a posição de um "rhetorificador" (Lacan, 1977-78, aula de 15/11/1977), convocando o analisante, sob a função *Sujeito*, a desenvolver um "saber alegre", contra o Saber no Real, que o afeta sempre no pensamento e no Corpo que o sustenta. Espero que possamos trabalhar algumas destas questões durante nossa Jornada.

Referências Bibliográficas

Lacan, J. (1971-72). Séminaire XIX: le savoir du psychanalyste ... Ou pire. Documento interno da Association Lacanienne Internationale.

Lacan, J. (1977-78). Séminaire XXV : le moment de conclure. Publicação não comercial da Association Lacanienne Internationale.

Lacan, J. (1985). Seminário XX: Mais ainda (1972-73). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Lacan, J. (1987). Joyce avec Lacan . Paris: Navarin Editeur.

Lacan, J. (2002). Séminaire XXII: RSI (1974-75). Paris: Edição da Association Lacanienne Internationale.

Lacan, J. (2003). Seminário XIX : ... Ou pire (1971-72). Publicação não comercial do Espaço Moebius Psicanálise.

Lacan, J. (2016). Seminário XXI: Os não-tolos vagueiam (1973-74). Salvador, BA. Publicação não comercial do Espaço Moebius Psicanálise.

Souza, A. (2008). Os Discursos na Psicanálise (Reimpr.). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

topos

A ilógica do sintoma pelo olhar de lalíngua[1]

Eliecim Fidelis [2]

Resumo: O presente trabalho aborda preliminarmente a posição do *fala-ser* quanto ao percurso de estruturação do sujeito e à formação do sintoma, procurando articular a ilógica deste com a linguagem do inconsciente, caracterizada por Lacan, a partir do Seminário 20: *mais ainda* (1972-73), pelo neologismo *lalíngua*. Essa ilógica refere-se às contradições e paradoxos do sintoma que, ao se mostrarem não aderentes aos princípios da lógica clássica, desafiam o analista em sua prática perante o discurso do sujeito forjado sob a égide de lalíngua.

Palavras-chave: Sintoma; Lógica do sintoma; *Lalíngua*.

The illogical of the symptom through the look of lalíngua

Summary: This paper presents a preliminary study of the position of the *parlêtre* on the course of structuring the subject and the formation of the symptom, seeking to articulate its illogical with the language of the unconscious, characterized by Lacan, from Seminar 20 (1972-73), by the *lalíngua* neologism. This illogical refers to the contradictions and paradoxes of the symptom which, in showing themselves to be non-adherent to the principles of classical logic, challenge the professional practice of the analyst towards the discourse of the subject forged under the aegis of *lalíngua*.

Key words: Symptom; Logic of the symptom; Lalíngua

[1] Trabalho apresentado na XXV Jornada do Espaço Moebius Psicanálise, em dezembro de 2016.

[2] Psicanalista, membro inscrito do Espaço Moebius Psicanálise, Salvador – BA.E-mail: fidelis.eli@gmail.com

Um pequenino "fala-ser" chega ao mundo pré-barrado e imerso em uma rede simbólica por ele não escolhida e à qual involuntariamente adere. Ele ainda não sabe (ou o sabe sem saber), mas, como portador de insígnias pré-existentes, também do campo do Imaginário e do Real, já traz consigo a marca primordial de seu sintoma estrutural: uma espécie de herança arcaica ou, ainda, um registro de natureza heráldica do tipo "made in *lalíngua*", que parece compatível com o recalque originário, o *Urverdrängung freudiano*.

Ele também não sabe que sabe, mas já caiu na armadilha de seu primeiro laço, com seu primeiro Outro. Laço social, portanto, como definido por Freud (1921/1976) na *Psicologia das massas*, e também sede de seu mal-estar inaugural. Ao lado disso, seu pequenino organismo biologicamente organizado haverá de passar por um novo processo, resultando daí a constituição de um frágil e prematuro corpo, no qual esse sujeitinho passará a ser suportado e transportado. E, mesmo se for tratado como "sua majestade", é também predestinado à condição de súdito, independente da cor, gênero ou outros atributos de que seja portador. Ele também não sabe que sabe, mas, muitas e muitas vezes, esse corpinho terá de banhar-se nesse caudaloso leito *eraclitiano*, durante todo esse processo estruturante.

Assim, ao longo de interregnos lógicos e cronológicos, seu "corperresi" (corpo+RSI) vai tomando novas e sucessivas formas e, se tudo correr a contento, ele se tornará um "parlêtrinho" de fraldas, depois de calças curtas, de bermudas, calças compridas e traje social mas, para sua glória ou sua desdita, estará sempre às voltas com o desejo do Outro. Esse Outro, em nome das mais puras intenções, não faz distinção entre esse sujeitinho e seu sempre lindo bebê e, nos espaços vazios de suas tramas, reserva-lhe um lugar especial de objeto de amor, de desejo e de gozo – atributos apropriados a um ambiente de alto risco.

Continuando sem saber que sabe, eis que, a partir de um certo "fenô-mento" (fenômeno+momento), esse sujeito faz-se deixar brotar de si uma força singular, revolucionária. Para Freud (1915/1974), uma energia imperiosa e impositiva que tem a corporeidade como fonte. Trata-se de algo que já lhe deve incomodar e inquietar, levando-o, como o artista, a questionar, mesmo ainda não podendo expressar em palavras: "o que será que me brota à flor da pele e, à revelia, me bole por dentro?" - e por fora também.

Concomitante a uma ação específica básica, da ordem da necessidade, voltada para aplacar a fome, desabrocha a oralidade, uma das primeiras moções pulsionais a dar as caras e a mostrar serviço. A partir daí, entrarão em ação outras modalidades de pulsão, a brotar de todas as partes do corpo, tal qual uma bacia hidrográfica com seus riachos, córregos e igarapés[2].

Sob essa condição corpo-psíquica – em forma de oralidade, analidade, escópica, invocante etc. - a pulsão expressa sua qualidade erógena, sexual e de vida, sob o comando de Eros, mas também atua em parceria com a face trágica de Tânatos, a quem Lacan (1964/1990) atribui a liderança do percurso, cumprindo, então, sua severa trajetória de rodeios e repetições.

Desse modo, sob o domínio tenaz e constante da linguagem pulsional, o sujeito é predestinado a confrontar-se com as vicissitudes próprias de seu processo de estruturação, a elas alienando-se ou se separando na medida de sua própria responsabilidade e possibilidade. E, diante de

uma variedade de situações do campo do Real, focos potenciais de angústia – as identificações e retroações, escolhas e perdas de objetos, privação, frustração, castração, recalque, fantasmas etc. - eis que não lhe resta outra saída se não tentar ancorar-se em inibições e em sintomas protetores[3] , inscrevendo-se, assim, economicamente, frente a uma condição de custo-benefício perante o sofrimento e o gozo que essa escolha lhe outorga.

Muitos desdobramentos podem ser seguidos a respeito dessas três manifestações basilares para a psicanálise. De acordo com Freud (1932-33/1976), a angústia seria a força acionadora, na medida em que é aquilo de que o sujeito quer proteger-se[4]. Porém, inibição, sintoma e angústia, para ele, encontram-se entrelaçados na dinâmica defensiva do sujeito, uma vez que o desejo constitui um ponto em comum entre eles.

Lacan, por sua vez, trabalha com esses conceitos até o fim de seu ensino, ora aproximando-se de Freud, ora introduzindo importantes acréscimos teóricos, até elegê-los como relevantes instrumentos da prática analítica, ao inseri-los na cadeia borromeana. No caso da angústia, remetida do campo do desejo ao campo do gozo, passa a apresentar-se como uma invasão do real no imaginário, preservando a inevitável passagem pelo corpo. Na inibição, é mantida a relação do sujeito com o desejo, inserindo-se, na cadeia borromeana, como uma invasão do imaginário no simbólico. Já o sintoma, é apresentado como uma invasão do simbólico no real. Observe-se, abaixo, a cadeia borromeana:

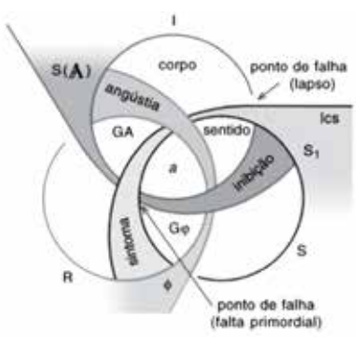


Figura 1 - Cadeia borromeana (Lacan, RSI, 1974-75, p. 19-20)

Neste momento, porém, tendo que fazer uma escolha, gostaríamos de destacar e trazer à discussão um aspecto particular que diz respeito ao sintoma, tema desta Jornada. Como representante maior do sujeito, o sintoma aparece na clínica eivado de ambiguidades, contradições e ambivalências. Tais características instituem uma das dificuldades inerentes à prática da psicanálise, que levou Freud, desde cedo, a estar sempre interrogando e lançando mão de outras áreas do saber como forma de lhe ajudar a teorizar sobre a estranha lógica de funcionamento do inconsciente.

Fazendo uma proveitosa leitura dos textos freudianos básicos que tratam dos mecanismos das formações do inconsciente - a *Ciência dos sonhos, a Psicologia da vida cotidiana e Os chistes e suas relações com o inconsciente* -, Lacan chegou à canônica conclusão de que "o inconsciente é estruturado como uma linguagem". Ser "estruturado" pressupõe uma organização, um arcabouço, uma configuração, enfim, a disposição em ordem dos elementos que compõem um sistema. Essa é a base do conceito de estruturalismo, uma corrente de pensamento originada da linguística e que se estendeu às demais ciências humanas, a partir do *Curso de linguística geral* (1916), de Ferdinand de Saussure. Mas, se Lacan diz que o *inconsciente é estruturado como uma linguagem,* ele mesmo já deixa transparecer que esse aforismo, em que pese sua importância heurística[5] , não é, de todo, aderente à linguagem própria da psicanálise. Primeiro, porque a expressão "estruturado como uma linguagem" deixa indefinida a modalidade desta última. Segundo, porque estar estruturado, nesse caso, não significa, necessariamente, organizar-se sob as leis inerentes ao estruturalismo. E, se ele precisou proceder a várias alterações no signo linguístico saussureano , é porque certamente observou que a linguagem do inconsciente tem suas peculiaridades que vão além da lógica estruturalista.

As alterações procedidas na estrutura da linguagem da linguística foram consecutivas de outro tipo de linguagem em que podem coexistir as citadas características do sintoma, ou seja, as ambigüidades, contradições e ambivalências. Estamos, assim, no campo de *lalíngua*, um neologismo criado por Lacan a partir de um ato falho, quando mencionou o sobrenome Lalande, do professor de filosofia francês Pierre André Lalande, no lugar do sobrenome do psicanalista Jean Louis Laplanche. Tendo surgido de um ato falho, *lalíngua* já nasceu impondo-se como a forma apropriada de expressão a representar as formações do inconsciente.

Mesmo já tendo feito antes algumas alusões a esse conceito, foi a partir do Seminário 20: ***mais, ainda,*** que Lacan (1972-73/1985), trouxe maior visibilidade para o conceito de *lalíngua*, retomando-o em vários momentos de seu ensino. Em 1975, fazendo referência às conferências introdutórias de Freud, que tratam do sintoma, Lacan também dá este título a uma conferência que proferiu em Genebra. Aí, ele fala de uma etapa prévia à formação do sintoma, remetendo à infância. E aborda o significante como algo que está encarnado na linguagem, lembrando que um dito pode ser constituído antes mesmo que o sujeito venha articular palavras, ao ser submetido a todo zum-zum-zum e a todo o enxame que lhe entram pelos ouvidos (cf. Lacan, 1975, p. 129). Diz ainda Lacan (1972-73/1985), no Seminário 20, que a linguagem, "é apenas aquilo que o discurso científico elabora para dar conta de *lalíngua*" (p. 188). E acrescenta: "Se eu disse que a linguagem é como o inconsciente é estruturado, é mesmo porque...a linguagem é o que se tenta saber sobre a função de *lalíngua*" (p. 189).

O analista convive, em sua prática, com as contradições do sintoma a desafiarem seu bom senso, em especial, por se tratar de um conjunto de qualidades não aderentes aos pressupostos da lógica clássica. Esta, como sabemos, preponderou por mais de dois mil anos e, na certa, ainda tem suas aplicações em campos apropriados. Porém, o tripé básico que lhe sustenta - os princípios de identidade, do terceiro excluído e da não contradição - não dá conta do discurso do sujeito em uma linguagem feita de *lalíngua*.

Sabemos que ao analista não compete compreender nem deduzir um saber próprio sobre o que diz o analisante. Porém, é da estrutura do discurso do analista, mesmo em posição de semblante, ser este o agente e o condutor da

análise, como se pode observar examinando os quatro discursos:

Figura 2 - Quatro discursos (Lacan: O Seminário, livro 20: mais ainda, 1972-73/1985, p. 27)

Então, como inferir operadores para suas intervenções (ou não) diante da ilógica do sintoma? Como articular, por exemplo, a ideia da inexistência do grande Outro com a sua permanente presença no imaginário do sujeito? Como situar-se frente a uma questão trazida por um analisante que diz ao analista: "se houver uma guerra e acabar o mundo, eu não vou suportar poder conviver no meio de um monte de baratas enfurecidas" (Corrêa, 2003, p. 87).

Atento a essas peculiaridades, Freud (1909/1974) não fez uma intervenção como se estivesse dando um conselho a Ernst Lanzer, o *homem dos ratos*. Ele não disse, por exemplo: deixe de ficar pensando nisso, pois seu pai já morreu há muito tempo. Ao contrário. Na contramão da lógica comum, mas de olho nas ambiguidades da cadeia metonímica rato-*rate-ratten*, ele chega ao significante *rateio* e vai trabalhar, na análise, a questão da herança e sua divisão equitativa entre os herdeiros.

Enfim, se já sabemos que a lógica clássica não atende às contradições inerentes ao sintoma, a questão que agora se coloca é saber qual seria essa lógica, e se ela existe. Certamente na tentativa de obter respostas para as contradições com que se deparava na prática psicanalítica, Lacan procurou acompanhar o desenvolvimento ocorrido no campo da lógica a partir de meados do século XIX, quando sua história começou a mudar em relação ao predomínio dos pressupostos aristotélicos. Surgiram, então, as lógicas chamadas não clássicas, que se caracterizam por apresentar princípios que podem até mesmo ir de encontro aos precedentes. Em função disso, além de sua aproximação com a dialética *hegeliana*, encontramos, no decorrer do ensino de Lacan, várias referências à lógica e à matemática de Cantor, Frege, Russell e outros.

Uma relevante contribuição para este tema pode ser encontrada em alguns dos textos do psicanalista Ivan Corrêa, que faz um importante percurso pela matemática e a lógica, e sua articulação com a psicanálise. Partindo da lógica aristotélica, da "lógica de substâncias", "lógica de relação" etc., e passeando pelas fórmulas quânticas da sexuação, teoria dos conjuntos e conceitos dissimétricos, Corrêa, (2001 e 2003) apresenta outros tipos de lógicas modernas, ditas paraconsistentes, polivalentes etc.. Não deixa, no entanto, de registrar o frustrante esforço feito pelos lógicos visando dar conta da verdade, concluindo, com Kurt Gödel, pela insuficiência de todo sistema matemático, após o confronto com proposições indecidíveis (cf. Corrêa, 2001, p. 15).

Para começar a ir concluindo, gostaríamos de registrar uma aplicação do uso da lógica feita por Lacan (1968-69), apropriada para o contexto deste trabalho, e também que teve desdobramentos importantes para a prática da psicanálise. Trata-se do uso da teoria dos conjuntos, a partir do paradoxo de Cantor e das noções de "conjuntos partes" e de "par ordenado"[7].

Lacan (1964), que já vinha trabalhando com a teoria dos conjuntos, desde o Seminário 11, vai explorar a distinção feita por Cantor entre um elemento de um conjunto e o próprio conjunto como um todo. Isso lhe possibilita dar um salto teórico importante, que ele vai formalizar principalmente no Seminário 16: *de um Outro ao outro* (1968/69).

"O sujeito é representado por um significante para outro significante" – é como anunciava Lacan (1964) até então. Mas, após aplicar a estrutura do par ordenado ao matema S1→S2, e fazendo o segundo elemento, S2 = S1→S2, temos uma formulação paradoxal, uma vez que uma parte dessa fórmula (S2) passa a ser igual à fórmula como um todo (S1→S2). Isso lhe possibilita apresentar a seguinte expressão em forma de conjunto:
{[S1], [S1→S2]}.
A partir desse mecanismo, o sujeito é representado por um significante **entre outros**, numa cadeia sucessiva do tipo:

{[S1], [S1], [S1], [S1], [S1→S2]}...indefinidamente.

Com isso, Lacan (1968-69) ratifica seu afastamento da linguagem da linguística e sua preferência por *lalíngua*, utilizando a formalização de uma lógica de bases paradoxais e indicando "uma repetição infinita do S1 sem que jamais se possa deter o recuo do grande Outro (S2)" (Lacan, 2008, p. 57).

Enfim, antes da linguagem estruturada com a qual nos comunicamos subjaz outra modalidade de linguagem que é própria do inconsciente, que vai se constituindo desde muito cedo para o sujeito, a partir de representações tácteis, verbais, visuais, acústicas, sinestésicas e outras moções significantes, da ordem do *mamanhês* (ou *la-la-la...landês*?), que independe de quaisquer regras sintáticas. Se é com a primeira linguagem que o homem se comunica no discurso social e também dela faz uso, inicialmente, para falar de seu sintoma perante a prática da psicanálise, a linguagem propensa à construção do laço transferencial é de outra ordem e, como tal, imune às tentativas de organização estrutural e lógica. Ao que parece, apenas uma lógica que admita a possibilidade de convivência entre complexas redes de proposições contraditórias, imperativas e exclamativas, inversões, dissimetrias, negação de negação, sofismas e paradoxos indecidíveis, poderia, acolher a ilógica dessa estranha partitura escrita pelo sujeito do inconsciente, de cuja leitura, com ou sem *maestria*, nos ocupamos.

[1] Trabalho apresentado na XXV Jornada de Psicanálise do Espaço Moebius, realizada em 1, 2 e 3 de dezembro de 2016, Salvador – BA.

[2] Cf. BAGGIO (1995), Marco Aurélio, que diz: "A pulsão é como uma hidrográfica bacia amazônica, brotando de toda e qualquer parte, com suas fontes, córregos, riachos, iguapés, igarapés e rios. Alguns destes são afluentes formidáveis, bem cartografados. Deles podemos falar. Podemos, até, nomeá-los" (p. 45).

[3] Cf. Freud (1925-26/1976) "O inexplicável medo de Little Hans por cavalos era o sintoma e sua incapacidade de sair à rua era uma inibição ..., a fim de não despertar o sintoma da angústia" (p. 123; itálicos nossos).

[4] Além da nota anterior, na Conferência XXV – A ansiedade, Freud (1916-17/1976), declara que "em geral os sintomas são formados para fugir a uma geração de ansiedade", de outro modo inevitável. (p. 471). E, ainda, na mesma conferência: "A geração de ansiedade neurótica dá lugar à formação de sintomas...". (p. 472).

[5] Heurístico (a) – adj. - diz-se de hipótese de trabalho que, a despeito de ser verdadeira ou falsa, é adotada a título provisório como ideia diretriz na investigação dos fatos (Dicionário Houaiss eletrônico, junho de 2009, verbete).

[6] Alterações feitas no signo linguístico: exclusão do invólucro circular do signo, inversão das posições entre significado e significante, retirada das setas indicadoras de uma inter-relação e, ainda, inclusão de uma barra vedante de qualquer ligação entre eles.

[7] Paradoxo de Cantor (1845-1918): Teorizando sobre o conjunto de todos os "x" que não pertencem a "x", Cantor concluiu pela noção de conjunto vazio{ϕ}, que, por sua vez, é também um conjunto unitário, já que só dispõe de um elemento, como no seguinte exemplo:{a}. Por outro lado, o conjunto{a, b} é formado pelos elementos a e b. Está aí a base para a noção de par ordenado, que Cantor define como um conjunto cujo segundo elemento é formado pelo primeiro e, ao mesmo tempo, também pelo segundo elemento do par {a}, {a, b} (Cf. Corrêa, 2003, p. 40/41).

Referências Bibliográficas

BAGGIO, Marco A. (1995). O psiquismo humano. S. Paulo: Ed. Escuta.

CORRÊA, I. (2001). A psicanálise e seus paradoxos. Salvador: Ágalma; Recife: Centro de Estudos Freudianos (CEF).

CORRÊA, I. (2003). Da tropologia à topologia. Recife: CEF.

FREUD, S. (1974). Notas sobre um caso de neurose obsessiva. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original de 1909).

FREUD, S. (1974). O inconsciente. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original de 1915).

FREUD, S. (1976). Conferência XXV – A ansiedade. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., vol. XVI). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original de 1916-1917).

FREUD, S. (1976). Conferência XXIII - Os caminhos da formação dos sintomas. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., vol. XVI). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original de 1916-1917).

FREUD, S. (1976). Psicologia de grupo e análise do ego. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original de 1921).

FREUD, S. (1976). Inibição, sintoma e angústia. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., vol. XX). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original de 1925-1926).

FREUD, S. (1976). Conferência XXXII - Ansiedade e vida pulsional. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., vol. XXII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original de 1932-1933).

HOUAISS Dicionário Eletrônico, junho de 2009.

LACAN, J. (1985). O seminário, livro 20: mais, ainda (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LACAN, J. (1990). O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LACAN, J. (1999). O seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LACAN, J. (2008). O seminário, livro 16: de um Outro ao outro (1968-1969). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

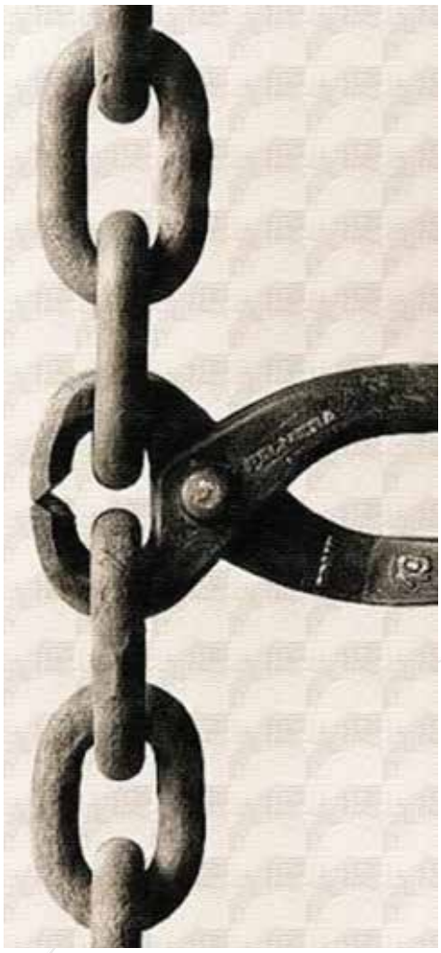
LACAN, J. Conferência de 24 de outubro de 1975, Genebra.

SOUZA, A (2003). Os discursos na psicanálise. Rio de Janeiro: Cia. de Freud.

topos

Paradoxos

Zeila Torezan [1]



Resumo: O presente artigo propõe uma breve discussão do conceito de sintoma na clínica psicanalítica de acordo com uma leitura freudo-lacaniana. Partindo da premissa de que o sintoma é paradoxal, buscou-se desenvolvê-la através da análise de alguns dos paradoxos associados ao sintoma e de como eles estariam implicados na prática clínica. Se com Freud, pudemos alcançar o valor significante do sintoma, com Lacan agregamos a ele um valor de gozo na estrutura. Assim, este trabalho enfatiza a importância de contemplarmos na direção da cura a dimensão real do sintoma, pois a verdade do sujeito que o sintoma porta não pode ser encontrada na decifração de uma mensagem para a recuperação de uma significação oculta.

Palavras-chave: clínica psicanalítica, gozo, sintoma.

[1] Psicanalista, membro da Associação Livre – Psicanálise em Londrina. E-mail:zeilatorezan@gmail.com: zeila-torezan

Paradoxes

Abstract: This paper suggests a short discussion of the concept of symptom at the psychoanalytic clinic from a freud-lacanian point of view. Beginning at the premise that the symptom is paradoxical, this paper aimed to develop it through the analysis of some paradoxes which are associated to the symptom and how they would be involved in the clinical practice. If with Freud we could reach the significant value of the symptom, with Lacan we added to it a value of joy in the structure. So, this paper highlights the importance of contemplating, in the path of cure, the real dimension of the symptom, because the truth of the subject that the symptom carries can not be found on the deciphering of a message for the recovery of a concealed signification.

Keywords: psychoanalytic clinic, joy, symptom.

Durante a delimitação deste trabalho, interroguei: o que, em minha prática, tem me intrigado a respeito do sintoma? O eco da pergunta levou, associativamente, à palavra *paradoxos* e, na sequência, ao modo como essa palavra estaria relacionada à indagação inicial. Quais seriam os paradoxos associados ao sintoma e como eles estariam implicados na prática clínica? Eis a razão do título e o que desejo compartilhar com vocês.

No Dicionário Aurélio da língua portuguesa (2010), encontramos no verbete *paradoxo*: "conceito que é ou parece contrário ao comum; contrassenso, absurdo, disparate" (p. 1559). E no dicionário de filosofia de Ferrater-Mora (2001), lemos que "etimologicamente, paradoxo significa contrário à opinião, isto é, contrário à opinião recebida e comum. O paradoxo maravilha porque propõe algo que parece assombroso que possa ser tal como se diz que é" (p. 2200).

Não é difícil identificarmos os elementos presentes nas referidas definições do termo também no conceito psicanalítico de sintoma e em suas manifestações. Contrassenso, absurdo, disparate, maravilhamento e assombro podem ser encontrados: no gozo que o sofrimento do sintoma comporta; no apego ao sintoma, mesmo com o sincero pedido para eliminá-lo; nas sensações contraditórias que provoca – *"conforto no desconforto, plenitude no vazio, alegria na tristeza, vazio que pesa e incha, um esquisito bom, paz no desassossego"* . Também parece paradoxal o sintoma ser uma resposta do sujeito frente ao *impossível da relação sexual*, uma resposta ao inexorável mal-estar provocado pelos efeitos de lalangue, mas que também comporta mal-estar. Uma resposta de sujeito que produz, muitas vezes, sentimentos de aniquilamento e desaparecimento. Tudo isso é ou parece bem absurdo e/ou contrário à opinião comum, ou seja, paradoxal.

Ainda há contrassenso entre o pedido de eliminação do sintoma e de seu intenso sofrimento e o fato de uma análise não visar tal fim, pois, se o sintoma é uma resposta para a *não relação*, ele é fundamental e não há sujeito sem sintoma. Entretanto, mantendo o contrassenso, é desejável que o sintoma se torne menos incômodo, caso contrário, a própria análise se constituirá como paradoxal. Afinal, para que apostar no tratamento se o sintoma que levou o sujeito a buscar ajuda permanecer tal e qual e causando o mesmo sofrimento? Algo deve se modificar em relação ao sintoma, mesmo que não se trate de suprimi-lo.

Então, sabemos que sim, há gozo no sofrimento do sintoma. Sim, o sujeito pede para se livrar dele, mas lhe tem grande apego. Sim, há sujeito no desaparecimento que o sintoma produz. Sim, o sujeito paga com seu sintoma. Sim, o sintoma é uma resposta fundamental à estrutura e, portanto, não se trata de eliminá-lo. Mas, não, nada disso significa que o sintoma será mantido ou cristalizado pela análise. Muito menos que o analista, de alguma maneira, cobrará o sujeito por seu sintoma, confundindo responsabilização com culpabilização e inflando o supereu e sua crueldade. Entretanto, avalio que, algumas vezes, esses

equívocos acontecem e proponho uma articulação entre tais equívocos e o que é paradoxal no sintoma, levantando a possibilidade de que uma análise se torne um contrassenso em sua ética a partir do que se apresenta como paradoxal no sintoma.

Lembro-me de minha primeira tentativa de análise, que ocorreu há quase trinta anos, durante a universidade e início da vida profissional. As sessões eram torturantes, meu sofrimento aumentava a cada dia e meu marido, na época namorado, me questionava que lógica tinha aquilo. Também não sabia qual era a lógica, mas foram alguns anos assim. Algumas vezes fui esquecida na sala de espera e pensava: será um ato analítico lacaniano para que eu reconheça minha insignificância? Nunca saberei ao certo o que se produziu nessa experiência, muitas leituras são possíveis, mas quero destacar que essa transferência tornou-se um contrassenso e aposto que a pregnância do sentido via decifração tenha colaborado para esse fim.

A escuta dos paradoxos do sintoma é fonte de trabalho na condução da cura, pois o sintoma é falado, frequentemente, através de seus paradoxos, cujos contrassenso e disparate causam estranheza e intriga naquele que fala, favorecendo a associação livre. Entretanto, contrassenso, absurdo e disparate podem, ao contrário, dificultar o trabalho analítico, pois eles também incitam a busca de compreensão, ou seja, a busca de dar sentido ou solucionar/eliminar o paradoxo, o que pode favorecer a manutenção e/ou incremento do sintoma.

Dizer que a *cura vem por acréscimo* implica uma necessária revisão do conceito médico de cura atrelado à eliminação do mal-estar e ao retorno a uma suposta normalidade ou equilíbrio, mas não significa desqualificar ou julgar como secundário aquilo que denominamos cura. Ao contrário, a *cura é um suplemento necessário* e, como analistas, *nosso desejo é de melhorar a posição do sujeito*, nos indica Lacan (1997) no seminário *A angústia*. Um pouco mais adiante, em 1975, destaco ainda uma intervenção de Lacan nessa mesma direção, pronunciada nos Estados Unidos, que diz: "Eles (os neuróticos) vivem uma vida difícil e nós procuramos aliviar seu desconforto".

Cura como suplemento necessário, aliviar o desconforto, melhorar a posição do sujeito. Considero essas formulações muito importantes, elas apontam para o quanto nossa prática deve ser cuidadosa em procurar favorecer que o sujeito encontre ou produza caminhos para viver melhor (melhor para cada um, sem normatizações) e entendo que a possibilidade de trabalho e modificação do sintoma está no cerne. Parece óbvio e simples, mas, paradoxalmente, não é. E também me preocupa a possibilidade de nos acomodarmos e justificarmos as dificuldades apoiados no que há de paradoxal no sintoma e, ainda, no fato de uma análise não ser uma terapêutica. Acredito que não ser uma terapêutica não exime o psicanalista da tarefa proposta por Lacan de procurar aliviar o desconforto neurótico e melhorar a posição do sujeito.

O sintoma pode ser considerado na categoria lógica do *possível*, ou seja, *do que cessa de se escrever* e pode mudar. Ser definido como uma resposta em suplência à não relação o designa como fundamental, mas não como imutável. *O que não cessa de se escrever*, categoria lógica do necessário, demarcando os limites da estrutura, é a repetição. O dizer na transferência analítica coloca lado a lado, emparelha, o *necessário* e o *possível,* ou seja, a repetição e seu irremediável com o sintoma e a possibilidade de mudança. Em outras palavras, não nos curamos do encontro falho da *não relação* (a repetição), mas a resposta a isso (o sintoma) pode ser menos selvagem e dolorosa. Ressalto: uma resposta menos dolorosa não implica ser não sintomática.

A partir do percurso freudiano o sintoma adquiriu um valor antes impensável e fundamental para a psicanálise. Com a passagem da observação à escuta, o sintoma não mais se resume ao sinal de uma doença a ser eliminada, ele fala do sujeito e não de uma patologia, comporta uma mensagem a ser decifrada, paradoxo lógico resultante de uma espécie de acordo entre instâncias psíquicas contraditórias, um enigma que serve à satisfação pulsional de forma suportável ao eu. Lacan acompanha Freud de perto, no tempo em que o simbólico predomina: o sintoma tem valor significante, representa o sujeito para outro significante, é metáfora, enigma a ser decifrado. Mensagem, metáfora e enigma implicam uma significação a ser descoberta: decifração e sentido são contemplados nesta concepção.

Entretanto, a produçaõ lacaniana acrescenta ao sintoma uma outra leitura na medida em que o real vai ganhando espaço em seu trabalho e, mais ainda, quando as três dimensões são consideradas com a mesma importância e em uma cadeia. A novidade – proferida em algumas conferências e seminários do mesmo período – é que o sintoma não se reduz ao simbólico, mas *é efeito do simbólico no real, ele vem do real, seu sentido é do real*, é *o que as pessoas tem de mais real*. Acredito que essa dimensão real do sintoma, em especial o fato de que o sentido do sintoma é do real, implica que a verdade do sujeito que o sintoma porta não pode ser encontrada na decifração de uma mensagem para a recuperação de uma significação oculta. Se *o sentido é do real*, trata-se de um sentido no fora-sentido. Mais uma vez, e de forma especial, nos deparamos com outra faceta paradoxal do sintoma: o valor significante do sintoma está exatamente no *fora-sentido*, no contrassenso, no absurdo, no disparate e se distancia da decifração e da significação.

Se o sintoma representa o sujeito, tem valor significante e é também um modo de gozo, temos uma relação direta entre significante e gozo no sintoma. Intervir sobre essa relação para produzir um descolamento entre significante e gozo vai na direção contrária à busca insistente de significação que produz o incremento ou cristalização do sintoma, pois o sentido mantém ou aumenta a colagem. Nesta direção, Soller (2013) lembra uma observação de Lacan em *A terceira:* "o sentido pode nutrir o sintoma enquanto se espera que acabe com ele" (p. 134). Há um limite para a significação que é colocado pelo real e que deve ser contemplado na análise, caso contrário, o sentido nutre, fortalece

o sintoma que invade a cena transferencial e a transforma num grande contrassenso ou numa extensão do sintoma: extensão da invasão do simbólico sobre o real.

Escutar os paradoxos do sintoma em seu caráter de enigma metafórico faz parte do trabalho, permite que o sintoma fale e contempla o campo do gozo do sentido presente na linguagem. Mas há também um gozo da própria linguagem, efeito de *lalangue, fora do sentido*, que, se não escutado e convocado ao trabalho, permite a inflação do sentido e a cristalização do sintoma. Ficamos, nesse caso, enredados pelo maravilhamento com o paradoxal do sintoma, aprisionados na busca do sentido através da lógica do paradoxo, tal qual quando nos entretemos na procura pela solução de um problema de lógica e nos vemos incapazes de alcançá-la, mergulhados na confusão propositada do paradoxo. Quando essa situação se instala, quando o sentido que visa a significação corre solto, à deriva, sem limites e nutrindo o sintoma, fica esquecido, ainda que sabido, que o percurso de uma análise em direção ao seu fim contempla o sentido, paradoxalmente, a partir do *fora-sentido.*

Assim, um suspiro, um chiado, um gaguejar, um assobio, um estalar de língua, um amontoado de letras desconexas, uma tosse, um piguarrear... Os sons mais diversos produzidos em transferência e na cadeia associativa são material de trabalho tanto quanto a metáfora, o lapso e o ato falho ou os deslizamentos metonímicos da livre associação. Chegar à letra, unidade mínima do significante, através das séries significantes facilitadas pelos paradoxos do sintoma, permite contemplar o sentido no *fora-sentido* e produzir um afastamento ou descolagem do significante do sentido gozoso sintomático, a fim de que o sujeito possa se representar e gozar de outras maneiras menos sofridas e mais produtivas. Mas, se ficarmos encantados pelos paradoxos do sintoma e seus sentidos no campo da significação, o sintoma se fortalece, o sujeito padece e o analista desaparece.

Referências Bibliográficas

De Neuter, P. (1997). Do sintoma ao sinthoma (p. 247-258). In Dicionário de psicanálise: Freud & Lacan. Salvador: Ágalma.

Ferrater Mora, J. (2001). Dicionário de Filosofia. (Tomo III). São Paulo: Loyola.

Ferreira, A. B. de H. (2010). Dicionário Aurélio da lingua portuguesa. (5ª ed). Curitiba: Positivo.

Lacan, J. (1975). Conferência na Universidade de Yale. Disponível em: www.elpsicoanalistalector.blogspot.com.br.

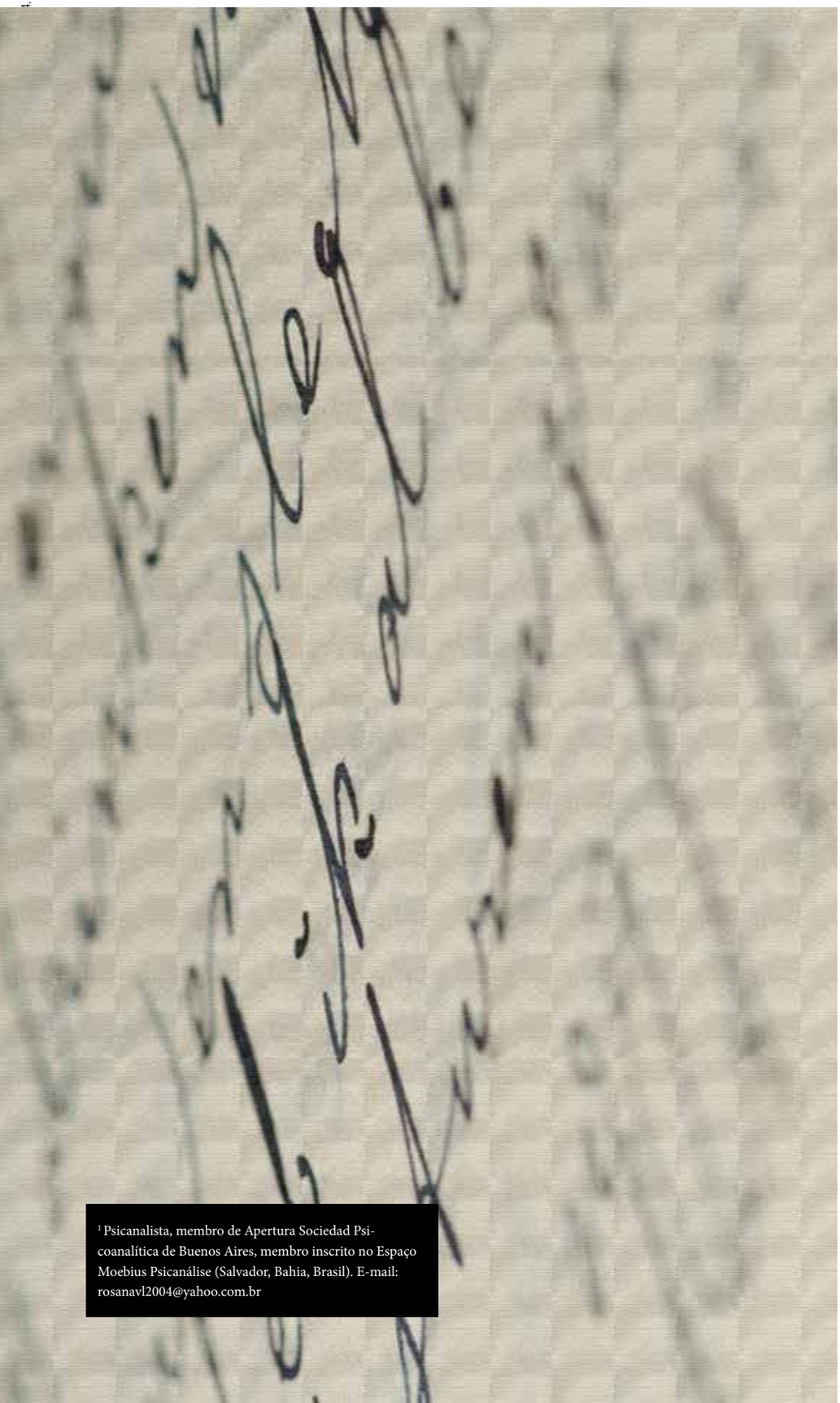
Lacan, J. (1997). O Seminário, livro 10: a angústia (1962-63). Rio de Janeiro: Zahar.

Soller, C. (2013). A repetição na clínica psicanalítica. São Paulo: Escuta.

topos

Sintoma-metáfora e sintoma-letra na direção da cura

Rosana Velloso [1]



[1] Psicanalista, membro de Apertura Sociedad Psicoanalítica de Buenos Aires, membro inscrito no Espaço Moebius Psicanálise (Salvador, Bahia, Brasil). E-mail: rosanavl2004@yahoo.com.br

Resumo: O objetivo do presente artigo consiste em verificar na teoria de Jacques Lacan algumas articulações possíveis entre a constituição do sujeito, o sintoma, a literalidade e o sentido na direção da cura.

Palavras-chave: Discurso, Letra, Metáfora, Sintoma, Sujeito.

Symptom-metaphor and symptom-letter in the cure direction

Abstract: The purpose of the present article is to verify in Jacques Lacan's theory some possible articulations between the constitution of the subject, the symptom, the literalness and the sense in the direction of the cure.

Keywords: Speech, Letter, Metaphor, Symptom, Subject.

Antonia produz um lapso durante uma sessão. Sabemos, desde Freud, que o lapso está no centro da noção de inconsciente. Sobre esse lapso, a analisante conta que, ao escrever, costuma trocar os números e também as letras. Passa a falar sobre o seu nome, Antonia. Destaca a primeira letra, a letra 'A' maiúscula, que ela diz escrever "sempre com a perna cá embaixo"; e também destaca a letra 'O', que ela escreve "com o traço no meio". Ela diz: "Eu me vejo nessas duas letras: 'A' e 'O'"... "são letras que escrevo de modo diferente e, por isso, chamam a atenção". Em uma leitura própria e espontânea, segue dizendo do seu desejo de inscrever uma diferença, um traço diferencial, a partir do qual possa ganhar reconhecimento no meio social.

Uma segunda analisante, em sua primeira sessão, me conta a história do seu nome. Foi nomeada e

instalada na linguagem como Fabi Ian. No discurso familiar circula a notícia – "como uma piada" – de que a ortografia do seu nome foi fruto de um "soluço", "uma gagueira" da sua mãe no momento de registrá-la no cartório, já que sua intenção era fazer a junção de Fabi com Ian, nome do irmão, para assim sonorizar "Fabiana". Mas houve aí uma descontinuidade, uma vacilação. O que é essa fratura em seu nome? Seu nome contém o nome do irmão, o que isso quer dizer para ela? Uma escrita primordial que designa um lugar a sustentar na linguagem e na dinâmica de um discurso. Que invenção singular a analisante poderá fazer com lalíngua, localizando-se de outro modo que não como uma piada?

Trago esses dois recortes da minha prática clínica para ilustrar o modo como fui convocada à escrita desse trabalho, a partir de algumas questões que remetem ao literal, à escrita, ao significante e à letra, ao nome, referentes essenciais do sujeito. O ponto de partida, então, foi a intenção de verificar algumas articulações possíveis entre a constituição do sujeito, o sintoma, a literalidade e o sentido, na direção da cura.

Sintoma-Metáfora

Sabemos que o campo da psicanálise é instaurado a partir das primeiras concepções teóricas de Freud sobre as formações do inconsciente e sua relação com a linguagem. O sintoma, tema da nossa jornada 2016, é o suporte fundamental da clínica e lugar do sofrimento. Desde cedo, é abordado por Freud como expressão da divisão do sujeito e portador de uma significação que remete a uma verdade particular, estruturada na história do sujeito, que será restituída por este em uma prática fundada na fala.

Lacan (1953) reconhece o sentido da descoberta freudiana e sua verdade: há uma nova razão que não depende de nenhum sujeito cogitans, pois é a ordem simbólica, constituída por elementos de linguagem, que é constituinte para o sujeito. No inconsciente, isso fala e o sujeito é agido como efeito dessa estrutura que preexiste a ele. Cito Lacan (1998) em 1953: O sintoma "é uma fala em plena atividade, pois inclui o discurso do outro no segredo de seu código" (p. 282).

Na classe de 06/11/57 do Seminário 5, Lacan (1957-58/1999) nos diz que no primeiro ano do seu seminário dedicado aos escritos técnicos de Freud, havia apresentado a "noção da função do simbólico como a única capaz de dar conta do que podemos chamar de determinação no plano do sentido" (p. 12). Mas ele introduz a topologia do significante que, para a psicanálise, diferente do significante linguístico, não tem uma significação própria e, através de um deslizamento metonímico, remete sempre a outro significante na cadeia, ganhando uma primazia e uma autonomia em relação ao significado. Sua função no inconsciente, assim, não é a de outorgar sentido, ou representar o significado, como ocorre na linguagem cotidiana estabelecida. Pelo contrário, tem a propriedade da equivocidade e o sujeito serve-se, então, da estrutura significante, "não para significar algo, mas precisamente para enganar sobre o que se tem de significar" (Lacan, 1956/1998, p. 213).

É assim que, na direção da cura, através da "substituição de um significante por outro significante na cadeia simbólica" (Lacan, 1957-58/1999, p.16) pela via do equívoco fundamental para com esta estrutura, se cria a possibilidade de surgimento de efeitos metafóricos e de sentidos diversos para o sintoma, já que estes não estão em algum reservatório. É o que Lacan (1956/1998) refere-se ao dizer que "a noção de sintoma adquire na análise um sentido emergente" (p. 470), sublinhando a vertente puramente significante do sintoma.

Desse modo, através da transferência na análise, há um forçamento simbólico onde o significante S_2 é que será o intérprete do significante S_1 do sintoma, para fazê-lo legível e interpretável. É assim também que a temporalidade retroativa da significação é acentuada.

Nesse momento, o campo do Outro (A), entendido como bateria significante (S_2), é sustentado pela metáfora paterna, tratando-se de um grande Outro consistente e legitimador. E o sintoma, além do estatuto de uma metáfora, porta uma mensagem cifrada que o sujeito ignora, porém, sustenta para o Outro.

Mais adiante em seu ensino, Lacan altera a estrutura da cadeia significante S_1-S_2, que foi como ele se apropriou do estruturalismo, e passa a considerar que a interveniência de S_1 sobre S_2 produz uma perda nomeada como 'objeto a.' Desse modo, não há possibilidade de um saber constituído como uma totalidade, o campo do Outro é limitado e não há dois fazendo um. O que há é uma rede de significantes S_1 diferentes entre si, um enxame significante e um buraco na estrutura simbólica. O ' A barrado' passa a ser concebido como equivalente ao objeto pequeno a {S – (a)}, introduzindo a categoria do impossível no inconsciente.

Então, o sintoma que, em um primeiro momento, supunha uma mensagem dirigida ao Outro, lugar da palavra e fiador da verdade, agora, aponta para o lugar onde esse Outro aparece barrado. A falta assinala a incompletude e o impossível da relação sexual.
O sujeito é determinado, mas não-todo, pelos efeitos dessa estrutura, o que possibilita situá-lo também nesse ponto de falta, que é condição desejante, e que Lacan (2016) vai denotar de objeto causa de desejo, que diz respeito ao Real. Não se sabe o que se deseja, contudo, o sujeito estará a vida toda implicado aí, se fazendo de objeto.

A partir do Seminário 17, Lacan (1969-70/1992) vai dizer que toda determinação do sujeito depende do discurso, que se refere a um laço social. Inscreve como discurso analítico os quatro discursos (do Mestre, do Universitário, da Histérica e do Psicanalista) que circulam na prática analítica a cada momento, como "um discurso sem palavras" (p. 11), mas sustentado por certas relações fundamentais estáveis (constantes) entre lugares e letras.

Daí que no Discurso do Psicanalista, o analista, tratando de ocupar o lugar do pequeno 'a' como causa, ou melhor, fazendo semblant de objeto a, institui o analisante como sujeito suposto saber, convidando-o a dizer seja lá o que for, como se soubesse do que se trata no seu sintoma. Pois o dispositivo do discurso é sem palavras, mas, na prática da análise, é preciso, é claro, que o sujeito fale. E o sintoma, agora como efeito de uma estrutura

discursiva, estará aí comportando o significante S_1 encarnado em lalíngua no lugar da produção.

Nessa dinâmica discursiva, há um impedimento nos quatro discursos: o lugar da Verdade, que é sempre inacessível. Portanto, está na dimensão do Real e só se sustenta como ficção. Da Verdade, não há mais que meio-dizer, impossível dizer tudo, não há um sentido final.

Quem questiona seu sintoma e acredita que ele possa revelar algo de sua verdade buscará uma análise, indicando que houve vacilação da resposta fantasmática que trazia certa estabilidade ao sujeito. A análise sustenta a suposição dada ao sintoma, convidando o ser falante a estar em posição de proceder à decifração e interpretação simbólica que vai até um limite. É a partir desse limite da decifração, dessa parada em um sentido imaginário, que Lacan (1973-74/2016) dá um passo a mais na teoria, pois, como ele diz: "O Imaginário é sempre uma intuição daquilo que deve ser simbolizado... alguma coisa a ruminar, a pensar...um gozo vago" (p. 14).

Sintoma-Letra

Pouco a pouco, Lacan vai se afastando do estruturalismo e, sem abrir mão da topologia do significante, vai redefini-lo. Ao longo do seu ensino, por diversas vezes, faz uma distinção entre o significante, como dizendo respeito à dimensão Simbólica, e a letra, como estrutura localizada do significante e elemento que vincula algo da dimensão do Real e do gozo.

Contudo, no final do seu ensino, em uma Conferência realizada nos EUA, em dezembro de 1975 (no Massachusetts Institute of Technology), ele vai dizer: "O significante é a letra. Apenas a letra faz buraco" (p. 65).

A instância da letra no inconsciente é a nova razão descoberta por Freud, já nos dizia Lacan em seus Escritos. Lacan privilegia a letra porque entende o inconsciente como uma escritura; e a situa entre dois domínios: o da linguagem (a letra vem do sistema da língua) e o do discurso (do seu emprego no discurso, através do lugar que essa estrutura lhe outorga).

Com a topologia desenvolvida por Lacan nos anos 70, a escritura da cadeia borromeana muda a noção de inconsciente, pois há agora um buraco no centro dessa cadeia que enlaça o Simbólico, o Imaginário e o Real. E o que faz esse buraco não é algo que falta, nem é o recalque. O buraco é uma propriedade dessa estrutura e é nesse lugar que o inconsciente faz turbilhão e onde está o Real.

Lacan já vem falando dessas três dimensões há muito tempo, desde que começou o seu ensino quando, por exemplo, pronunciou uma conferência com o título "O Simbólico, o Imaginário e o Real", em julho de 1953, mas é a partir da década de 70, que ele diz dar um passo a mais em suas teorizações ao sublinhar que é preciso que haja três para que haja no coração deste nó um ponto buraco, célula vazia, "o que nós somos" (Lacan, 1973-74/2016, p. 56).

Então é aí, na ex-sistência desse Real que se localizará o sujeito, que é causado pelo 'objeto pequeno a,' que tem estatuto de buraco. Eis a "substância" do sujeito, já que, como sujeito, não possui substância, é impessoal, incorporal.

E o sintoma, portanto, como aquilo que o sujeito tem de mais particular, aponta, nesse momento, para uma dimensão da linguagem que concerne ao Real, o impossível de escrever para cada sujeito e que se mostra o tempo todo, não cessando de retornar sempre ao mesmo lugar e impedindo seu andamento satisfatório na vida. Esse é o sentido do sintoma enquanto algo que atravessa para impedir que as coisas funcionem.

Façamos um paralelo entre a escrita do sintoma e o trabalho do sonho. Vejamos o que diz Lacan no Seminário 21: Os não-tolos erram, de 1973-1974. Ele afirma que podemos dar uma completa e correta tradução dos sonhos no modo de se exprimir da vida de vigília, dar sentido e interpretá-lo. Mas a construção, a codificação no sonhar, que é dimensão da linguagem, não tem nada a ver com a comunicação com o outro. No sonho: "as coisas são feitas para que, na codificação, se ganhe aí alguma coisa que é essencial no processo primário, um Lustgewinn" (p. 37), um mais-de-gozar.

O sonho depende da estrutura do desejo, adormece, mas há algo na sua codificação que tem a ver com o gozo que poderia, exatamente, incomodar o sono. É quando a codificação aponta os limites próprios da linguagem, esse buraco, que é onde a relação sexual fracassa sempre, não pode inscrever-se nunca.

O sintoma ganha, então, um novo estatuto. Passa a ser lido como um "efeito do Simbólico no Real" (Lacan, 1974-75, p.7). Daí podermos falar de sintoma-letra em sua dimensão de escrita que produz gozo na ex-sistência do sujeito, fazendo referência aqui ao ponto onde o texto do sintoma se revela insondável e, então, a metáfora cede seu lugar à letra para falar do que não há. Cito Lacan no Seminário RSI de 1974-75: "do inconsciente todo um, naquilo que ele sustenta o significante em que o Inconsciente consiste, todo um é suscetível de se escrever com uma letra...o que não cessa de se escrever no sintoma vem daí" (p. 23).

Falar de "sintoma-letra" parece não ter sentido algum e é esse mesmo o seu sentido. O funcionamento da letra implica o ***nonsense*** do inconsciente estruturado como uma linguagem, que não é a nossa linguagem coloquial que visa à comunicação, à transmissão e ao sentido, com significações do discurso comum. Então, no percurso de uma análise, o analisante é convidado a verificar que a linguagem não é feita de palavras, essa unidade é estabelecida pelo meio.

A função da letra torna possível que a interpretação analítica deixe de ser um ato intuitivo, baseado nos significados habituais das palavras. A letra oferece um suporte material e uma razão lógica à interpretação. Cito Lacan (2016) no Seminário 21 (1973–1974): "É em uma letra, é nisto que o significante mostra esta precipitação pela qual o ser falante pode ter acesso ao Real" (p. 245). Outra citação, agora, retirada do Seminário RSI (1975):

O Real, tal como nós falamos dele, está completamente desprovido de sentido. Nós podemos estar satisfeitos, estar seguros de que tratamos algo Real somente quando já não tem mais nenhum sentido. Não tem sentido porque não é com palavras que escrevemos o Real. É com pequenas letras (p. 27).

Há que se valorizar a letra, lalíngua, que faz buraco na estrutura quando da aquisição da linguagem. Mas é preciso notar que, na prática da análise, o "saber isso se inventa" (Lacan 1973-74/2016, p. 140), pois não há nada para descobrir nem revelar no Real. O que há é um buraco e o "saber suposto sujeito" (Lacan 1973-74/2016, p.190). É nesse ponto, que no dispositivo analítico, cada ser falante se inventa, inventa seu inconsciente que o determina, escrevendo seu sintoma, embora, como diz Lacan (1973-74/2016), não haja "o menor desejo de inventar o saber". O que há sim é "um desejo de saber atribuído ao Outro" (p. 197).

Assim, intervimos como analistas a fim de acessar outro sentido, sentido onde isso goza e o sujeito nada sabe. Propomos seguir a errância da letra, acompanhando a advertência de Lacan (2007) na classe 2 de 09/12/75 do Seminário 23, onde ele diz: "a menos que se admita essa verdade de princípio – que a linguagem está ligada a alguma coisa que no real faz furo -, não é simplesmente difícil, mas impossível considerar seu manejo" (p.31).

Desse modo, o analisante fará leituras outras sobre o que diz, procurando criar uma novidade com as letras, escrevendo, por exemplo, em outra ordem, desobedecendo a gramática, lendo uma frase nas duas direções e de diferentes maneiras, jogando com um espaço e tempo outro, valorizando a jaculação, o modo como se diz, a polifonia. Enfim, armando outra língua e um saber próprio.

Nessa perspectiva, a direção da cura não visa à eliminação do sintoma, já que este se constitui como uma condição necessária para o sujeito, sua escritura singular na tentativa de tratar o Real, produzindo novos efeitos sobre este, modulando e transformando o gozo. Esta concepção do sintoma afasta a psicanálise das psicoterapias que pretendem eliminá-lo. Enquanto analistas, se temos a possibilidade de operar sobre o sintoma é na medida em que este é efeito do avanço do Simbólico no Real. O trabalho será se valer do sintoma para fazer consistir um saber-fazer precisamente ali onde a relação sexual não se inscreve.

Se tomarmos o sujeito-sintoma como ativo na escrita do seu inconsciente e nas invenções diversas, ao invés de propormos o tratamento do sintoma, podemos considerar que o sintoma é um tratamento. Tratamento aqui entendido não no sentido médico, mas como o trabalho necessário de escritura ao qual o sujeito é convocado para dar conta dos efeitos do Real sobre ele, reconhecendo de que maneira está implicado no seu modo de gozo.

Uma análise conduzida até seu final é a condição do sujeito de construir um estilo próprio, com respostas criativas, inventando um saber-fazer com lalíngua, inventando suas possibilidades.

Referências Bibliográficas

Lacan, J. (1953). Lo Simbólico, lo Imaginario y lo Real. 1953. (Establecimiento del texto, traducción y notas: Ricardo E. Rodríguez Ponte). Para circulación interna de la Escuela Freudiana de Buenos Aires.

Lacan, J. (1975). Conferencias y charlas en universidades norte-americanas. (R. R. Ponte, trad.). Circulação interna da Escuela Freudiana de Buenos Aires. Disponível em http://www.lacanterafreudiana.com.ar/pdf.

Lacan, J. (1985). O Seminário, livro 3: as psicoses (1955-56). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In Escritos. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original de 1953).

Lacan, J. (1998). Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956. In Escritos. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original de 1956).

Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In Escritos. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original de 1957).

Lacan, J. (1999). O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-58). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (1992). O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-70). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (2016). O Seminário, livro 21: os não-tolos vagueiam (1973-74). Publicação não comercial, circulação exclusiva para os membros do Espaço Moebius. Salvador, Bahia.

Lacan, J. (1974-75). O Seminário, livro 22: R.S.I. (inédito). Ed. HeReSIa.

Lacan, J. (2007). O Seminário, livro 23: o sinthoma (1975-76). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Souza, A. (2003). Os discursos na psicanálise. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

topos

REVISTA TOPOS, V. 14, ANO 2017

A intervenção na clínica com crianças e adolescentes: o drama da puberdade

Ligia Arruda Lima [1]

Resumo: Este trabalho busca, através da articulação com a clínica, discorrer sobre o tempo da puberdade, em que a irrupção pulsional reabre os orifícios do corpo, reabrindo também as grandes interrogações sobre o sexo e a autoridade. Adota as contribuições de Alba Flesler, que propõe que o analista atenda a criança e o adolescente apontando para o sujeito e para os tempos de sua constituição.

Palavras-chave: adolescência, clínica psicanalítica, desejo dos pais, tempos do sujeito.

Intervention in the clinic with children and adolescents: the drama of puberty

Abstract: This paper seeks, through an articulation with the clinic, to discuss about the time of puberty, when the drive irruption reopens body orifices, reopening also great questions about sex and authority. It adopts the contributions of Alba Flesler, who proposes that the analyst should treat the child and the adolescent by pointing both to the subject and the times of his constitution.

Keywords: adolescence, psychoanalytic clinic, parents desire, times of the subject.

"Como cada um faz para ser? Como cada um faz para ancorar, afirmar a sua existência, já que nenhuma essência dada e garantida jamais o confirmará na sua individualidade distinta e única? Como cada um faz para suportar a insustentável leveza do ser?" (Fingermann, 2005, p. 23).

[1] Psicanalista, participante do Espaço Moebius Psicanálise. Email:ligialalima@hotmail.com

Alba Flesler, em *A Psicanálise de crianças e o lugar dos pais* (2012), afirma que o sujeito da estrutura tem, mais que idades, tempos. A autora propõe que o analista atenda a criança apontando para o sujeito e para os tempos que fazem sua constituição. Os tempos do sujeito, tempos do Real, do Simbólico e do Imaginário na constituição da estrutura só passam de um ao outro na descontinuidade de um gozo, cuja perda é a condição inelutável para dar causa à dialética desejante.

Em relação ao lugar dos pais, para Flesler (2012) estes são operadores necessários para promover a passagem de um tempo ao outro. É necessário para cada tempo da infância que se renove o desejo dos pais como operação de antecipação e nominação do sujeito, nomeação de um novo lugar para o sujeito.

Para a mãe, o desejo do filho não surge apenas como consequência de uma falta promotora do desejo de tê-lo, mas também de uma ilusão de obtê-lo. É a mãe quem antecipa a existência do sujeito mesmo antes do seu nascimento, podendo lhe conferir um corpo separado do seu. A função desta operação, essencial para a sustentação narcísica, é de um tempo que, para o sujeito, vai se transformar em uma bivalência: ser ou não ser o falo.

A operação nominação do pai limita o gozo. Para o filho, ao indicar que há uma mulher com a qual ele não pode se satisfazer. Para a mãe, ao desejá-la como mulher e fazê-la não toda mãe. E para si ao recordar que seu lugar de pai é devedor de um nome, pois um sujeito é pai por ser nomeado como tal. Ao introduzir a criança na filiação direciona a proibição do incesto. Ao oferecer a sua castração o pai está autorizado a exercer a sua função nominante. Segundo Flesler (2012), a autoridade do pai deve funcionar renovando sua operação nominante, enlaçando a regulação e o acesso a cada novo gozo, em cada um dos tempos do sujeito na infância. É necessária a consistência do pai para enlaçar a estrutura RSI, para que opere como transmissor da lei do desejo e doador da castração.

O curso dos primeiros anos depende radicalmente desta operação de antecipação e nominação necessária para que o sujeito exista como efeito de sua eficácia. A desproteção nos primeiros anos de vida exige, da parte dos pais, a reiteração da antecipação e nominação em cada tempo do sujeito da infância, desde antes de nascer até chegar a puberdade.

No entanto, estas operações falham. E, ao falhar, os tempos não realizados na constituição da estrutura podem ser apreciados nos enclaves estanques de gozo mortificante, nas inibições, angústias ou sintomas, versões manifestas do ponto em que as progressões dos tempos da infância ficaram retidas ou impedidas. Para Flesler (2012) a intervenção do analista deve apontar para a instauração das operações irrealizadas, aquelas que são fundantes da passagem de uma etapa à outra. O analista deve operar naquilo que compromete o percurso de realização do sujeito nos tempos da infância.

Para Lacan (1969), em *Nota sobre a criança* (2013), o sintoma da criança responde ao que há de sintomático na estrutura familiar. Os casos em que representa a verdade do casal parental são os mais acessíveis às nossas intervenções. No entanto,

quando a criança realiza o lugar de objeto na fantasia materna a intervenção do analista é dificultada. As possibilidades de subjetivação de uma criança diferem muito se ela é chamada a ocupar o lugar de objeto a na fantasia do Outro ou se consegue produzir sintomas.

Segundo Flesler (2012), o jogo de presença e ausência do gozo não está apenas nas mãos da criança, razão pela qual não se pode esquecer o lugar dos pais na análise de uma criança. A oscilação necessária entre a alienação e a separação constitutiva do sujeito depende, para cada um dos tempos da infância, de uma extração renovada de gozo fora do corpo da criança. Dela depende igualmente que o sujeito possa responder sim e também não à criança esperada pelos pais.

Se no tempo da infância os pais têm sua parte na responsabilidade da gestão do gozo, o que ocorre na puberdade, tempo do segundo despertar sexual, tempo de predominância do real, o encontro com o real do sexo, quando o sujeito tenta reencontrar uma trama simbólica para dar sentido à existência?

Com o segundo despertar sexual tem início o tempo da puberdade, em que a irrupção pulsional reabre os orifícios do corpo, reabrindo também as grandes interrogações sobre o sexo e a autoridade. Tempo dramático, com o forte sentido cênico que o caracteriza. Para o humano o caminho que vai do corpo da mãe ao próprio corpo e, só depois ao corpo do parceiro, não se orienta por instinto. É necessário recriar um gozo. A realização da busca do objeto de desejo e do gozo no corpo do parceiro não é automática. Segundo Alba (2012), mais uma vez é necessária a operação desejo dos pais, legitimando, no tempo da puberdade, um gozo além da endogamia e buscando um objeto fora do corpo familiar.

Freud chama de "transformações da puberdade" este caminho a ser percorrido. Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) aponta para um doloroso, mas significativo ganho do sujeito no período puberal: o desprendimento da

autoridade parental, mudança de posição do sujeito em relação ao Outro. Ao trabalhar o tema da autoridade Martine Lerude (2009) afirma que para o adolescente não há Outro que possa lhe dizer qual é o seu lugar no mundo, o que ele deve fazer para ser um homem ou uma mulher. Ele deverá se autorizar em um mundo sem garantias, deve autorizar-se a falar em nome próprio. Nas palavras de Flesler

> Os meandros do percurso se diagramam num labirinto que também inclui becos sem saída. Os trechos que o indivíduo terá que percorrer podem ser feitos com pés de chumbo, com asas nos pés, passo a passo ou afundando em areia movediças, até se afogar no travo amargo de alguma tragédia (p. 49).

Lara chega à análise aos treze, à deriva. Perdida, como em *"Lost",* nome de um dos seus seriados preferidos. A criança alegre, adorável, meiga estava irreconhecível para a mãe. Passou de um tempo a outro da infância sem grandes percalços, mas aos onze as coisas começam a andar mal... Sente-se nada, sem lugar no mundo, o sofrimento é atroz e para aliviá-lo se corta, a vida não parece fazer sentido, só deseja morrer.... Diz que só a morte poderia livrá-la da dor da existência. Responde à toda demanda que lhe é oferecida, quer seja uma droga ou um boquete, se jogando, sem nenhum questionamento se entrega ao Outro. Nada barra este gozo mortífero. A inoperância dos pais agrava as questões de Lara, que inicia a análise com muita desconfiança: *"Não te conheço, como posso confiar em você?".* Mas persiste e começa a falar.

No início sobre os seriados que assiste, e começa a se identificar com alguns personagens. *"Quando crescer vou ser detetive",* e passa a questionar sobre sua origem, seu sofrimento, seu lugar no mundo: *"Se eu morrer será que vou fazer falta para meus pais?".* Começa a trazer sonhos. Sonha que é mãe, gesta e paree bebês. E dialoga com a mãe que deseja ser: *"Quando eu for mãe, vou dar limites à minha filha, não vou deixar ir a todas as festas". "A mãe de uma amiga teve relações sexuais na frente dos filhos, nunca faria isto com a minha filha". "Uma mãe tem que pensar o que vai dizer, ser modelo. Não quero que minha filha faça boquete com onze anos".*

E desta forma vai se fazendo mãe e pai de si mesma. Constrói suplências de pai e projetos de vida: fazer intercâmbio, ser bióloga. Começa a estabelecer limites: *"Nas baladas, fico no máximo com três, e tem que ser conhecidos. Bebida, só duas doses, mas tenho que comer antes. Beijar e fazer quase tudo pode, mas não pode perder a virgindade".* Aparece o desejo de se tatuar: escrever sobrevivente, forte ou desenhar uma âncora, símbolos de paz, proteção, equilíbrio, o que acaba não se concretizando. O outro sexo ainda é visto com muito medo, *"quero namorar, mas não posso me entregar, confiar".* Lara para de se cortar, e para a análise também. Mas retorna seis meses depois, dizendo que precisava falar de seus sonhos, do namorado, de sexo, dos encontros e desencontros...

O que cada um faz para afirmar sua existência só pode ser apreendido no singular, na construção única que cada um faz em análise buscando se proteger e minimizar os efeitos do gozo na cadeia borromeana. É necessário aceitar uma perda de gozo, suportar a castração, sem ceder quanto ao desejo. Ao sujeito, seja no corpo de criança ou adolescente, cabe se responsabilizar quanto ao gozo, lidar com os efeitos do gozo no real, simbólico e imaginário, construir uma ficção, novas versões para dar conta do peso da existência.

Referências Bibliográficas

Fingermann, D. & Dias, M. M. (2005). Por causa do pior. São Paulo: Iluminuras.

Flesler, A. (2012). A Psicanálise de crianças e o lugar dos pais. Rio de Janeiro: Zahar.

Freud, S. (1989). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., vol. VII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original de 1905)

Lacan, J. (2013). Nota sobre a criança. In Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original de 1969)

Lerude, M. (2009). Mas o que é que constitui então autoridade? In Adolescente, sexo e morte. Porto Alegre: CMC Editora.

topos

REVISTA TOPOS, V. 14, ANO 2017

Che vuoi?, O lugar de Maria

Carla Cristina de Barros Dratovsky [1]

Resumo: Esse texto apresenta uma articulação entre a proposta de constituição do sujeito da psicanalista Alba Flesler e um caso clínico atendido em uma OSCIP. Percebe-se, nessa construção, que o sujeito, ao se constituir, atravessa um percurso marcado por tempos lógicos que se sucedem e vão determinar o enodamento entre Real, Simbólico e Imaginário, que não é definido pelo contexto socioemocional em que o sujeito está inserido, mas o tem como cenário.

Palavras-chaves: constituição do sujeito, psicanálise, tempos lógicos.

Che vuoi?, the place of Mary

Abstract: This text deals with a link between the proposal of the constitution of the subject by the psychoanalyst Alba Flesler and a clinical case. It is perceived in this construction that the subject, to become, crosses through a journey marked by logical times in which they occur, and it will determine the entanglement among Real, Symbolic and Imaginary, which is not defined by a socio-emotional context where the subject is inserted, but it has it as a scenario.

Keywords: constitution of the subject, psychoanalysis, logical times.

Este trabalho é resultado de algumas reflexões surgidas no cartel do Espaço Moebius, finalizado em novembro/2016, que se propôs a estudar temas relacionados à clínica psicanalítica com crianças, sustentando a posição de que o psicanalista atende a criança mas aponta sempre para o sujeito.

Tivemos como eixo de estudo o livro da psicanalista argentina Alba Flesler, *A psicanálise de Crianças e o lugar dos pais,* onde apresenta a ideia de que, independentemente da idade, o sujeito se constitui em tempos, o que permitirá ao analista encontrar a especificidade do ato analítico. Neste sentido, ao iniciar um atendimento de criança é necessário que o analista se pergunte em que tempo esse sujeito se situa e verificar se e onde há tropeços.

Como podemos pensar o caso de Maria, que nasceu a partir de uma gravidez inesperada de pais adolescentes que não assumiram a responsabilidade pela criança? Vivendo em condições de muitas dificuldades econômicas e sociais, esse jovem casal passou a viver com a filha entre as casas das avós, até que se separaram e Maria foi, finalmente, deixada pela mãe na casa da avó materna. Essa avó, em seus surtos esquizofrênicos, perambulava pelas ruas levando a criança no colo ou pela mão, assumindo esse lugar de cuidador, que todo bebê humano requer. Tempo de prematuridade, a criança ao nascer está totalmente indefesa, dependente dos cuidados de outros para garantir sua existência e alienada em relação à demanda que lhe é dirigida. É nesse contexto que Maria vive seus primeiros passos no mundo e tem suas primeiras marcas.

Em sua proposta de uma leitura do sujeito baseada em tempos lógicos, no qual inicialmente se trata de ser ou não ser o falo para o Outro, Alba Flesler assinala que esse primeiro tempo, de predomínio imaginário, não oferece ainda recursos simbólicos à criança para enlaçar Real e Imaginário. Sem saber qual o seu lugar, o ser humano é submetido ao desejo do Outro, dominado por ele, que é o sujeito primordial da demanda. O desejo da criança neste primeiro momento é responder ao "Che vuoi?". Ela deseja o desejo do Outro. Coloca-se na posição de ser o falo para o Outro.

Qual seria a demanda dirigida a Maria? Quais as expectativas dirigidas a esse sujeito e de que forma ele responde?

Após alguns meses sendo cuidada nas ruas por essa avó, Maria é retirada pelo Conselho Tutelar e levada para um abrigo onde permanece por alguns anos, vivendo em um lar social, com pessoas que ocupam o lugar de pais e irmãos sociais e recebendo visitas da família biológica.

Aos 4 anos de idade, Maria é encaminhada pelo Juiz de Menores responsável pelo caso para uma instituição/OSCIP que presta atendimento a crianças de baixa renda, que estejam em sofrimento psíquico. Lá passa a receber acompanhamento psicoterápico, com a demanda de prepará-la para o processo de adoção. A mãe social a descreve como uma criança alegre, obediente, que interage

[1] Psicóloga, psicanalista, membro do Instituto Vivain-fância e participante do Espaço Moebius Psicanálise. e-mail:carla.dratovsky@gmail.com

bem com adultos e outras crianças. Durante esse processo, os tios-avôs maternos entram em cena, questionando a adoção e assumindo a guarda de Maria.

Em maio/2015, assumo o atendimento e tento entender a demanda que a mantinha ali. Logo percebemos que os tios-avôs a tinham acolhido, ocupando-se das necessidades físicas essenciais, mas não a tinham adotado, do ponto de vista afetivo. Não traziam qualquer queixa sobre Maria e a descreviam como "alegre e obediente".

Com a continuidade das sessões, Maria se refere a coisas das quais não deveria falar. Aos poucos os segredos vão sendo revelados, denunciando o abandono em que vive. Nessa época começa a falar da mãe e de seus irmãos (que a essa altura eram 3), que estavam morando próximo a ela, e para onde ia em muitas tardes brincar.

Pensei que seria a hora de escutar Andrea, mãe biológica de Maria, e saber da sua disponibilidade para acolher sua filha mais velha. Andrea pareceu disponível, apesar de demonstrar uma grande imaturidade e falta de implicação com os próprios cuidados e dos demais filhos, fazendo pensar inclusive em uma limitação cognitiva. Apesar disso, parecia melhor que Maria tivesse algum cuidado ao lado da mãe e dos irmãos, com quem queria estar, do que sozinha pela rua. É quando Maria aparece com um grande corte na perna e conta que caiu do vaso sanitário, que quebrou quando ela subiu "para pegar uma coisa no alto", na casa de Andrea.

O segundo tempo proposto por Alba demarca um primeiro despertar sexual segundo Freud, que coincide com o instante do olhar que Lacan apresenta em seu texto "O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada – Um novo sofisma", de 1945. Para ela, esse segundo tempo aponta para o predomínio de um real do corpo, para o real da castração, que não deve ser tomado apenas como algo do corpo da mãe, mas como algo que a criança percebe psiquicamente no Outro primordial. A ilusão de ser o falo é descoberta. Com o desaparecimento desse véu que vestia a ilusão de completude, há um abalo inquestionável sobre o seu lugar no mundo, mas surge também a possibilidade de um novo enlace simbólico.
Em um terceiro tempo da constituição do sujeito a questão passa de "ser o falo" da mãe para "ter o falo". Esse conflito permite ao sujeito aceder a um novo gozo, o gozo fálico, no qual passa da alienação, para um tempo em que se separa dessa ideia, devendo responder "não", não sou o falo mas posso ter o falo.

Aí se faz necessário que se opere mais uma vez o "desejo dos pais", desejo do Outro, como antecipação e nominação do sujeito como possuidor do falo, como detentor de um lugar, não mais de ser o falo, mas um lugar que legitima que tenha um falo. Dá-se então um tempo de compreender. É o tempo em que as crianças questionam as normas e com elas, as leis que regram, regulam e ordenam os gozos, com um predomínio do registro simbólico.

Maria passa então aos cuidados do outro tio-avô, que logo começa a trazer as primeiras queixas. Maria "está teimosa e malcriada, não escuta ninguém". Enquanto que ela passa a me contar mais alguns "segredos". Ela sofre maus-tratos, apanha e é negligenciada nos cuidados que uma criança de sua idade necessita.
Alguns meses depois o tio-avô apresenta problemas graves de saúde e Maria volta a ficar com sua mãe em alguns momentos. É quando um novo acidente, e ainda mais grave, acontece. Maria decide esquentar comida para sua irmãzinha e uma garrafa de álcool explode, queimando gravemente todo o seu braço.

O que estes comportamentos denunciam? O que faz essa criança buscar por em risco sua vida na casa de sua mãe biológica? Seria a tentativa de ser finalmente cuidada por ela? Seria a sua forma de marcar a presença naquela família que a rejeitou? Questionando a autoridade dos adultos, suas regras e limites, confronta-os sobre o seu lugar naquela família, fazendo pensar em uma tentativa de inscrição.

Maria, então com 9 anos, rejeita os jogos e brincadeiras mais estruturados durante as sessões, apontando para a sua dificuldade com a leitura e a escrita. Apresenta desenhos elaborados, ricos em detalhes e que evidenciam uma boa plasticidade mas parece falhar em construir um processo de alfabetização, embora já estivesse cursando o terceiro ano do Ensino Fundamental em uma escola pública da cidade.

Flesler aponta que quando há "... uma falha de resolução no tempo anterior, que corresponde ao instante de olhar, quando o sujeito percebe que seu corpo não coincide exatamente com o objeto do Outro"(p. 75), pode haver uma retenção de gozo, impedindo não apenas o crescimento em geral, mas especialmente a aprendizagem da escrita.

Uma criança precisa conhecer os marcos de sua geografia familiar, saber do lugar que ocupa no desejo do Outro ou para onde se direciona a significação fálica para o Outro, quando ela se depara com a verdade de que não é o falo. O saber ou não saber o lugar que ocupa no desejo do Outro opera nas relações presentes ou futuras com o saber, podendo favorecer, dificultar ou até impedir que a criança avance no seu processo de aprendizagem. Estaria Maria retida nesse tempo, impedida de avançar no processo de alfabetização?

Mas a despeito de todas as dificuldades, Maria se coloca a questão do sujeito, "che vuoi?", que lugar ocupa no desejo do Outro. Em sua constante busca por um lugar, vai fazendo inscrições e se constituindo, apesar de todas as condições socioemocionais adversas como cenário e de tropeços nos tempos lógicos, como uma pequena guerreira.

Referências Bibliográficas

Flesler, A. (2012). A psicanálise de crianças e o lugar dos pais. Rio de Janeiro: Zahar.

Freud, S. (1989). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., vol. II). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original de 1905)

Lacan, J. (1998). O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. In Escritos. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original de 1945)

topos

Uma dor que o tempo não apaga [1]

Luiz Alberto Tavares [2]

Resumo: Na contemporaneidade a morte tem sido cada vez mais velada, silenciada, por aqueles que perdem uma pessoa próxima e, também, pelo seu entorno. O trabalho do luto, como descreve Freud, e o estatuto desse objeto perdido, como situa Lacan, podem tomar diferentes caminhos para cada sujeito enlutado. Nesse texto abordamos algumas particularidades do luto para situá-lo na obra Diário de Luto, do ensaísta francês Roland Barthes.

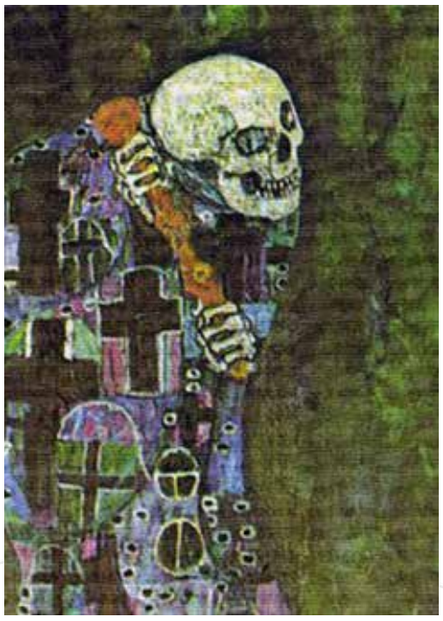
Palavras-chave: diário de luto, enlutado, luto, morte.

A pain that time does not erase

Abstract: In contemporary times, death has been increasingly veiled, silenced, by those who lose a close person and by their surroundings. The work of mourning, as described by Freud, and the dimension of this lost object, as Lacan puts it, can follow different paths for each mourning subject. In this text, we address some particularities of mourning to place it in the work Mourning Diary, from the French essayist Roland Barthes.

Keywords: mourning diary, mourning subject, mourning, death.

Recebemos eventualmente em nossos consultórios pessoas entristecidas que sofreram perdas significativas de entes queridos e, por isso, não veem mais sentido na vida. Constatamos também, no curso de uma análise, que a dor de uma perda distante retorna por vezes na produção do analisante provocando intensos efeitos. É verdade que os



humanos não sabem muito bem o que fazer com a morte. Somos atravessados por essa questão, desde sempre, em relação à nossa ex-sistência, vivenciada nas sucessivas perdas que nos constituem e naquelas que acontecem em nosso entorno, às vezes, muito próximo.

Em seu livro *O homem diante da morte,* Ariès (2013) realiza uma minuciosa investigação em que descreve a importância simbólica dos processos ritualísticos funerários, em diversas culturas, ao longo do tempo. Ele chama particularmente a atenção para uma mudança ocorrida no Ocidente, no século XX, com a passagem da exaltação romântica da morte para sua exclusão pura e simples, no que ele denomina de morte invertida. Assim, ressalta que não há mais ritual de morte no âmbito do grupo, já que a morte de cada um não é mais um fato social. No cotidiano urbano é reservado pouco espaço à morte na esfera pública. Outro aspecto apontado pelo autor é que não há mais sujeito algum que morre. O indivíduo não deve mais sentir-se morrer. Trata-se do sonho da morte ideal. Da morte hospitalar assistida, da morte medicalizada, da sedação que põe fim ao enorme sofrimento daquele que morre, e também do seu entorno. Não há mais o acontecimento da morte e, com a cremação, afigura-se a recusa dos túmulos, desaparecendo aos poucos a morada dos mortos.

Ariès (2013) assinala também para uma mudança no trato com o enlutado, em que lhe é feito um apelo para que seu luto seja discreto, não se prolongue e, se possível, que sofra às escondidas. Devemos, desde já, nos questionar sobre os efeitos na nossa prática clínica desse afastamento ou tentativa de eliminação do luto no campo social em tempos de empuxo à felicidade.

Mais recentemente, em relação ao luto, constatamos a sua transformação em doença, em patologia psiquiátrica. Na última edição do DSM-V, Manual da Associação Americana de Psiquiatria (2013), observamos que o luto, até então ausente da "regulamentação" das edições anteriores, passou a ser incluído entre os transtornos de humor depressivo quando suas manifestações perdurarem por mais de duas semanas. Atualmente, essa vertente da psiquiatria, sobretudo face à enorme quantidade de antidepressivos disponíveis no mercado, busca obturar e anular o necessário e inevitável tempo do luto, trazendo à tona um questionamento ético ao querer "fazer calar" essa dor tão significativamente humana. Aqui queremos argumentar que o luto não é uma doença e sua medicalização deve ser incisivamente questionada. Mas, qual é o tempo de um luto?

Para discutir sobre o luto, devemos inicialmente nos reportar ao texto de referência de Freud (1917[1915]

[1] Trabalho apresentado na XXIII Jornada do Espaço Moebius – A Psicanálise e o Tempo. Salvador - Novembro, 2014.

[2] Psicanalista. Membro inscrito do Espaço Moebius. Email:latavares@terra.com.br

/1969), "Luto e melancolia", no qual o luto é definido como "uma reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que faça suas vezes, como a pátria, a liberdade ou um ideal" (p. 275). Freud (1917 [1915] /1969) se interroga sobre a dor da perda e introduz a via do trabalho psíquico para falar do luto. Assim, diz que nessa elaboração cada uma das lembranças e expectativas isoladas, através das quais a libido está vinculada ao objeto, é evocada e hipercatexizada. O desligamento da libido se realiza, então, em relação a cada uma delas. Desinvestir o objeto permitiria ao sujeito reconduzir a libido ao eu para, em seguida, ser capaz de desejar outro objeto. Esse objeto substitutivo se beneficiaria desses investimentos que eram, até a data de sua morte, colocados em um objeto agora inacessível. Freud (1917 [1915] /1969 nada refere sobre o *tempo* de duração do luto.

No seu livro *Erótica do luto no tempo da morte seca*, Allouch (2004, p.45-47) tece algumas críticas em relação ao texto freudiano e à leitura que dele fizeram os pós-freudianos. O autor se surpreende com o fato de alguns psicanalistas terem tomado a fórmula "trabalho de luto" como algo prescritivo, chegando-se, em nome da dita "necessidade" do trabalho de luto, a sugerir que se deveria fazer o enlutado chorar. Allouch (2004) considera que o texto "Luto e Melancolia" foi pouco problematizado, sobretudo a noção do estatuto do objeto aí referida.

Sabemos que Freud escreve "Luto e Melancolia" entre 1915-1917. Constatamos que, nos anos subsequentes a esse escrito, coincidentemente, ele sofre significativas perdas: o suicídio de Victor Tausk, a morte repentina da sua filha Sophie e do seu discípulo Anton Von Freund e, finalmente, aquela que lhe tocou mais profundamente, a morte do pequeno Heinz, filho de Sophie, seu querido neto de quatro anos. Ernest Jones (1989) escreve que Freud lhe havia dito que a perda desse neto "matou algo nele para sempre" (p.104). As cartas e os testemunhos de Freud aludem a essas quatro mortes ocorridas no período em que se desencadeava e, posteriormente, era operado do seu câncer. Destacamos então um fragmento de uma carta enviada por Freud a Biswanger, em 1929:

> Ainda que saibamos que depois de uma perda assim o estado agudo de pena vai melhorando gradualmente, também nos damos conta de que continuaremos inconsoláveis e que nunca encontraremos com que preencher adequadamente o oco, pois ainda em caso de chegar a cobrir totalmente, se terá convertido em algo distinto. Assim deve ser. É o único modo de perpetuar os amores, aos que não desejamos renunciar (Freud, 1929/1969, apud Ambertin, 2005, p. 181).

Ambertin (2005) chama a atenção para a referência a esse algo distinto, que vai mais além da mera substituição do objeto perdido, e que não é encontrada em "Luto e Melancolia". A autora conclui que, embora Freud não houvesse desenvolvido teoricamente esse argumento parece que, por essa via, recoloca o luto como um enigma, na intricada via da subjetivação de uma perda, apontando, assim, para um resto, um insubstituível que não se abandona.

No *Seminário VI*: *o desejo e sua interpretação,* Lacan (1958-59/2016, p. 347-362) parte do drama shakespereano de Hamlet para falar da "função do luto", articulando-a em termos de uma mudança significativa na posição subjetiva do sujeito. A sua tese é de que para que o luto seja feito, em torno do objeto perdido, é necessário que este tenha sido anteriormente constituído como objeto. Lacan (1958-59/2016) diz que o sujeito não fica de luto por um objeto qualquer, ou mesmo qualquer pessoa amada, mas por aquele cuja morte faz surgir, nesse sujeito, um furo no Real. Não ficamos de luto quando perdemos o outro amado, mas ficamos de luto pelo que perdemos de nós mesmos no outro desaparecido.

O psicanalista parte da fórmula do fantasma ($ ◊ a) para localizar esse furo, dizendo que o a toma o lugar daquilo que o sujeito é privado simbolicamente (o falo). Nas operações de alienação e separação, que constituem o sujeito, é o luto do falo que irá possibilitar o aparecimento do objeto a causa do desejo como resto dessas operações. Lacan pontua no *Seminário X: a angústia* (1962-63/2005) que "experimentamos o luto, e sentimos seus efeitos de desvalorização, na medida em que o objeto cujo luto vivenciamos era, sem que o soubéssemos, aquele que se fizera ou de quem nós fizéramos o suporte de nossa castração" (p.125).

Lacan (1962-63/2005) faz então um retorno à trama de Hamlet para mostrar que o mesmo não pode tomar a enamorada Ofélia como suporte do seu desejo no fantasma e que, ao contrário, ele a rejeita inicialmente. Na sequência da trama Hamlet ao ser confrontado com esse furo no Real, ou seja, a morte de Ofélia, nos revela como opera essa identificação com o objeto apontado por Freud como sendo a mola mestra da função do luto. É quando esse objeto, pela sua perda, se tornou impossível para Hamlet que ele pode voltar a circular como objeto capaz de suscitar o seu desejo.

Para Freud (1917[1915] /1969), o trabalho de luto se desenvolve em torno de uma perda real do objeto, no âmbito do amor, em torno da sua estrutura narcísica, encarnado em uma pessoa. Já em Lacan (1962-63/2005) vemos que essa tarefa está intimamente ligada à manutenção dos vínculos com os aspectos imaginários e simbólicos do objeto que recobrem o objeto a, já que este objeto a, na função de causa, articula, engendra a escolha amorosa.
Ao final do *Seminário X: a angústia*, Lacan (1962-63/2005) nos oferece uma definição do luto:

> um trabalho feito para manter e sustentar todos esses vínculos de detalhes, na realidade a fim de restabelecer a ligação com o verdadeiro objeto da relação, o objeto mascarado, o objeto a, para o qual posteriormente será possível dar um substituto, que afinal não terá mais importância do que aquele que ocupou inicialmente o seu lugar (p. 363).

É porque o luto é constitutivo da estrutura do desejo que um novo luto pode ser realizado sempre que uma perda significativa atravessa a vida de alguém. Trata-se de um novo fazer com o objeto. Uma nova volta. Verificamos, portanto, duas dimensões do luto que se articulam, uma própria da estrutura e outra evidenciada na experiência singular de cada enlutado.

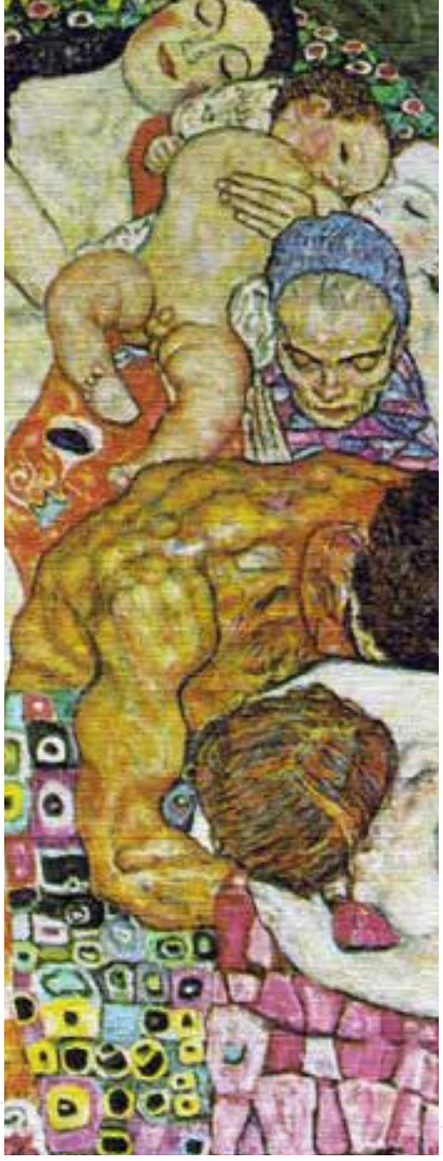
Ainda no seminário *A angústia,* Lacan (1962-63/2005) diz que o luto, na sua relação com o objeto a, pode tomar variados caminhos, e aponta alguns. Um deles, o aparecimento do *acting out* no luto,

é compreendido por Lacan como uma mostração e, ao mesmo tempo, como um chamado ao Outro. Nesses casos, o cenário e a presença do público permitiriam velar o objeto a, que fica mascarado com esse invólucro. Trata-se de demonstrar aos outros que esse objeto amado conta com um enlutado que sente e sofre com essa perda. É a via da mostração que revela, dessa forma, sua relação com o morto, com o objeto perdido. Em alguns casos, vislumbra-se a *passagem ao ato*, que ocorreria pelo desmoronamento do fantasma e pela angústia que isso suscita. O sujeito é arrastado pelo objeto a e se cola a ele, fica sem causa. O caráter inconsistente do mundo simbólico se revela diante da morte do objeto amado, e o enlutado se deixa aspirar pelo objeto, o que acaba por arrastá-lo, como na passagem ao ato do suicídio.

Finalmente, ao se referir ao luto como ato, Lacan (2005) o descreve como o aspecto fecundo do luto. Aqui, o sujeito não faz uma encenação, nem se cola ao objeto a como na passagem ao ato suicida, mas consegue verificar que o Outro é inconsistente e volta a se conectar com a trama significante advinda desse Outro.

Sabemos que há um tempo do luto. Mas este tempo, impossível de ser determinado a *priori,* deve ser vivenciado por cada enlutado de modo singular e, como vimos, isso pode tomar distintos caminhos. Há também no luto um aspecto enigmático, apontado desde Freud (1929/1969) e teorizado por Lacan (2005) como algo do impossível a transpor, a superar. Tomarei, nessa perspectiva, o singular exemplo de Roland Barthes, naquilo que chamarei aqui de "recusa do luto".

O escritor e filósofo francês Roland Barthes, reconhecido por seu trabalho com a semiologia e a linguística, produziu entre o dia 26 de outubro de 1977, dia seguinte à morte de sua mãe, até o dia 15 de setembro de 1979, ou seja, em um período de dois anos, o seu *Diário de Luto* (2011). Nas 330 fichas, todas datadas, o filósofo francês registrou a sua dor para fazer face ao luto da mãe, Henriette Binger, falecida aos 84 anos, depois de prolongada



e dolorosa doença. Viúva aos 23 anos, do marido morto na 1ª Guerra Mundial, Henriette não voltou a se casar e passou toda a vida ao lado do único filho Roland (Araújo, 2010).

Nesse trabalho de escrita minuciosa, constituído de pequenos fragmentos, todos com notas muito breves, Barthes (2011) redimensiona o luto de forma intensa, recuperando e questionando aspectos importantes e significativos desse período. Começa a primeira ficha com essas duas frases: "Primeira noite de núpcias. Mas primeira noite de luto?" (p.3). Trata-se da morte da mãe, morte do primeiro objeto amado. No dia seguinte, anota em uma nova ficha: "Você não conheceu o corpo da Mulher! – Conheci o corpo de minha mãe doente, depois agonizante" (p. 3-4). Diz mais adiante: "Todos calculam – eu o sinto – o grau de intensidade do luto. Mas é impossível (sinais irrisórios, contraditórios) medir quanto tempo alguém está atingido" (p. 10).

Para Barthes (2011), escrever é a maneira que encontra para vivenciar a experiência dessa perda de uma forma plena. Ele evita as diversões e as palavras consoladoras dos seus amigos, como também não aceita os conselhos que apontariam para uma possibilidade de saída do seu luto, recusando as propostas que aliviariam a sua dor. Assim se refere: "como meu pesar é caótico, e assim resiste à ideia corrente – e psicanalítica – de um luto submisso ao tempo, que se dialetiza, se desgasta, 'se arranja.' A tristeza não levou de imediato coisa alguma – mas, em contrapartida, não se desgasta" (p. 69). "Não dizer *Luto*. É psicanalítico demais. Não estou *de luto*. Estou triste" (p. 71).

Apesar de Barthes (2011) anunciar suas críticas ao luto evocado pela psicanálise, na realidade e, paradoxalmente, ele só faz ratificá-lo. São preciosas as suas definições, que nos permitem refletir, e mesmo elucidar alguns aspectos sobre o luto causado pela perda significativa do objeto amado. Assim, tomemos alguns fragmentos de *Diário de Luto:*

> "Não, o luto é bem diferente de uma doença. De que desejam curar-me? Para encontrar que estado? Que vida? Se há trabalho, aquele que nascer dele não será um ser comum, mas um ser moral, um sujeito do valor e não da integração" (p. 8).

> "Luto: região atroz onde não tenho mais medo" (p. 52).

> "Meu espanto – e, por assim dizer minha inquietude (meu mal-estar) vem do fato de que, na verdade, não é uma falta (não posso descrever isso como uma falta, minha vida não está desorganizada), mas uma ferida, algo que dói no coração do amor" (p. 63).

> "Luto: não um esmagamento, um bloqueio (o que suporia um "preenchimento"), mas uma disponibilidade dolorosa: estou em alerta, esperando, espiando a vinda de um 'sentido de vida'" (p. 77).

> "Luto: aprendi que ele é imutável e esporádico – ele não se desgasta, porque não é contínuo" (p. 92).

> "O tempo acalma o luto – Não, o tempo não faz passar nada; só faz passar a emotividade do luto" (p. 98).

> "Luto: impossibilidade – indignidade – de confiar a uma droga – sob o pretexto de depressão – o sofrimento, como se ele fosse uma doença, uma "possessão" – uma alienação (algo que nos torna estrangeiros) – enquanto ele é um bem essencial, íntimo" (p. 159).

Em Barthes (2011), o luto é descrito como "mal-estar descontínuo", "uma disponibilidade dolorosa",

REVISTA TOPOS, V. 14, ANO 2017

que aponta para alguma direção e, ainda assim, na sua trajetória de muitas páginas, verificamos como esse destino se configura impossível de ser alcançado. Barthes (2011) parece temer que esse luto finde, como se, paradoxalmente, ele receasse perder também, pouco a pouco, a própria vestimenta dessa perda. É dessa forma que ele o exprime: "Habito minha tristeza e isso me faz feliz. Tudo o que me impede de habitar minha tristeza é insuportável para mim" (p. 169). A obsessão pela figura da mãe desaparecida, sua devoção para com ela, e uma dor constante, convivem com a descoberta da banalidade do luto.

Os dados biográficos revelam que Barthes, criado pela mãe e pelas tias, e no entorno das avós, cresceu num ambiente exclusivamente feminino. A presença da sua mãe era constante e próxima, havendo o relato, por exemplo, de que ela sempre lhe acudia para livrá-lo dos meninos que o amedrontavam nas construções do bairro da sua infância. Nos fragmentos do diário são inúmeras as referências a essa mãe, o que nos dá uma ideia da intensidade dessa relação, e que se traduz no impacto sofrido por essa perda:

> "Ideia assombrosa, mas não desoladora – de que ela não foi tudo para mim. Senão, eu não teria escrito uma obra. Desde que eu cuidava dela, há seis meses, efetivamente ela era "tudo" para mim, e esqueci completamente que havia escrito. Eu estava perdidamente por conta dela. Antes, ela se fazia transparente para que eu pudesse escrever" (p. 16).

> "Será preciso habituar-me a estar naturalmente nesta solidão, nela agir, trabalhar, acompanhado, colado à presença da ausência" (p. 67).

> "Sentimento difícil (desagradável, desencorajador) de uma falta de generosidade. Faz-me sofrer. Só posso relacionar isso com a imagem de mam, tão perfeitamente generosa" (p. 89).

> "Que tenho a perder, agora que perdi a Razão da minha vida – a Razão de ter medo por alguém?" (p. 106).

> "De que modo mam está presente em tudo o que escrevi: por toda parte há ali a ideia do Soberano Bem" (p. 128).

> "Durante toda a minha vida, desde a infância, tive prazer em estar com mam. Não era um hábito. Eu me alegrava porque sabia que estaria o tempo todo com ela" (p. 193).

> "Só mam era forte, porque ela estava intacta de toda neurose, de toda loucura" (p. 212).

Vale salientar que, durante todo o tempo em que Barthes escreveu seu diário, também preparava o curso para o *Collège de France* sobre *O Neutro,* publicava grande número de artigos em diferentes jornais e revistas, além de escrever o livro *A Câmara Clara.* Pelo que é referido, essas obras foram escritas sob os efeitos da morte da mãe e, por isso, encontram-se citadas em várias fichas do seu *Diário de Luto* (Araújo, 2011).

Mas Barthes parece não querer esquecer essa mãe. Dois anos se passaram entre o primeiro e o último registro, entretanto, não há atenuação possível para essa dor. É um luto não contínuo, imóvel, como ele mesmo descreve. É uma homenagem fúnebre que dá voltas e se faz eternamente próxima na tristeza. A cada ficha de Barthes percebemos como a morte perpassa todo o seu texto. Passada, presente, enaltecida em linhas que parecem contornar um vazio, um indizível, e há sempre mais uma volta. Onde ele quer chegar? Voltemos às fichas nas suas referências à morte:

> "Choro. Nem mesmo o desejo de se suicidar" (p. 40).

> "Há um tempo em que a morte é um acontecimento, uma ad-ventura, e como tal mobiliza, interessa, tenciona, ativa, tetaniza. E depois, um dia, já não é um acontecimento, é uma outra duração, comprimida, insignificante, inenarrada, abatida, sem apelo: verdadeiro luto insuscetível de qualquer dialética narrativa" (p. 48).

> "A verdade do luto é muito simples: agora que mam está morta, sou empurrado para a morte (dela, nada me separa, a não ser o tempo)" (p. 127).

> "Em mim lutam a morte e a vida (descontinuidade e como que ambiguidade do luto) (quem vencerá?)" (p. 147).

> "Se eu tivesse certeza de reencontrar Mamãe, morreria imediatamente" (p. 153).

> "Medo, portanto do quê, agora? – De morrer eu mesmo? Sim, sem dúvida. – Mas, ao que parece, menos – sinto-o – pois morrer foi o que fez mam (fantasma benfazejo: juntar-me a ela)" (p. 199).

Aos poucos, percebemos que Barthes (2011) escreve em nome do morto, mas também se dirige à morte, aproxima-se do indizível. "Escrevo cada vez menos minha tristeza, mas, em certo sentido, ela está mais forte, passou para a categoria do eterno, desde

que não a escrevo mais" (p. 211). O que parece mais intrigante é que a escrita vai se tornando, aos poucos, insuficiente diante do luto.

A última anotação datada, feita por Barthes (2011) e incluída no seu diário, é de setembro de 1979. Seis meses depois, no dia 25 de março de 1980, após ministrar uma aula do seu curso, no *Collège de France*, ele atravessa a rua em frente e é atropelado por uma caminhonete. Morre alguns dias depois no Hospital da Salpêtrière, em Paris. Tratou-se de um descuido, um caminhar distraído por parte de Barthes. Mas poderíamos pensar que seus escritos minuciosos apontam para a precipitação, um passo

a mais, um último passo em direção ao objeto perdido? Restou o silêncio e a inconclusiva natureza do luto revelada nos seus preciosos fragmentos escritos.

Para concluir, assinalamos que o propósito desse texto não foi realizar uma pretensa análise de Barthes. Ele não pode, e nem deve, ser lido como um caso clínico. As suas anotações, entretanto, nos fazem ao menos pensar. Muito distante do reducionismo psicologizante que nos habituamos a ouvir a propósito de um "trabalho de luto", para além dos questionamentos diagnósticos atrelados ao tempo, nas suas diferenças com a depressão ou a melancolia que o relato de Barthes (2011) igualmente poderia suscitar, somos aqui convocados a verificar a complexidade do luto em seus múltiplos aspectos: as emoções intensas, suas ambivalências e os profundos e contraditórios movimentos psíquicos que ele convoca. Atravessado por uma perda definitiva, tomado pela dor, o enlutado, nesse caso, parece se encontrar num caminho longo e incerto. Não se trata aqui somente de renunciar à presença do objeto amado, mas ao que desaparece de si mesmo, dessa parte que se perde com a perda.

O exemplo de Barthes (2011) nos aponta para essa singularidade e nos leva a concluir que o caminho do luto parece não obedecer a determinadas leis previsíveis. Ele deve ser inventado por cada um, a cada luto. Mas, essa escolha não parece ser de todo fácil: reconhecer e consentir a perda irremediável do outro amado. Caso contrário, a violência inerente a essa perda e a consequente recusa, ou mesmo a impossibilidade do luto, podem levar a uma fixidez e uma aproximação insustentável com o Real da morte.

Referências Bibliográficas

Allouch, J. (2004). Erótica do luto no tempo da morte seca. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Ambertin, M. G. (2005). El incurable luto en psicoanálisis. Psicologia em Revista, 11(18), 179-187. Belo Horizonte.

American Psychiatric Association. (2013). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-V. Porto Alegre: Artmed.

Araújo, R. C. (2010). Diário de luto de Roland Barthes ou a escrita do fragmento. Lumen et Virtus: Revista Multidisciplinar de Cultura e Imagem, 1(2), 111-113.

Araújo, R. C. (2011). Diário de luto de Roland Barthes ou a estética do fragmento. Cadernos do CNLF, XIV(4), t. 3, 2564-2576. Rio de Janeiro.

Ariès, P. (2013). O homem diante da morte. São Paulo: UNESP.

Barthes, R. (2011). Diário de luto. São Paulo: WMF Martins Fontes.

Freud, S. (1969). Luto e melancolia. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original de 1917 [1915])

Freud, S. (1969). Carta a Biswanger (de 12/04/1929). In E. Freud (Org.). Epistolário 1873-1939. Madrid: Biblioteca Nueva.

Jones, E. (1989). Vida e obra de Sigmund Freud (vol. III). Rio de Janeiro: Imago.

Lacan, J. (2005). O Seminário, livro 10: a angústia (1962-63). Rio de Janeiro. Jorge Zahar.

Lacan, J. (2016). O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação (1958-59). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

topos

A noite do ladrão é a mesma noite do poeta[1]

Maíra Pondé de Sena [2]

Resumo: O texto aborda a posição perversa através da obra de Jean Genet, tomando a literatura como um pretexto para reflexão sobre o tema, desde o ponto de vista psicanalítico. Reflete sobre o papel da escrita e do reconhecimento social como forma de sustentação na existência. E, tomando como referência a singularidade de cada um, aponta os diferentes modos de gozo e as saídas possibilitadas pela arte.

Palavras-chave: Castração, Desmentido, Gozo, Posição perversa.

The night of the thief is the same night of the poet

Abstract: This paper discusses about the perverse position through Jean Genet's work, taking the literature as a pretext for reflection on the theme from the psychoanalytic perspective. It reflects on the role of writing and social recognition as a way of sustaining the existence. Besides that, considering the uniqueness of each one, it points out the different ways of jouissance and the solutions made possible by the art.

Keywords: Castration, Denial, Jouissance, Perverse position.

O talento é a polidez em relação à matéria, consiste em dar um canto ao que estava mudo
(Jean Genet, 1983, p.105)

[1] Trecho da canção Duas Faces, de autoria de Altay Veloso, cantada por Alcione.

[2] Psicanalista, membro inscrito do Espaço Moebius Psicanálise. E-mail: mpondesena@gmail.com

Seguindo o fio da fala de um analisante escuto essa pérola: "A noite do ladrão é a mesma noite do poeta". Pensei: ***eis o título do meu trabalho.*** Talvez porque se trate de alguém que se identificou com a expressão "ladrão", da qual fez um destino e, quem sabe, por isso mesmo, se fez poeta. Falo de Jean Genet, famoso escritor francês, descoberto por Jean Cocteau e que escreveu a maior parte de seus livros na cadeia. Entre eles: *O diário de um ladrão, O Milagre da Rosa, Pompas Fúnebres, Nossa Senhora das Flores,* esta considerada por Sartre uma das três grandes obras "medievais" do século vinte, ao lado de *Ulisses,* de James Joyce, e da obra de Jean Giraudoux. Escreveu também peças teatrais, entre elas: *O Balcão e As Criadas,* esta última, inspirada no crime das irmãs Papin. Vale ressaltar que nesse trabalho não será feita uma análise de Jean Genet, mas do que se pode pensar a partir de seus textos, como pretexto para nos ajudar a refletir sobre a perversão, mesmo advertidos de que a mesma só pode ser pensada a partir da singularidade de cada um e, a rigor, em uma análise em intenção.

A literatura sempre deu importantes contribuições à psicanálise e é dela que tomo a mão para me acompanhar nesse momento, viajando pelo universo vertiginoso dos textos de Genet. Talvez seja tão difícil ler esse escritor porque seus textos desvelam a parte maldita de nós mesmos, produzindo uma espécie de ruptura, de encontro abrupto com o inferno de cada um de nós. Se uma das vocações da arte, como nos lembra Millot (2004), é a transmutação do sofrimento em gozo, Genet a realiza magistralmente em seus textos cuja escrita corrosiva jorra abundantemente, entre suores, sangue, lágrimas e esperma, num lirismo alucinante e terrível beleza. Impossível ficar imune a ela.

Catherine Millot (2004) em seu livro *Inteligência da perversão*, define o talento perverso como uma habilidade particular de usar de um poder, que nem por isso é menos profundamente humano, de transformar o sofrimento em gozo e a falta em plenitude. Ao escrever sobre Gide, Genet e Mishima, ela comenta o caráter surpreendente de um modo tão singular de pensamento desses autores que, ao tempo em que os torna estranhos aos seus pares, seus semelhantes de raça, classe ou cultura, os aproxima entre si. Esse extraordinário parentesco que os une, embora não sejam do mesmo mundo, está relacionado a uma similar inclinação para extremos *"e um mesmo desafio lançado a este princípio supremo da razão que é a lei da não contradição"* (Millot, 2004, p.7). Como suas vidas foram marcadas pelo luto, pelo abandono, enfim por um desejo de morte, a morte para eles tornou-se desejável.

> A erotização da pulsão de morte abre aqui a via para a perversão propriamente dita, de que ela constitui sua forma primária. Com efeito, ela torna possível essa transmutação do horror inspirado pela castração num gozo que dele representa o mais perfeito desmentido. O que tal triunfo comporta de desafio caracteriza a perversão (MILLOT, 2004, p. 10).

Na medida em que a lei paterna é recusada, é mister opor um desmentido à ameaça que lhe dá o seu peso. Segundo Millot, sobre o fundo do masoquismo primitivo instala-se um "quem-perde-ganha" generalizado. Assim que surge a marca da negação, de imediato ela se inverte e se positiva. Essa inversão da castração, pela qual ela se transforma em seu contrário, constitui a mais eficaz denegação. A lei da perversão é justamente essa báscula que transforma o negativo em positivo sempre que se coloca a possibilidade de emergência de uma falta. Assim, a falta, o luto, torna-se impossível.

REVISTA TOPOS, V. 14, ANO 2017

Millot (2004) comenta ainda que, na falta do desejo de um pai, a erotização da pulsão de morte seria um esforço de recuperação para, apesar de tudo, ligar Eros e Tânatos, para erigir o sexo como muralha contra a morte. Uma maneira de reverter uma situação desesperada. É uma vitória, obtida a um preço muito alto, cujos efeitos podem ser devastadores, na medida em que precisa ser renovada sempre, pois o sexo, forçado a erigir-se sem cessar contra a morte, por essa luta a ela permanece atado e, às vezes, com o tempo, é ela quem sai vitoriosa.

Foi o que aconteceu com Mishima, diferentemente de Genet, mesmo que este já se colocasse como "morto" desde a infância, como comenta no *Milagre da Rosa:*

> Estando morta a minha infância, ao falar dela, falarei de uma morta, mas isso será falar do mundo da morte, do Reino das Trevas, ou da Transparência"
> [...] sou um morto que vê seu esqueleto no espelho, ou um personagem de sonho que sabe que só se vive na região mais obscura de um ser de quem desconhecerá o rosto disperso. (GENET citado por ANDRÉ, 1995, p. 94-95).

Encontrará mais tarde, na adolescência, outra morte em torno da qual irá organizar todo o seu universo subjetivo. Trata-se do seu encontro com um condenado à morte que irá lhe possibilitar, de alguma forma, uma metaforização da pulsão de morte na medida em que o escritor se coloca no lugar do condenado à morte. Em entrevista a Hubert Fichte, referida por Serge André (1995, p. 155), Genet confirma a radicalidade do desafio: a escrita ou a morte. *"Ao escrever, nunca ponho... nunca pus minha pessoa em risco, ou nunca seriamente, em todo o caso. Nunca em suas implicações físicas. Nunca escrevi nada que desse a oportunidade a que me torturassem, me prendessem ou me matassem".* Ao ser inquirido sobre porque nunca cometeu um assassinato, Genet responde: *"Provavelmente, porque escrevi meus livros".* E, quando o mesmo interlocutor lhe indagou sobre a marcha de seu pensamento, o caminho para a obra escrita, Genet respondeu: *"Se você aceitar uma resposta densa, direi que as pulsões homicidas foram desviadas em prol de pulsões poéticas".*

Filho de pai desconhecido, Genet foi deixado pela mãe, aos sete meses, aos cuidados da assistência pública. Quarenta dias mais tarde foi adotado por uma família de agricultores. Segundo Sartre (2002), Genet era uma criança obediente e tímida, criada na mais estreita observância de valores religiosos, influência da qual nunca se libertará, mesmo que mais tarde ele viesse a se prostituir, mentir, roubar, mendigar. Genet teria comentado que a infância fora a melhor época de sua vida. Nesse período, ainda segundo Sartre (2002) era um bom menino, respeitador, afetuoso e terno. Bastante inteligente, mantinha-se sem esforço como o melhor aluno da turma, embora fosse menor e mais frágil que seus colegas.

Aos dez anos foi acusado publicamente de ladrão e enviado a uma escola correcional. Pouco depois morre sua mãe adotiva. Nesse instante, ocorreu uma mudança radical na posição de Genet. Algo que o marcou como brasa na carne, dividindo sua vida em um antes e um depois desse acontecimento. Da nominação de ladrão Genet fez um destino. Essa falta de lugar, essa exclusão no social, reverbera um abandono outro, cuja matriz primeira é a rejeição materna.

Assim a expressão estigmatizante traz à luz o abandono primeiro, a origem instável, a falta de lugar no desejo dos pais. Genet cola-se a esse significante e passa a viver uma vida errante, sem rumo, sem prumo, sem pouso. Nesse vaivém entre pensões, furtos e delitos, entra ilegalmente em diversos países, sempre criando circunstâncias para se fazer prender, como se a prisão fosse seu único refúgio. Prisioneiro do estigma que o nomeou *ladrão*, faz disso uma espécie de nome próprio. Não consegue interrogar esse significante que permanece coagulado, parasitando sua existência.

Sartre (2002), em seu livro *Saint Genet: Ator e Mártir,* pergunta-se o que teria acontecido se essa nominação tivesse ocorrido mais tarde, aos dezessete anos, por exemplo. Provavelmente, ele teria mais recursos, mais possibilidades de se defender, talvez até tivesse se divertido, pois é a idade em que os valores paternos são questionados. Não temos como saber como seria, mas seguramente seria diferente.

Após várias condenações, e já reconhecido como escritor, Genet deixa a prisão, graças à pressão de um grupo de escritores, entre eles Jean Cocteau e Jean-Paul Sartre. Nesse momento, a rádio francesa lhe ofereceu um espaço para uma conferência, sendo o convite aceito com a condição, estabelecida por Genet, de interrogar durante o programa um magistrado, um psiquiatra e um diretor de penitenciária. Interessante essa posição de Genet, quando ele propõe uma troca de lugares, de interrogado a interrogante. Apesar de inicialmente o texto da conferência de Jean Genet ter sido aprovado, as autoridades que Genet pretendia inquirir se recusaram a comparecer. A transmissão radiofônica não se deu.

Alba Flesler (2005) chama a atenção para a curiosidade dessa proposta, comentando como é importante na infância o tempo em que a curiosidade é despertada e o ganho existencial que dela pode advir quando as crianças podem se dirigir aos que dela cuidam, fazendo perguntas e mais perguntas que põem em pauta o limite do saber dos pais. A esse respeito, lembro de um livro infantil muito interessante cujo título é "A Curiosidade Premiada de Fernanda Lopes de Almeida. Trata-se de uma criança que enche de perguntas os pais, que não sabendo o que fazer, recorrem a uma velha professora: esta lhes diz ser importante que a criança possa perguntar e que eles possam responder e, quando não souberem, possam perguntar a outros. Assim, o mais importante não é a resposta dada, mas esse lugar no Outro, a disponibilidade de suportar esse tempo da infância com suas dificuldades e questões.

Em função da recusa da rádio, Genet publica em 1949, aos 39 anos, a conferência que escrevera em um livro intitulado A criança criminosa, no qual declara que queria fazer escutar a voz do criminoso, não sua queixa, mas seu "canto de glória":

Os jornais se espantaram que um estúdio estivesse à disposição de um ladrão – e de um pederasta. Não posso falar em um microfone nacional. Repito que me envergonho. Não obstante, teria permanecido na noite, na madrugada, e retornado às trevas das quais me esforcei tanto para sair. O discurso que lerão foi escrito para ser escutado. Publico-o, apesar de tudo, sem a esperança de que seja lido por aqueles que amo (GENET citado por FLESLER et al, 2005, p. 8).

Este livro é retomado por um grupo de psicanalistas e juristas na obra *Poetas, crianças e criminalidade... sobre Jean Genet:*

> Dispersos na campina francesa, com frequência nas mais elegantes, há alguns lugares que não deixam de me fascinar. São as casas de correção, cujos nomes oficiais e demasiado refinados são agora: 'Patronato do restabelecimento moral', 'Centro de reeducação', 'Casa de recuperação da infância delinquente' etc. A mudança de nome é um sinal. A expressão 'Casa de correção' e algumas poucas 'Penitenciárias', que se tornaram uma espécie de nome próprio, ou, ainda mais precisamente, designam um lugar ideal e cruel situado muito profundamente no coração da criança, foram portadoras de uma violência que os educadores procuraram enfraquecer (GENET citado por GONZALEZ & GERCMAN, 2005, p.10).

> Tendo adquirido aos quinze ou dezesseis anos, ou talvez antes, uma maioridade que as boas pessoas ainda não terão nem aos sessenta, despreza sua bondade. Exige que a punição não seja suave. Exige que os termos que a definem sejam o signo de uma crueldade maior. Com certa vergonha, a criança confessa que foi absolvida ou condenada a uma pequena pena. Deseja o rigor. Exige-o. Guarda dentro de si o sonho de que o castigo tome a forma de um inferno terrível e de que a casa de correção seja um lugar do mundo de onde não se retorna. Está certo, não se retorna. Sai-se sendo outro. Atravessou-se uma fogueira. E os nomes que citei há pouco não são quaisquer: estão cheios de sentido, de um peso de terror que os meninos ainda exageram. Estes nomes serão a prova de sua violência, de sua força, de sua virilidade. Pois é isso que as crianças vão conquistar (GENET citado por GONZALEZ & GERCMAN, 2005, p. 12)

Aqui aparece a busca de uma lei que legisle sobre ele. Uma lei implacável. Genet exige que a punição seja terrível. Esse desejo de rigor parece relacionado a um desejo de acceder à virilidade, recebendo do Outro o tratamento que a confirme e certifique. A prisão é ansiada como um ritual de passagem, uma prova iniciática.

No texto de Alba Flesler, *A infância rejeitada: comentário sobre a criança criminosa de Genet,* a psicanalista argentina faz uma observação que considero muito pertinente. Ela diz que, apesar de Genet ter 39 anos na ocasião da publicação de seu livro, A criança criminosa alguns acontecimentos "nunca fizeram parte do devir de sua vida, jamais perderam sua obscura vigência de trauma atroz, nem compuseram seu passado; eles mantiveram intacta sua horrorosa eficácia de presente" (Flesler, 2005, p. 35).

E, ao tomar conhecimento do texto de Genet, foi o efeito da palavra, o valor delicado da mesma nos tempos da infância, que me tocou muito especialmente. Talvez o drama de Genet, e nisso concordo com Alba Flesler, não tenha descambado em tragédia em função de sua escrita. E quando leio trechos do texto de Genet, penso no horror dessa criança que, como tantas outras, foi siderada pelas cruéis nominações dos adultos.

Em o *Diário de um ladrão*, Genet assim se exprime:

> Mettray, que era a realização dos meus gostos amorosos, sempre feriu minha sensibilidade. Eu sofria. Cruelmente sentia vergonha de estar com a cabeça raspada, vestindo uma roupa infame, de estar proibido de sair daquele lugar vil; conhecia o desprezo dos outros colonos mais fortes do que eu ou mais ruins. A fim de sobreviver à minha desolação...eu elaborava sem me dar conta uma rigorosa disciplina. O seu mecanismo era mais ou menos o seguinte: a cada acusação feita contra mim, até sendo injusta, do fundo do coração responderei sim. Mal tinha pronunciado essa palavra – ou a frase que a significava – dentro de mim eu sentia a necessidade de me tornar o que me haviam acusado de ser. Eu tinha dezesseis anos. Já me entenderam: em meu coração, eu não conservava lugar nenhum onde se pudesse localizar o sentimento da minha inocência. Eu me reconhecia o covarde, o traidor, o ladrão, o veado que viam em mim.(GENET, 1938, p. 167).

Muito antes de nascer, e retomando aqui, a fala de Aurélio Souza, antes mesmo de ser *concebido, existe um espaço mental que acolhe o sujeito. Ele passa a existir a partir do momento em que há uma estrutura desejante parental.* Assim, um destino começa a se escrever muito antes do nascimento. O *falasser* só ultrapassará a condição de organismo e nascerá para a existência se alguém antecipar seu destino, fazendo-lhe a doação de um nome que lhe permita se reconhecer como tal.

Ao nascer e receber de seus pais um nome, a criança ganha um passaporte para vida, uma condição de emergir como sujeito. Nesse primeiro tempo só há uma escolha possível: vida ou morte, em virtude da dependência radical, que a fragilidade humana guarda para com os primeiros outros significativos. Alienação necessária, sem a qual não há possibilidade de separação e de liberdade, condição essencial para que novos encontros se façam possíveis:

> Mas qual foi a orfandade dessa criança que eternizou, sem sossego, o seu desamparo, tornando-se incapaz de responder à nominação siderante do Outro, inapta a ver-se alojada no amor de qualquer um, denunciando com veemência sua inautencidade e hipocrisia, rejeitando o reconhecimento como petrificante, fazendo da traição glória compulsiva e do mal seu único bem? (FLESLER, 2005, p. 39).

Nos textos de Genet aparece o ideal da santidade pela abjeção. Ao se referir à afirmação de Genet: *"Se a santidade é minha meta, não sei o que fazer com ela",* Serge André (1995, p. 177) comenta que, se Genet não sabe o que a santidade é exatamente, por outro lado, sabe o que ela é em relação à "figura sagrada do condenado à morte, que representa o ídolo fálico ao qual se trataria de ascender", nas palavras de Genet, "por outro caminho que não o da virtude". Por conseguinte, "o santo de Genet, longe de se identificar com o guilhotinado, opõe-se a ele como que numa escala inversa: à perfeição do condenado só pode comparar-se a infâmia sem limites daquele que escolhe o caminho da abjeção, ou seja, da covardia, da traição e da delação" (ANDRÉ, 1995, p. 177-178).

Genet se apoia numa decisão inexorável de ser desprezível. Sua estética é a do horror, causa estranheza, desconforto, mal-estar, asco. Nos seus textos, Genet mergulha na indignidade e na pequenez, provocando repulsa, como São Bento José Labre, que pela perambulação, mendicância e negligência corporal havia se transformado em objeto de escárnio, pois era repleto de chagas e piolhos e cobria-se com seus próprios excrementos. Serge André (1995) também chama a atenção para a homofonia das palavras *mal* e *macho* na língua francesa. O mal de Genet é feio e sujo.

Em 1949, Genet alcançou reconhecimento público

REVISTA TOPOS, V. 14, ANO 2017

do seu talento literário, sendo agraciado pelo presidente da república. Em 1950, Sartre publicou um monumental livro a ele dedicado, ***Saint Genet: ator e mártir.*** Justo nesse momento, no ápice de sua consagração, Genet entrou em profundo desespero, próximo ao suicídio, destruindo grande parte de seus manuscritos e passando longos anos sem escrever. Ei-lo novamente petrificado pela palavra, ainda que, naquele momento, fosse uma palavra de reconhecimento. Genet escreveu a Cocteau. "Você e Sartre, vocês me transformaram em uma estátua. Sou outro. É preciso que esse outro encontre algo para dizer" (citado por FLESLER, 2005, p. 45). O elogio de Sartre o desaloja de sua posição de abjeção, de pária, lançando-o numa depressão que o emudeceu durante seis longos anos.

Em entrevista à revista *Playboy*, publicada em abril de 1964 assim se expressa Genet:

> Ao ler o livro de Sartre me enchi de repugnância porque me vi desnudado: desnudado por alguém que não era eu. Eu me desnudo em todos os meus livros, mas, ao mesmo tempo, me disfarço com palavras, com atitudes, com certas escolhas, mediante certo tipo de magia. Lanço mão desses recursos para não sair muito danificado. No entanto, Sartre me desnudou sem cerimônia. Meu primeiro movimento foi de querer queimar o livro.; Sartre me dera o manuscrito para que eu o lesse. Deixei que o publicasse porque minha preocupação fundamental sempre foi ser responsável por minhas ações. Levei algum tempo para superar a leitura do livro. Foi quase impossível retomar a escrita. Poderia continuar a desenvolver formas romanescas mecânicas. Eu poderia ter produzido algum tipo de romance mecanicamente. Eu poderia escrever livros pornográficos de forma automática. O livro de Sartre criou um vazio que permitiu uma espécie de deterioração psicológica [...] Permaneci seis anos neste estado abominável; seis anos de imbecilidade, que é a matéria básica da vida: abrir uma porta, acender um cigarro. Na vida do homem só existem alguns fulgores, todo resto é cinza. Mas essa deterioração me conduziu a uma meditação que, finalmente me levou ao teatro [...]

Enfim, Genet só pode ultrapassar a derrocada desencadeada pela obra de Sartre, abrindo mão da narrativa, como ele próprio comenta, e se tornando autor de teatro. Ou seja, "reconstruindo voluntariamente o espaço de um palco e de um cenário em que, a partir dali, iria denunciar o real como sendo, ele mesmo, fabricado por máscaras, falsas aparências e embustes" (ANDRÉ, 1995, p. 157).

Tempos depois, um encontro singular favorece uma mudança da posição de abjeção na qual Genet se instalara. Ele estava em um trem quando foi surpreendido pelo olhar de um homem e, nesse olhar, se reconheceu. Já não estava na condição de exceção, de pária na qual se colou, mas nessa solidão comum a todos, essa "ferida secreta" partilhada por todos e, ao mesmo tempo, singular de cada um.

O homem que anda, Giacometti,1961.

O parentesco manifestado por suas figuras me parece ser esse ponto preciso em que o ser humano seria devolvido ao que tem de mais irredutível: a solidão de ser exatamente igual a qualquer outro (Genet, 2003, p.38)

> Seu olhar, como se diz, cruzou o meu e, se foi breve ou demorado, já não sei, mas conheci de súbito a dolorosa sensação de que qualquer homem 'valia' exatamente – desculpem, mas é exatamente o que eu quero ressaltar – o mesmo que qualquer outro. Qualquer um, pensei, pode ser amado apesar de sua feiura, imbecilidade e malvadez (GENET, 2003, p. 37).

A partir desse momento recuperou a sua voz, escrevendo sobre Rembrandt. O amor, o distanciamento, a falta de hierarquização, a bondade que a arte de Rembrandt revelava, acolhendo todas as coisas, reconhecendo a dignidade de todo ser ou objeto, inclusive os mais simples, Genet encontrou em Giacometti, famoso escultor, com o qual teceu sólida amizade. Esse encontro, contemporâneo à experiência do trem, parece ter funcionado como uma espécie de antídoto para Genet. Uma amizade que, ao que tudo indica, possibilitou ao poeta abertura de janelas para possíveis saídas de sua posição de abjeção.

A mão,Giacometti,1947.

A solidão, como a entendo, não significa condição miserável, mas realeza secreta, nem incomunicabilidade profunda, mas conhecimento mais ou menos obscuro de uma singularidade inatacável (Genet, 2003, p.40

Referências Bibliográficas

Almeida, Fernanda Lopes de. A curiosidade premiada. Ilustrações de Alcy Linhares. São Paulo, Ática, 1980, 1985,1988.

André, S. (1995) A impostura perversa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Flesler, A. (2005) A infância rejeitada: comentário sobre a criança criminosa de Genet. In: Flesler, A. et al. Poetas, crianças e criminalidade: sobre Jean Genet. (pp.37-47). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Genet, J. Entrevista. Revista Playboy, abril de

topos

1964. Disponível em: http/www.jornada.unam.mx/1996/05/05/sem-genet.html.

Genet, J. (1983). Diário de um ladrão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original de 1910.

Genet, J.(1983). Nossa Senhora das flores. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Genet, J. (1984). O Milagre da Rosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Genet, J. (2002). Rembrandt: Rio de Janeiro: José Olympio.

Genet, J.(2003). O atelier de Giacometti. (2 ed). São Paulo: Cosac Naify.

Gonzales, Alejandra & GERCMAN, B (2005). Introdução. In: FLESLER, A. (et al. Poetas, crianças e criminalidade... sobre Jean Genet.(pp 9-34). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Millot, C. (2004). Inteligência da Perversão. Rio de Janeiro: Companhia de F

Sartre, Jean-Paul.(2002). Saint Genet: ator e mártir. Petrópolis: Vozes.

O primeiro, o segundo e o terceiro ensaios sobre a sexualidade infantil

Cláudia Mascarenhas Fernandes [1]

Resumo: Uma leitura crítica e detalhada, com bases epistemológicas, sobre os "Três ensaios" (1905) da obra freudiana, é o que guia o artigo. Freud constrói, durante 25 anos, uma linha demarcando a sexualidade infantil e a vida sexual adulta, mesmo que existam espaços de intercessão entre as bordas. Considera-se aqui que essa elaboração é marcada por três períodos de pesquisa freudiana: mapeamento do campo, reviravolta dos conceitos e construção da teoria.

Palavras-chave: corpo, erogeneidade, fantasia, psicanálise, sexualidade infantil.

The first, the second and the third essays of childhood Sexuality

Abstract: This article is based on a detailed and critical epistemological reading regarding the "Three essays" (1905) of the Freudian work. For about 25 years, Freud constructs a demarcation line between both child sexuality and adult sexuality also, despite the existence of intercession spaces between the edges. It is considered, here, that a such construction is marked by three periods: field mapping, torsion of concepts and construction of theory.

Keywords: body, erogenous, fantasy, psychoanalysis, child sexuality.

A partir de que momento Freud começa a pensar a noção de sexualidade infantil como sexualidade infantil? Qual o caminho para que essa noção de sexualidade seja construída?

Freud (1905/1969) passou vários anos tentando delinear uma distância ótima entre a sexualidade infantil e a vida sexual adulta. Aposto que a aproximação entre as noções de perversão e sexualidade instaura uma reviravolta que será determinante para o campo inovador da psicanálise.

Aposto igualmente na existência de três períodos relativos à construção freudiana sobre a sexualidade infantil. Um primeiro período, que compreende a década de 1895 a 1905, no qual Freud retrata as fontes teóricas para a delimitação de uma sexualidade infantil, introduzindo essa noção simultaneamente à noção de perversão. Chamei esse período de "mapeamento do campo".

No segundo período, de 1905 até 1915, Freud explicita e descreve as perversões e a sexualidade infantil, propondo uma abordagem da perversão que o diferencia de seus contemporâneos sexólogos, separando a pulsão do seu objeto. Desta forma, torna possível caracterizar a sexualidade infantil a partir do caráter descritivo de uma noção de perversão modificada e, assim, as vivências corporais infantis ganham uma importante roupagem para a teoria. Passam-se quase vinte anos para que se possa solidificar a aposta freudiana, e chamei esse período, como o período da "reviravolta dos conceito": *"A disposição à perversão é uma disposição geral, originária da pulsão sexual, só se tornando normal em razão de modificações orgânicas e inibições psíquicas sobrevindas durante o seu desenvolvimento"* (Freud, 1905/1969, p. 135).

O terceiro período é o momento em que Freud toma a perversão e caracteriza a fantasia infantil, vai de 1915 a 1924. A fantasia é finalmente redimensionada e organizada, passando a ter um lugar original na teorização freudiana, e o complexo de Édipo é incorporado à sexualidade infantil. Acredito que se trata de um período de "construção teórica", que possibilitará uma leitura *só*-depois[1] de todos os períodos anteriormente marcados.

Os três ensaios sobre a sexualidade

Após quase dez anos de oscilações em relação ao componente sexual das neuroses e, consequentemente, em relação à sexualidade infantil, finalmente são publicados por Freud[2] os Três ensaios sobre a sexualidade. Ao texto inicial foram somados, durante quase vinte cinco anos, comentários, justificativas e inovações, que inauguram a publicação da sistematização relativa à noção de sexualidade e sua importância nas descobertas freudianas, antes apenas ventilada em sua obra:

Os leitores de meus três ensaios sobre a teoria da sexualidade dar-se-ão conta de que jamais empreendi qualquer remodelação completa dessa obra em suas edições posteriores, ao invés disso, foi mantida a posição original e foram acompanhando os progressos efetuados em nosso conhecimento

[1] Psicanalista, membro inscrito do Espaço Moebius Psicanálise, doutora em Psicologia Clínica pela USP, diretora do Instituto Viva Infância.
E-mail: claudia.mascarenhasfernandes@gmail.com

mediante interpolações e alterações no texto. Com isso, pode ter acontecido freqüentemente que o velho e o novo não se deixaram fundir bem numa unidade livre de repetições (FREUD, 1905[1923]/1969, p. 173).

Pelo menos três objetivos gerais Freud (1905/1969) consegue com os Três Ensaios: 1) re-arrumação na delimitação entre normal e patológico, a partir da separação na suposta relação natural entre pulsão e objeto; 2) aproximação entre as noções de perversão e sexualidade infantil e a construção das noções-chave para a caracterização de uma sexualidade na infância; 3) soluções epistemológicas a respeito da diferença entre as vivências sexuais na infância e a vida sexual do adulto.

Todos os três ensaios sobre a sexualidade tentarão demolir essa concepção dita popular, harmoniosa e adaptadora da sexualidade (cf. Laplanche, 1997). Mas, sem dúvida, o que a obra realmente destitui é a visão vigente da sexologia: "Não é seguramente só a 'opinião popular' que está sendo visada por Freud: é toda a concepção pacientemente montada pela biologia e pela psiquiatria do século passado que está sendo diretamente atacada" (Monzani, 1989, p. 29; itálicos do autor).

Desnaturalizar é possível?

O primeiro desses ensaios é pouco eleito pelos comentadores de Freud, mas acredito no seu caráter polêmico: "o primeiro ensaio situa-se num plano essencialmente polêmico... é a longa e a paciente desmontagem desse conceito de sexualidade" – sobre o qual Rodrigué (1995) afirma: "O primeiro ensaio, em aparência, não inova. Parte de um saber constituído que não tenta continuar ou refutar, mas perverter" (p. 121).

A sua relevância, seu "caráter perverso"[3], sua polêmica, reside no fato de ser também uma estratégia que abre caminho para as teses expostas no segundo ensaio sobre a sexualidade infantil. Freud (1905/1969) deixa claro algumas restrições em relação aos pensadores das *ciências sexualis*[4]. Podemos resumir essas restrições em duas proposições:

1- Algumas formas de degenerescência caracterizadas por esses autores não são degenerescências: *"vários fatos fazem ver que os invertidos não são degenerados nesse sentido legítimo do termo"* (FREUD, 1905/1969, p. 126).

2- A concepção bissexual não é de origem orgânica: *"é preciso reconhecer, portanto, que a inversão e o hermafroditismo somático, são, em linhas gerais, independentes entre si"* (FREUD, 1905/1969, p. 129).

Freud (1905/1969) apresenta, a partir desse primeiro ensaio, o alicerce para a diferenciação entre a psicanálise e o "pensamento de época" sobre a coisa sexual. Ele perverte ao distinguir e separar a pulsão[5] sexual de seu objeto. Essa implosão de uma espécie de ligação endógena entre pulsão e objeto tem caráter transformador para a teoria e, ao mesmo tempo, se faz como uma condição na delimitação do campo psicanalítico, propiciando, a partir disso, uma desnaturalização do chamado instinto:

> Somos, assim, alertados a afrouxar o laço que, em nossos pensamentos, estabelecemos entre a pulsão e o objeto. Parece provável que o instinto/pulsão sexual seja, em primeiro lugar, independente de seu objeto; nem parece provável que sua origem seja determinada pelos atributos de seu objeto (FREUD, 1905/1969, p. 149).

Freud rompe com a concepção de patológico nas ciências sexualis, em que este era considerado a partir da concepção do laço unívoco e intrínseco entre pulsão e objeto. Na medida em que podemos desconsiderar nessa relação qualquer determinação endógena, o patológico e o normal sofrem uma nova delimitação.

Essa desnaturalização[6] do instinto e a quebra de uma relação endógena entre a pulsão e o objeto, além de ampliar a noção de sexualidade, também introduz uma reviravolta a respeito da noção de perversão. A perversão será, então, inserida apenas quando se trata de desvios de meta[7]; os desvios de objeto não são perversões.

O que Freud (1905/1969) tenta provar com seus *Três ensaios sobre a sexualidade,* contrariamente à concepção vigente, principalmente nos dois primeiros ensaios, é que a sexualidade na infância não está no campo do negativo (II Ensaio), que a homossexualidade não é desvio (I Ensaio), e que as perversões podem ser distinguidas entre: uma "perversão normal" (metas preliminares) e a "perversão patológica" (impedimento da meta)8.

O terreno preparatório para a descrição e estudo da sexualidade infantil está pronto: a noção de perversão foi transformada, realizou-se uma quebra da relação entre pulsão e objeto, implementou-se uma ligação inicial, porém clara, entre o que se demonstra no infantil e a noção descritiva de perversão.

E o próprio Freud (1925/1969) comenta: "É fácil compreender por quê, de vez que as crianças se tornaram o tema principal da pesquisa psicanalítica e substituíram, assim, em importância, os neuróticos com os quais ela iniciou seus estudos" (p. 341).

A hipótese que está em jogo aqui é a de que através das crianças, Freud poderia demonstrar esse caráter difuso e desorganizado da sexualidade humana, e a perversão lhe serve, pois necessitava de noções que já faziam parte de sistemas científicos já conhecidos.

Tornar visível a criança

1905: a marca do ano. Em 1905 temos, portanto, um Freud que aposta na existência da sexualidade infantil, descreve a fragmentação das pulsões parciais e comprova o caráter normal das exteriorizações sexuais infantis.

Autoerotismo e zona erógena formam o par perfeito na descrição da sexualidade infantil ainda nesse ano da primeira edição. Dois conceitos: o primeiro, autoerotismo, definido como a obtenção de prazer sem o auxílio de um objeto[9], um estado no qual as

pulsões se satisfazem sem que haja uma organização para tal; o segundo, zona erógena, retrata a situação de uma pele ou mucosa sobre as quais certos tipos de estímulos provocam prazer. Caso esses estímulos tenham *"aptidão para isso",* qualquer parte do corpo pode funcionar como uma zona erógena. Porém, a condição prévia para a satisfação é que esta seja uma repetição: "para que se crie uma necessidade de repeti-la, essa satisfação tem que ter sido vivenciada antes" (Freud, 1905/1969, p. 167). E, ainda: "só pode alegrar-nos sumamente descobrir que, uma vez compreendida a pulsão vinda de uma única zona erógena, não temos muito mais coisas importantes a aprender sobre a atividade sexual das crianças" (Freud, 1905/1969, p. 168).

Sobre a polimorfia perversa, vejamos o que retrata Freud (1905/1969):

> é instrutivo que sob influência da sedução a criança possa converter-se em um perverso polimorfo, sendo induzida a praticar todas as transgressões possíveis... a influência da sedução não ajuda a descobrir a condição inicial da pulsão sexual, mas confunde nosso entendimento dela, na medida em que traz prematuramente para a criança o objeto sexual, do qual a pulsão sexual infantil não demonstra inicialmente nenhuma necessidade (p. 173-174).

O ano de 1905 ficou marcado como sendo a data inaugural e revolucionária para a psicanálise. O texto final, mesmo depois de vinte anos de acréscimos, intencionalmente ficou datado no ano de 1905.
Acréscimos:

Em 1910: observação direta de crianças, caráter sexual do simbolismo infantil e os sentimentos infantis em relação aos pais. Freud (1905[1910]/1969): "Nos inteiramos de que as crianças de três a cinco anos de idade são capazes de uma clara eleição de objeto acompanhada de fortes afetos" (p. 176).

Em 1915: o recalque para explicar a amnésia infantil, a formação reativa e sua diferença com a sublimação, a demarcação da diferença entre sexual e genital, a propriedade da erogeneidade em todo o corpo e órgãos internos. Acrescentam-se a isso as fases da masturbação infantil: a primeira, a do chupeteio; a segunda, no quarto ano de vida, correspondendo ao florescimento da atividade sexual infantil; e a terceira, a da puberdade. Toda a sessão sobre a investigação sexual infantil foi introduzida em 1915, a pulsão de saber.

Uma importante colaboração para o segundo dos três ensaios nesse ano é a organização libidinal infantil. A partir desse ano, a vida sexual infantil vai apresentar uma lógica pré-genital organizada como oral e anal.

O conceito de narcisismo e uma separação mais organizada entre a vivência sexual infantil e vida sexual adulta aparece com clareza, com a passagem da libido do eu ego à libido objetal.

A invenção freudiana da noção de pulsão[10], encontrada no texto "Os instintos e suas vicissitudes" (1915), é certamente um avanço do autor em relacionar a geografia do corpo com a construção da fantasia.

A propósito do recalcamento, Freud (1915b/1969) acrescenta que a atividade anal e seus produtos constituiriam a primeira vez em que o pequeno sujeito vislumbraria a existência de um meio hostil em relação a suas produções pulsionais, encontrando aqui a razão pela qual o indivíduo abandonaria o prazer pré-genital em função da conquista de um prazer genital.

Em 1920, ano do texto "Mais além do princípio do prazer", marca uma maior aproximação com a noção de corpo, um corpo como fonte de prazer sexual: "o organismo constitui o poder executivo de toda sexualidade infantil" (Freud, 1905[1920]/1969, p. 172 – nota de rodapé).

Finalmente, em 1924, no seu ultimo somatório de notas ao texto, Freud (1905/1969) acrescenta a fase fálica. Essa nota é incluída depois da publicação, em 1923, do texto "A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade". Nesse texto, Freud (1923/1969) dará importância à marca da diferença entre os sexos: o pênis favorecerá a descoberta desta diferença para o menino e para a menina.

Em 1905, não existe definição de períodos ou fases, e Rodrigué (1995) aponta que só depois das outras edições (1910, 1915, 1920, 1924), o polimorfismo da edição original foi reduzido.

A latência não poderia ser pensada como uma fase sem que a noção de fase libidinal fosse implementada dentro da organização pré-genital, antes que a noção de fases da libido fosse possível (oral, anal e fálica). A minha hipótese é a de que, como uma organização para a sexualidade infantil só será possível a partir de 1915, e a descrição da fase fálica em 1924, a latência[11], antes disso, não tem também uma organização delimitada por um *período*, e é definida como um momento da sexualidade infantil em que não se pode *observar* uma exteriorização sexual, mas nem por isso a sexualidade estaria apagada.

O que está claro desde 1905 é que, na infância, as crianças, desde a mais tenra idade (bebês, por exemplo), possuem de forma observável manifestações que se poderiam dizer sexuais, por comportarem uma liberação de prazer. Essas exteriorizações sexuais são exemplificadas com o chupeteio e a masturbação. Mas essa visibilidade perde terreno na latência, através do mecanismo de recalcamento : "processo através do qual o prazer da satisfação se transforma em desprazer" (Freud, 1915b/1969, p. 169). O recalcamento e a latência têm motivos para se tornarem cúmplices e estruturantes no que tange à sexualidade.

A partir de 1924, temos: uma organização do recalcamento em fases e a noção de uma periodização na organização sexual infantil (cf. Freud, 1915b/1969, p. 169) e, portanto, marcadamente um período para a latência, definindo-o, assim, como uma fase de latência. Doravante podemos relacionar a repressão e a latência. Essa fase limite marca o fato de que há uma passagem entre a sexualidade infantil e a adulta. A partir desse ano, o autor organiza o que antes, em 1905, tinha deixado pulverizado: uma organização da distinção entre o sexual na infância

e no adulto.

Já em 1915, a entrada das fases da libido, do recalcamento e da latência, constituindo um período delimitado, será determinante para um novo limite entre a criança e o adulto. Novo limite, pois, longe de ter igualado os dois tempos de maturidades sexuais, apenas ao ampliar a noção de sexualidade descaracterizou a antiga concepção de sexualidade como genitalidade, retirando do prumo antigos limites. Além da subordinação da latência a uma organização sexual infantil, foi necessário também que, a partir de 1924, a noção de fase fálica fosse introduzida. Depois da separação ocorrida em 1915 entre vida sexual adulta e sexualidade infantil, a fase fálica amortizará essa passagem entre o sexual na criança e no adulto. Ou melhor, a entrada da fase fálica na organização libidinal vai acrescentar o aparecimento de uma certa "genitalidade" antes da puberdade, numa fase ainda pré-genital, diríamos. Desta forma, o aparecimento do privilégio da genitalidade na vida sexual adulta não se daria de forma tão abrupta, mas sim como uma consequência lógica das vivências sexuais infantis.

Da cronologia. Em 1905 são, portanto, características da sexualidade infantil:

- Ter a condição de se repetir, ser ritmada como se se tratasse de uma condição orgástica.

- Não conhecer nenhum objeto sexual externo ao corpo e ser, portanto, autoerótica.

- Sua meta sexual está subordinada à zona erógena, apresentando uma verdadeira polimorfia do prazer.

- As manifestações sexuais infantis são exteriorizações observáveis e demonstráveis: *é observando a polimorfia perversa na criança.*

Já em 1924, a sexualidade infantil apresenta-se:

- Organizada em fases libidinais (oral, anal e fálica).

- Apresenta objeto sexual, mesmo que somente o masculino representado pelo falo, de interesse para ambos os sexos.

- A diferença sexual passa a ter importância na constituição da sexualidade.

- Existem zonas erógenas em todas as partes do corpo, mesmo nas internas (mucosas), ainda que existam algumas privilegiadas.

- Existe um período de recalcamento e um período de latência na passagem para vida sexual adulta.

- Na decomposição da pulsão, vão existir outras que não são exclusivamente sexuais, mas que se ligam a elas, como é o caso da pulsão de saber.

- A observação não pode oferecer instrumentos para o conhecimento da sexualidade infantil: *"Se os homens soubessem aprender com a observação direta, este ensaio poderia não ter sido escrito"* (FREUD, 1905[1924]/1969, p. 120 – Prólogo à quarta edição).

Preço para amadurecer

O terceiro ensaio, apesar de mais árduo para a leitura, merece ter sua importância reconhecida, pois possibilitará acompanhar o caminho percorrido por Freud entre a vida sexual adulta e a sexualidade infantil nesse momento de sua obra:

A pulsão sexual era até então predominantemente auto-erótica, agora direciona-se ao objeto sexual. Até esse momento, atuava partindo de pulsões e zonas erógenas singulares que, independentemente umas das outras, buscavam um certo prazer em qualidade de única meta sexual. Agora é dada uma nova meta sexual; para alcançá-la, todas as pulsões parciais cooperam, ao passo que as zonas erógenas se subordinam ao primado da zona genital (FREUD, 1905/1969, p. 189).

O grande problema é explicar como o indivíduo abandona o prazer das zonas erógenas[12] para um prazer a ser alcançado com o primado genital, se essas mesmas zonas erógenas já oferecem um prazer sexual. Para dar conta dessa questão, Freud (1905/1969) recorre à noção de pré-prazer.

A entrada da noção de pré-prazer justifica a passagem para o primado genital, além de promover um aspecto a mais na diferenciação entre vida sexual adulta e sexualidade infantil.

A combinação não seria somente entre pré-prazer e prazer genital, mas entre as sensações das zonas erógenas e sensações da zona genital. Essas zonas genitais se convertem na sede de excitações e alterações sempre que as zonas erógenas forem acionadas.

Minha hipótese consiste, portanto, no fato de que Freud desenha uma constituição de dois campos que possuem uma zona de interface, tanto no aparecimento das sensações genitais na infância, quanto na sobrevivência de certa polimorfia perversa infantil no adulto. Por conseguinte, o que o autor realiza é uma regulação da diferença quanto à sexualidade da criança e à do adulto:

> Observa-se que, no percurso para o conhecimento, começamos por fazer uma idéia muito exagerada da diferença entre a vida sexual infantil e a madura, e agora fazemos uma emenda a isso... Não só os desvios da vida sexual normal como também a configuração normal desta são determinados pelas manifestações infantis da sexualidade (FREUD, 1905/1969, p. 218).

A separação entre masculino e feminino só toma significação após a puberdade, e essa distinção será fundamental na sexualidade do adulto: "que influi de maneira decisiva, mais que qualquer uma outra, sobre a trama vital dos seres humanos" (Freud, 1905/1969, p. 200). Na criança, a fase fálica, que é uma primeira aproximação da zona genital, apresenta o caráter unicamente masculino dessa representação genital: ter ou não ter o pênis marca, de certa forma, o prelúdio para a organização genital madura.

Na puberdade existirá a necessidade de distinção sexual e o primado da zona genital irá se firmar: "no rapaz, o ímpeto do membro ereto remete imperiosamente a uma nova meta sexual: penetrar

na cavidade do corpo que excite essa zona genital" (Freud, 1905/1969, p. 202).

Acredito que a marginalidade que até então o complexo de Édipo sofria na teoria da sexualidade infantil dá seus primeiros sinais de ser revisada. Dada a invenção da fase fálica e da latência, o complexo de Édipo começa a ser incorporado à sexualidade infantil. É aqui, no terceiro ensaio, em apenas uma nota de rodapé acrescentada em 1920 (após o texto "Uma criança é espancada"), que o complexo de Édipo parece explícito:

> se tem dito com acerto que o complexo de Édipo é o complexo nuclear das neuroses, a peça essencial do conteúdo dessas. Nele culmina a sexualidade infantil que, por suas conseqüências, influi decisivamente sobre a sexualidade do adulto (FREUD, 1905[1920]/1969, p. 206 – Nota 28).

O que ocorre é que essas inclinações infantis, essas fantasias (representações que não se realizam), apresentam-se na vida sexual adulta:

> É no mundo das idéias, contudo, que a escolha de um objeto é realizada inicialmente na vida e a vida sexual dos jovens em amadurecimento é quase inteiramente restrita ao terreno das fantasias... Entre essas tendências o primeiro lugar é ocupado com freqüência uniforme pelos impulsos sexuais da criança em relação aos pais, que via de regra, já são diferenciados devido à atração pelo sexo oposto (FREUD, 1905/1969, p. 234).

O complexo de Édipo só pode ser incorporado explicitamente à teoria, quando a noção de fantasia é assumida e relacionada à sexualidade por Freud (1919/1969), a partir do texto "Bate-se numa crianca".

A desbiologização e a desnaturalização tiveram que fazer parte do projeto freudiano de construção da sexualidade humana e da consequente sexualidade infantil.

Referências Bibliográficas

[1] Só-depois [Nachträglichkeit]: É verdade que tudo o que Freud constrói na sua teorização está imerso em uma temporalidade. Quanto à atemporalidade do inconsciente, o que Freud ressalta com isso é a indestrutibilidade do desejo (PORGE, 1996, p. 519). O só-depois é escrito por Freud como um segundo tempo que ressignifica o primeiro tempo; essa ressignificação se dá a tal ponto que esse primeiro tempo pode ser considerado uma construção do sujeito realizada a partir do segundo tempo.

[2] Existem controvérsias sobre o quanto o autor já sabia sobre a sexualidade infantil antes de 1905. Segundo nota introdutória do editor James Strachey, (Ed. Amorrortu), parece evidente que Freud já tinha conhecimentos sobre sua teoria da sexualidade desde o historial clínico de "Dora": "os delineamentos principais da teoria já estavam estabelecidos" (p. 115); e continua adiante: "não obstante, Freud não tinha pressa por dar publicidade a seus resultados" (p. 115). Não negamos que já existiam indícios que, sem dúvidas, apontavam para essa descoberta. O próprio Freud (1899/1986) comenta em várias ocasiões sobre isso: "uma teoria da sexualidade pode muito bem ser a sucessora imediata do livro dos sonhos"; e, mais tarde: "estou reunindo material para a teoria da sexualidade, à espera de que alguma chama venha acender todo o material acumulado" (Freud, 1900/1986). Marcamos a diferença entre "os germes", os indícios da sexualidade infantil e sua publicação, que só ocorrerá em 1905. Existe, portanto, uma distinção entre a evolução interna do pensamento do autor e a cronologia de sua obra publicada. Resta-nos, então, a questão: se já sabia, por que não publicar?

[3] Murcia (1991) estabelece algumas referências para declarar o caráter perverso de um texto. São elas: heterogeneidade narrativa e indeterminação temporal. No caso de Freud, estamos usando o "seu caráter perverso" do texto apenas no sentido descritivo da palavra perverso, que perverte normas e antigos conceitos, não chegando a ser um caso de heterogeneidade narrativa e nem de indeterminação temporal (mesmo compondo um texto com complementos de quase vinte e cinco anos).

[4] É preciso separar, portanto, qual concepção de sexualidade está sendo tratada por Freud e seus contemporâneos. Pois, nestes termos, sabe-se que a sexologia permaneceu ligada a uma concepção de normalidade relacionada com a genitalidade, e a psicanálise propõe uma "ampliação" do conceito de sexualidade.

[5] O termo que iremos ultilizar nesse trabalho é pulsão. Gostaríamos de manter o privilégio da distinção entre pulsão e instinto, e nos utilizaremos do primeiro para nos referirmos à sexualidade humana: "com Trieb, a ênfase recai sobre o impulso quase cego, demoníaco, procurando mais a satisfação do que um fim preestabelecido" (Laplanche, 1997, p. 16); já o Instinkt "é definido como reação finalizada e pré-formada, dada como herança" (Laplanche, 1997, p. 17).

[6] A desnaturalização do instinto aponta unicamente para a afirmação de que há um desvio do instinto quando se trata de sexualidade. Freud não abandona seu projeto de ciência natural, porém, nesse momento, aparece uma conexão entre pulsão e objeto que aparentemente pode ser endógena, genética, natural, mas não é. O sensível é da natureza, mas as relações explicativas entre os fenômenos nem sempre são, por isso, visíveis.

[7] Meta é uma tradução possível para Ziel (usada, por exemplo, por GABBI Jr. na versão que fez para o Projeto), que pode também ser denominado objetivo, assim como aponta a distinção que está sendo realizada por Freud entre objeto e objetivo.

[8] No final do ensaio, Freud (1905/1969) utilizará a denominação: perversões positivas e perversões negativas.

[9] É interessante observar aqui a contribuição

de Sauret (1992) ao considerar o autoerotismo como posterior à relação com o outro. Seria pela falta da presença do outro para a satisfação das necessidades biológicas (teoria do apoio) que, inicialmente, a criança começa a tentar se satisfazer sozinha. Segundo Laplanche (1997, p. 28), a noção de apoio é um conceito importante, mas, no entanto, implícito à obra de Freud. É possível retirá-la somente de alguns poucos textos freudianos.

[10] Manteremos aqui o termo pulsão, não por conta de uma possível maior fidelidade ao termo Trieb usado por Freud – pois, como trabalhou Souza (1999), em As palavras de Freud, o termo instinto em português poderia ser indicado –, mas, em todo caso, pelo que argumenta Lacan (1964/1996), em seu seminário sobre Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise: o termo pulsão merece ser mantido pelo caráter de um impacto desconcertante que a palavra apresenta e, consequentemente, pelo que provoca no leitor. Acreditamos ser uma argumentação interessante por guardar na própria palavra o impacto da invenção freudiana.

[11] Podemos encontrar na própria obra de Freud alguns trechos que corroboram nossa hipótese. No terceiro ensaio, por exemplo, temos uma passagem interessante: "o malogro da função do mecanismo sexual por culpa do pré-prazer se evita, sobretudo, quando já na vida infantil se prefigura de algum modo o primado das zonas genitais. Os dispositivos para isso parecem estar realmente presentes na segunda metade da infância (desde os oito anos até a puberdade)" (Freud, 1905/1974, p. 193). Ora vejam, dos oito anos até a puberdade? Onde estaria a latência nesse caso? E continua: "Nesses anos, as zonas genitais se comportam já de maneira similar à época da maturidade... este efeito segue carecendo de fim" (Idem).

[12] O prazer das zonas erógenas é de intensidade menor e não leva a um aumento de tensão.

Freud, S. (1969). A Sexualidade na Etiologia das Neuroses. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., vol. III). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original de 1898)

Freud, S. (1969). Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., vol. VII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original de 1905).

Freud, S. (1969). Sobre as Teorias Sexuais Infantis. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original de 1908).

Freud, S. (1969). Os instintos e suas vicissitudes. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original de 1915a).

Freud, S. (1969). Repressão. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original de 1915b).

Freud, S. (1969). Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., vol. XVII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original de 1919).

Freud, S. (1969). Além do princípio do prazer. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original de 1920).

Freud, S. (1969). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original de 1923).

Freud, S. (1969). A dissolução do complexo de Édipo. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original de 1924).

Freud, S. (1969). Prefácio a juventude desorientada de Aichhorn. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original de 1925).

Freud, S. (1974). Tres Ensayos sobre la Teoria da Sexualidad. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original de 1905).

Freud, S. (1986). A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess (1887-1904). (J. M. Masson, org.). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1996). Projeto para uma Psicologia Científica (1895). (O. Gabbi Jr., trad.). Rio de Janeiro: Imago.

Garbi, O. F. (1984). Freud Racionalidade Sentido e Referência. Col. CLE. Campinas: Unicamp.

Hans, L. (1999). A teoria pulsional na clínica de Freud. Rio de Janeiro: Imago.

Lacan, J. (1996). O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Zahar.

Laplanche, J. (1997). Freud e a Sexualidade, um desvio biologizante. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Maeso e col. (1992). El porqué de las perversiones en la obra de Freud y Lacan. In Rasgos de perversiones en las estructuras clínicas. Buenos Aires: Manancial.

Monzani, L. (1989). Freud Movimento de um Pensamento. Campinas: Unicamp.

Murcia, C. (1991). Um caso de perversão narrativa. Revista Critique, nov. tomo XL, n. 534.

Porge, E. (1996). Tempo. Kaufmann, P. (Org.). Dicionário enciclopédico de Psicanálise (p. 519). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Porge, E. (1998). Roubo de idéias? Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Rodrigué, E. (1995). Sigmund Freud, o século da psicanálise. São Paulo: Escuta.

Sauret, M. J. (1992). De l'infantile à la structure. Paris: Presses Universitaires du Mirral.

S, P. C. (1999). As palavras de Freud. São Paulo: Ática.

topos

REVISTA TOPOS, V. 14, ANO 2017

RESENHA

As depressões, o luto e a melancolia [1]

Jean-Jacques Tyszler [2]

AS DEPRESSÕES, O LUTO E A MELANCOLIA

Letícia P. Fonseca[3]

[1] Coletânea de artigos e conferências proferidas na EPEHEP (École Pratique des hautes Études en Psychopathologie) por Jean-Jacques Tyszler, entre 2014/2017, organizada por Leticia P. Fonseca.

[2] Psicanalista, membro do ALI – Association Lacanienne Internationale, diretor médico do Centro Médico Psicopedagógico da MGEN,diretor de ensino do Hospital de Ville-Evrard.

[3] Psicanalista, membro inscrito do Espaço Moebius Psicanálise, membro da ALI – Association Lacanienne Internationale.

A presente coletânea, reunindo textos e conferências recentes de Jean-Jacques Tyszler, traz-nos reflexões marcantes e elucidativas sobre a sintomatologia contemporânea. Refletindo sobre a generalização do diagnóstico de depressão, o autor inicia questionando o uso e a propagação do termo bipolaridade, buscando elucidar este termo psiquiátrico, atualmente na moda, que vem substituir a psicose maníaco-depressiva, a mania e a melancolia, prestando-se, basicamente, a fazer a fortuna da indústria farmacêutica. Numa época em que numerosas forças políticas reivindicam seu direito de serem os guardiões do mundo, mas em que o perigo provém de todos os lados, em que constatamos *um sentimento de insegurança multipolar*, temos em contrapartida *eu sou bipolar*, a afirmação de uma identidade, uma maneira diferente de estar no mundo, condizente com traços de agitação maníaca, bem mais ligada à posição do individualismo moderno.

Avançando na sequência dos textos, aportamos na depressividade: termo que toma proporção considerável numa clínica cada vez mais submetida à farmacopeia. Salienta o autor que, enquanto grande neurose contemporânea, a depressão revela-se uma terminologia pouco especificada que faz pouco caso da antiga nosografia. Enfocando o livro de Imre Kertész – *L'holocauste comme culture* – Tyszler propõe-nos uma perspectiva que ligue a função do olhar sobre a vida à sua inclusão na língua, esta trabalhada e modificada pelo curso e pelos movimentos trágicos da História.

No texto subsequente, o autor ressalta que os termos *mania* e *melancolia* já integravam o vocabulário dos gregos na Antiguidade. Chama-nos a atenção para a pertinência de uma reflexão mais acurada sobre a pulsão de morte, sempre aludida pelos meios de comunicação através das guerras e barbáries reiteradamente alardeadas, apontando o lado cíclico e repetitivo do retorno para a morte. Lembra que Freud fez da repetição um dos conceitos chaves da sua psicopatologia, seguindo-se Lacan com a abordagem do Real que nos comanda, o qual é necessário colocar no princípio da ação. E, prosseguindo, circunscreve Tyszler a pulsão de morte presente de diversas formas nas variadas manifestações sintomáticas da atualidade.

Nos seminários sobre Luto e Melancolia, o autor destaca que Freud não se apoia na longa história da melancolia, nem mesmo no tesouro do alienismo da sua época, mas coloca para si mesmo uma questão simples: como enfrentamos uma perda e continuamos a viver após o luto de um ente querido? Enfatiza para nós que a clínica se contextualiza, refletindo então sobre o contexto de Freud à época desse escrito, na Viena de 1915. Ressalta, então, aspectos diversos nos quais podemos observar uma caminhada em direção à ideia de uma pulsão

de morte: Freud desgastado pelo esforço psíquico de dever encaixar inúmeras dificuldades – a guerra, os filhos em campo de batalha, etc. – ante aquele real que o esgota. Sublinhando assim o luto enquanto reação à perda de um ser amado, ou de uma abstração à qual um valor maior é atribuído: a pátria, a liberdade, um ideal, ressalta o autor ter acompanhado pacientes que estavam no luto de um ideal comunista. Levando-nos a indagar então, quanto à nossa clínica, em qual contexto vivemos e quais os ideais que nos circundam?

No segundo seminário, indo de Freud à atualidade, o autor observa que *o mais difícil para nós todos é a psicopatologia da vida cotidiana*. Isso dá força e beleza ao texto de Freud. Lembra-nos que o que mais refutamos no luto não é simplesmente a perda, mas é sobretudo não mais faltar ao outro. Enfatiza que, no luto, a realidade pronuncia então seu veredicto, levando o enlutado a voltar o olhar sobre si mesmo e procurar um ponto de narcisismo para continuar a ter um valor no mundo, explicitando para nós como se passa da relação fantasmática à relação de objeto à maneira da incorporação do traço. Tyszler exemplifica situações singulares dos atendimentos com crianças: os transtornos psicomotores decorrentes de lutos abandônicos onde a agitação e/ou posição depressiva indica às vezes um tempo dialético necessário, sublinhando o trabalho da letra proposto por Lacan.

Na intervenção de 7 de fevereiro, questionando a passagem do Nome-do-Pai aos Nomes-do-Pai, Tyszler alude à tela de Caravaggio – *O Sacrifício de Isaac* – para enfatizar não apenas a Shoá, mas os tempos genocidários em geral. Enfocando o episódio do Charlie Hebdo, ressalta aspectos importantes sobre a identificação. E, de Caravaggio à Antígona, pelo viés do pavor, sublinha que as palavras que relatam os genocídios são difíceis de dizermos a nós mesmos. Isso nos deixa perplexos diante da forma magistral com que Freud, ante um contexto que implica várias perdas sofridas, consegue produzir, escrevendo *Psicologia de grupo e análise do eu*. Todavia, nesse vai-e-vem dialético que nos fala tão de perto, lembra-nos o autor que, em momentos de crise, haverá sempre um apelo à ideologia. E, debruçando-se sobre as questões políticas, adverte que tudo aquilo que é

foracluído do imaginário narrativo não cessa de desatar o imaginário especular. Portanto, é preciso que haja um discurso que pare a depressividade.

No último seminário sobre Luto e Melancolia, Tyszler soletra ainda os aspectos mais importantes do texto freudiano, observando que ao deixar quase totalmente de lado a questão da anestesia afetiva, Freud busca especificar melhor a ambivalência amor-ódio, conflito que, segundo Karl Abraham, não pode ser negligenciado nas preliminares da melancolia. Evoca o autor o que ocorre quando a sombra do objeto cai sobre o sujeito e, parafraseando a atualidade, destaca que, por vezes, é esse objeto mesmo que toma o comando. Enfatiza que, na melancolia, temos a ver com uma situação em que o objeto a fala claramente; é o monstro que é preciso suprimir de toda a vida. Entretanto, o enigma resta ainda não resolvido: por que há uma loucura circular? Por que há pacientes que não conhecerão uma vida senão com acessos melancólicos, enquanto outros apenas com acessos maníacos?

Observa Tyszler que Freud manteve um estatuto à parte para a maníaco-depressão, que é com Lacan que, em seu imenso seminário, a partir da foraclusão do Nome-do-pai arrumamos a psicose maníaco-depressiva na psicose. Mas não há nada que nos impeça de fazermos um retorno para trás agora, e percebermos que entre Freud e Lacan há afastamentos, distinções, questões que permanecem.

Na sequência dos textos o autor retoma a mania, a melancolia e a psicose maníaco-depressiva contemplando esse intervalo de cem anos após o texto de Freud. Lembra que os termos melancolia e mania nos advêm da herança grega, enquanto que a loucura de forma dupla, a loucura circular ou a loucura maníaco-depressiva são nomeações do alienismo francês. Já o transtorno bipolar escamoteia a gravidade destas afecções, na descrição de um desequilíbrio neurobiológico que se busca corrigir por medicamentos. Assim, ele indaga: estamos efetivamente em uma clínica tributária do postulado único da foraclusão do Nome-do-Pai, ou nos é necessário considerar formas diferenciais da foraclusão?

E assim prosseguindo, lembra-nos Tyszler que a doença contém um ritmo e que devemos provavelmente conceder toda importância a esta ideia de um ritmo, pois na estrutura da língua não há apenas metáfora e metonímia. *O ritmo imprime as formas do vivente*. Assim, propõe-nos o autor:

> Talvez sejam alguns furos no imaginário narrativo, constituídos cedo na infância, que fazem apelo a uma duplicação devastadora sobre a percepção.

Seguem-se, nos últimos textos, questionamentos sobre a grande unificação das psicoses através do paradigma da foraclusão do Nome-do-Pai, onde Tyszler propõe que retomemos a questão com a prudência de Freud a respeito da maníaco-depressão. Indaga se a foraclusão seria válida para toda psicose, ou se caberia buscá-la mais do lado *do* ou *no* imaginário, aventando a hipótese de que a foraclusão de um imaginário narrativo pode retornar no imaginário especular.

Pensando com o autor, sabemos que a abordagem transferencial dos pacientes tem lucrado imensamente com as contribuições provenientes da experiência adquirida desde Freud, entretanto, é preciso que isso seja enfatizado e discutido amplamente para que as autoridades de saúde não busquem desconhecer, sistematicamente, a abordagem psicanalítica em suas recomendações aos profissionais e às instituições.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

1. Serão publicados na Revista Topos trabalhos de Psicanálise, que deverão ser inéditos, salvo exemplos de traduções ou textos cuja importância se faça necessária por avaliação da Comissão Editorial;

2. Poderão ser publicados trabalhos escritos pelos membros do Espaço Moebius Psicanálise, bem como trabalhos de convidados pela Comissão Editorial e de outros colaboradores interessados.

3. Serão aceitos trabalhos publicados em língua portuguesa ou espanhola. Ficará a cargo do autor a tradução para o português dos trabalhos enviados em outro idioma.

4. Poderão também ser publicadas Resenhas, Entrevistas e outros escritos que articulem a Psicanálise com outras áreas do conhecimento.

5. Os textos deverão seguir as normas técnicas da APA e alguns critérios aqui estabelecidos:

6. O autor deverá enviar o texto no seguinte padrão: máximo 10 páginas (incluindo referências bibliográficas), com no máximo 20 mil caracteres aproximadamente, incluídos os espaços; formato A4, documento tipo Word for Windows, fonte Times New Roman, tamanho 12;

7. Nome do autor ou autores, após o título; afiliação institucional, endereço de e-mail e créditos em nota de rodapé na primeira página;

8. Título em Português e em Inglês; Resumo em Português e em Inglês (de cinco a dez linhas); Palavras-chave em Português e em Inglês devem ser sugeridas pelo autor (em torno de seis); Quanto aos trabalhos em outros idiomas, também deverá constar o Título, Resumo e Palavras-chave no idioma do autor;

9. Relativo às resenhas e entrevistas sugerimos não ultrapassar o limite de 5 páginas, seguindo a mesma formatação descrita acima;

10. As citações deverão estar acompanhadas de sua fonte, com a(s) página(s) respectiva(s);

11. As notas de rodapé deverão ser numeradas consecutivamente no texto.

12. As palavras-chaves deverão ser separadas por ponto final. Exemplo: Psicanálise. Sintoma. Sexualidade infantil.

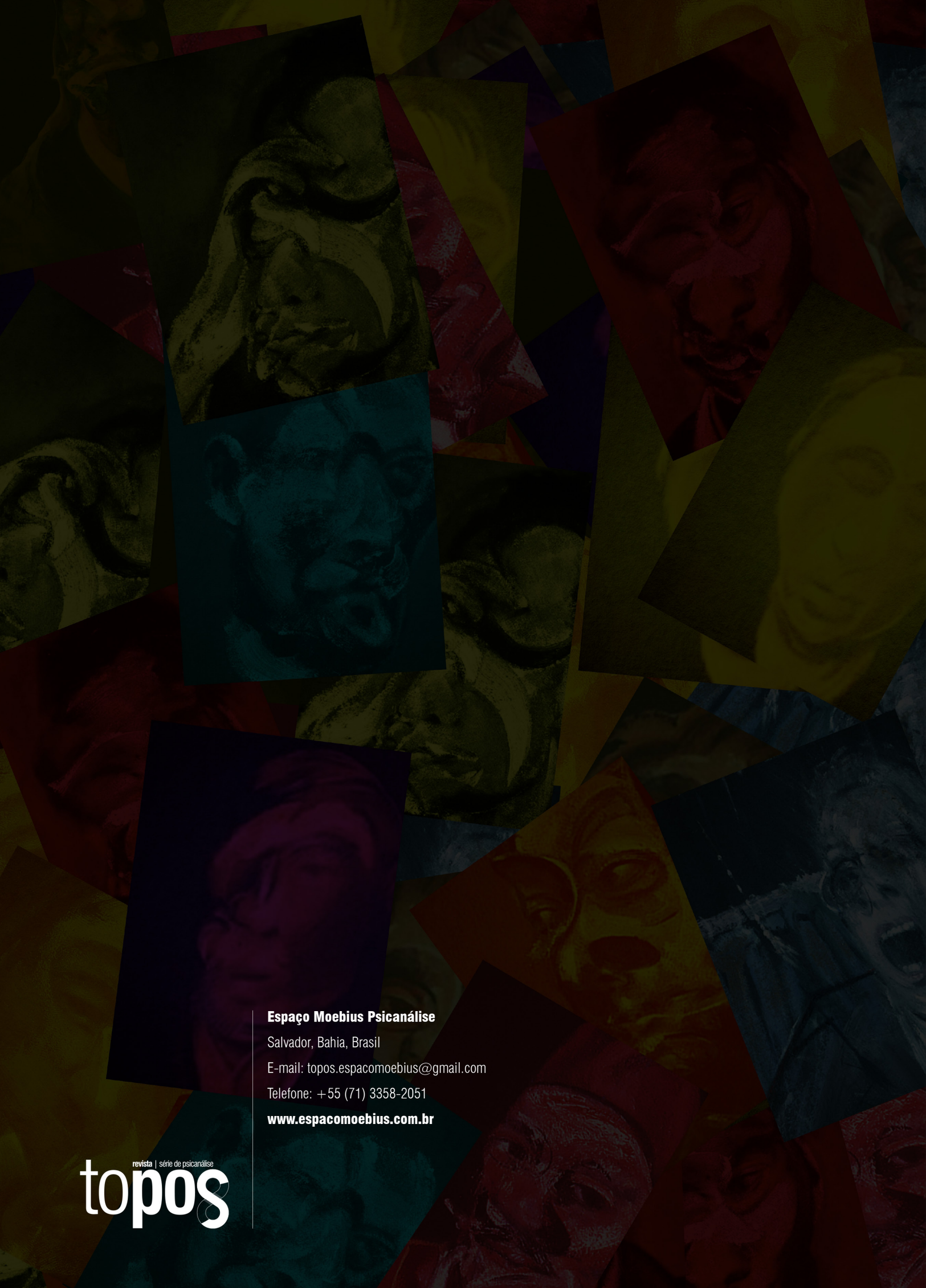
13. A seleção e revisão dos artigos ficará a cargo da Comissão Editorial, e os mesmos serão submetidos à apreciação do Conselho Editorial da revista, o qual emitirá um parecer favorável ou não favorável à publicação, e poderá solicitar ou sugerir ao autor eventuais modificações no seu texto . A Comissão enviará por e-mail o parecer final ao autor acerca da publicação ou não do material recebido, reservando-se o direito de não publicar os trabalhos que não se enquadrem nas normas estabelecidas ou na linha editorial da revista.

14. O período para recebimento dos artigos será divulgado a cada ano por meio do site do Espaço Moebius e outros meios de divulgação: e-mail, facebook etc.

15. Os artigos deverão ser encaminhados para e-mail topos.espacomoebius@gmail.com, aos cuidados da Comissão Editorial

16. As dúvidas e outras informações também deverão ser encaminhas para o e-mail da Revista. topos. espacomoebius@gmail.com

Espaço Moebius Psicanálise:
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº 811, Sala 1304, Centro Empresarial Joventino Silva. Itaigara. Salvador. Bahia. Cep. 41825-000 (71) 3358-2051 https://www.espacomoebius.com.br/



Espaço Moebius Psicanálise
Salvador, Bahia, Brasil
E-mail: topos.espacomoebius@gmail.com
Telefone: +55 (71) 3358-2051
www.espacomoebius.com.br

revista | série de psicanálise
topos